

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

FRONTISPÍCIO INTERNO DO LIVRO

Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita

●

Exposição completa das condições
necessárias para a comunicação
com os Espíritos e os processos
de desenvolvimento da faculdade
mediúnica.

●

TRADUÇÃO
DE
JOÃO TEIXEIRA DE PAULA

1.^a Edição

●

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 30.º ANIVERSÁRIO
DA



LAKE - LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA
Rua Dom Duarte Leopoldo, 170 — C. Postal 15.190 - Z. P. 12 — S. PAULO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Muitas pessoas nos pediram que lhes indicássemos as ações necessárias que deveriam observar no sentido de pudessem um dia tornar-se médium. A solução da questão, uma vez que assenta em conhecimentos preliminares de certa extensão, é mais complexo do que o possa parecer à primeira vista; para que possamos fazer experiências de Física e de Química necessário é que antes conheçamos a Física e a Química.

As respostas que demos às pessoas interessadas não podiam abarcar desenvolvimentos incompatíveis com os limites de uma correspondência epistolar; faltou-nos ademais material para podermos satisfazer às perguntas feitas, e nos levou à publicação desta instrução, sem dúvida nenhuma mais completa do que tudo quanto houvéssemos de escrever diretamente.

Enganar-se-ia todavia aquele que supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para a formação de médiuns; conquanto cada um de nós encerre em si mesmo qualidades necessárias para vir a sê-lo, elas só existem em graus mui diferentes e o seu desenvolvimento decorre de causas independentes da nossa vontade. Aqueles, que não tiverem a bossa natural da poesia, da pintura e da música, nunca, com o simples conhecimento das regras daquelas, serão transformados em poetas, pintores ou músicos.

Orienta-los-ão apenas no emprego das faculdades.

É exatamente o que se dá com o nosso trabalho, cujo objetivo é o de desenvolver a faculdade mediatriz tanto quanto permitirem as condições pessoais e sobretudo, desde que a faculdade exista, o de dirigir de maneira útil o emprego dela. Mas não é este o único objetivo que nos propusemos; ao lado daqueles que propriamente são médiuns, existe um grande número de pessoas, que cresce dia a dia, que deseja ocupar-se das manifestações espíritas; guiá-las nas observações; assinalar-lhes os escolhos que, necessariamente, podem e hão de encontrar em matéria tão nova; iniciá-las no modo de tratarem com os Espíritos; indicar-lhes os meios de que devem lançar mão para a obtenção de boas comunicações-esse é o círculo, sob pena de produzirmos obra incompleta, a que nos devemos apegar. Assim, pois não será para surpreender o encontro, em o nosso trabalho, de ensinamentos que à primeira vista poderiam parecer extravagantes, mas cuja utilidade a experiência se incumbirá de nos mostrar. Depois de os havermos estudado com cuidado, compreender-lhes

melhor os fatos testemunhados e a linguagem de alguns Espíritos nos há de parecer menos esquisita.

O presente trabalho, como instrução prática, não se endereça exclusivamente a médiuns, mas sim a todos quantos desejarem ver e observar os fenômenos espíritas.

A ciência espírita está necessariamente na existência dos Espíritos e na sua intervenção no mundo corporal. Tornar-se-ia hoje supérflua a demonstração do fato, uma vez que ele é aceito por tanta gente. Sendo o nosso objetivo o de guiar as pessoas desejosas de se ocuparem com as manifestações, queremos crer que elas estejam suficientemente esclarecidas acerca dessa questão, bem como das verdades fundamentais dela decorrentes. Eis o motivo por que não as discutiremos, nem procuraremos manter controvérsias, nem refutar objeções.

Dirigimo-nos somente às pessoas convictas ou predispostas, às de boa fé, ou que pretendem sê-lo; aqueles que tudo ainda deverão aprender não encontrarão aqui as demonstrações que apreciariam encontrar, já mesmo porque consideramos incontrovertido o ponto de partida. Diremos àqueles que contradisserem o nosso ponto de partida: quando a ocasião se lhes apresentar, vejam e observem; se, não obstante os fatos e os raciocínios., os senhores ainda persistirem na incredulidade, tomaríamos como tempo perdido o que aplicássemos em tirá-los de um erro em que se comprazem sem dúvida. Respeitamos-lhes a opinião, respeitem portanto a nossa. Ê tudo quanto lhes pedimos.

Daremos início à instrução expondo os princípios gerais da Doutrina; conquanto pareça mais racional começar pela prática, queremos crer que agora não é o caso; há uma convicção moral que só o raciocínio nos poderá dar; aqueles pois que tiverem adquirido as primeiras noções pelo estudo da teoria compreenderão melhor a necessidade de alguns preceitos recomendados pela prática e ficarão com disposições mais favoráveis. Levando os indecisos para o terreno da realidade, esperamos destruir os preconceitos que possam prejudicar o resultado objetivado, poupar ensaios inúteis, porque mal dirigidos ou dirigidos para o impossível, combater enfim as idéias supersticiosas, que sempre se originam de uma noção falsa ou incompleta das coisas.

As manifestações espíritas são a fonte de uma porção de idéias novas, que não puderam encontrar representação na linguagem usual; como sói acontecer na infância das ciências, foram expressas por analogia; daí a ambigüidade vocabular, fonte inesgotável de discussões. Compreendemo-nos mais facilmente desde que tenhamos vocábulos claramente definidos e um nome para cada coisa; então a discussão será de fundo e não de forma. Visando esse objetivo e no intuito de pôr ordem

nas idéias novas e ainda confusas, damos primeiramente uma lista dos nomes que, de um modo direto ou indireto, dizem respeito à Doutrina, com explicações bastantes completas, as quais, se bem que sucintas, procurarão fixar as idéias.

A exemplo das demais ciências, o Espiritismo deve ter o seu vocabulário. Para compreendermos uma ciência, é preciso, antes de mais nada, que lhe conheçamos a língua e isto é a primeira coisa que recomendamos àqueles que querem fazer um estudo sério do Espiritismo. Seja qual for ulteriormente a opinião pessoal deles acerca dos diversos pontos da Doutrina, poderão depois discuti-los com conhecimento de causa. A forma alfabética nos permitirá. Além do mais, recorrer mais facilmente às definições e aos ensinamentos que são como que a chave da abóbada do edifício, os quais nos ajudarão a refutar, com poucas palavras, determinadas críticas e evitar uma infinidade de questões.

O caráter especial do objetivo que nos propomos nos está a indicar os limites naturais da presente obra. A ciência espírita, dizendo respeito os todos os pontos da metafísica e da moral e até, assim o podemos dizer, à maioria dos conhecimentos humanos, não se encontra num cadinho tão restrito, que nos não permitisse encarar todas as questões e discutir todas as objeções. Remetemos os leitores, para os desenvolvimentos complementares, a O Livro dos Espíritos e à A Revista Espírita. No primeiro encontrarão eles a exposição completa e metódica da Doutrina, tal como foi ditada pelos próprios Espíritos, e na segunda, além do relato e a apreciação dos fatos, uma variedade de assuntos que somente uma publicação periódica poderia comportar. A coleção dos números de A Revista constituirá um repertório, tanto quanto possível completo, da matéria encarada sob o tríptico aspecto, histórico, dogmático e crítico.

VOCABULARIO ESPIRÍTA

ALMA (do lato anima; gr. anemos; sopro, respiração). Segundo uns, é o princípio da vida material; segundo outros, é o princípio da inteligência sem individualidade depois da morte; é ela, conforme as diversas doutrinas religiosas, um ser imaterial, distinto, cujo corpo não é senão o envoltório que sobrevive ao corpo material, conservando a individualidade após a morte.

A diversidade de acepções dadas a uma mesma palavra é uma fonte perpétua de controvérsias, que não teria razão de ser se cada idéia tivesse uma representação claramente definida. No intuito de evitar qualquer sentido dúbio ao termo em apreço, faremos a seguinte denominação:

Alma espírita ou simplesmente alma, ser imaterial, distinto e individual, unido ao corpo que lhe serve de envoltório temporário; quer dizer: o

Espírito no estado de encarnação, pertencente unicamente à espécie humana.

Princípio vital: o princípio geral da via material comum aos seres orgânicos: homens, animais e plantas e alma vital, que é o princípio vital individualizado num ser qualquer.

Princípio intelectual: o princípio geral da inteligência comum a homens e animais e alma intelectual, que é esse mesmo princípio individualizado.

ALMA UNIVERSAL. Designação dada por alguns filósofos ao princípio geral da vida e da inteligência. (Vede Todo universal).

ANJO (do lato angelus; gr. *aggelos*, mensageiro). Os anjos, segundo a idéia vulgar, são seres intermediários, por sua natureza e poder, entre o homem e a divindade, podendo manifestar-se, quer através de avisos ocultos, quer por maneira visível. Não foram criados perfeitos, uma vez que a perfeição pressupõe a infalibilidade; alguns entre eles ter-se-iam revoltado contra Deus. Dizem: anjos bons, anjos mau o anjo das trevas. No entretanto a idéia mais ligada à palavra é aquela da bondade e da virtude suprema.

Acordemente com a Doutrina espírita, os anjos não são seres criados à parte nem possuem natureza especial; são Espíritos de primeira categoria, quer dizer, são os mesmos que, depois de haverem passado pelo cadinho das provas, chegaram ao estado de Espíritos puros.

O nosso mundo não existe desde toda a eternidade e muitíssimo antes que chegasse a existir já aqueles Espíritos tinham alcançado o grau supremo e os homens então julgaram que aqueles Espíritos sempre tivessem sido assim.

APARIÇÃO. Fenômeno por intermédio do qual os seres do mundo incorpóreo se tornam visíveis.

Aparição vaporosa ou etérea: é aquela que é impalpável e intáctil, já que não oferece resistência ao tacto.

Aparição tangível ou estereolítica: é aquela que é palpável e apresenta a consistência de corpo sólido.

A aparição difere da visão por ocorrer no estado de vigília através dos órgãos visuais, tendo o homem inteira consciência das suas relações com o mundo exterior. A visão ocorre no estado de sono ou de êxtase; também, graças à segunda vista, se dá na vigília. A aparição nos chega pelos olhos do corpo; ocorre no próprio lugar onde nos encontramos; a visão tem por objeto coisas ausentes ou afastadas, percebidas pela alma no estado de emancipação, achando-se mais ou menos suspensas as faculdades sensitivas. (Vede Lucidez, Clarividência).

ARCANJO. Anjo de categoria superior (Ver Anjo). A palavra anjo é termo genérico aplicado a Espíritos puros. Se admitirmos para eles diferentes graus de elevação, podemos então designá-las, para nos servirmos de termos conhecidos, por arcanjos e serafins.

ATEU. ATEÍSMO (do gr. atheos, formado do a privativo e de théos, Deus: sem Deus; que não crê em Deus).

O ateísmo é a negação absoluta da divindade. Quem quer que creia na existência de um ser supremo, seja quais forem os atributos que lhe emprestemos ou o culto que lhe rendemos, não é ateu. Toda religião assenta necessariamente na crença numa divindade, crença essa que pode ser mais ou menos esclarecida, mais ou menos conforme à verdade; porém uma religião atéia seria um contra-senso.

O ateísmo absoluto conta com poucos prosélitos, porque o sentimento da divindade, independentemente de qualquer ensinamento, existe no coração do homem. O ateísmo e o espiritualismo são incompatíveis.

CÉU no sentido de morada dos bem-aventurados (Vede Paraíso) .

CLARIVIDÊNCIA. Propriedade inerente à alma e que dá a determinada, s pessoas a faculdade de ver sem o concurso dos órgãos da visão (Vede Lucidez).

CLASSIFICAÇÃO DE ESPÍRITOS (Vede Escala espírita).

COMUNICAÇÃO ESPÍRITA. Manifestação inteligente de

Espíritos, os quais têm por objetivo um continuado intercâmbio de pensamentos entre eles e os homens. Dividem-se as comunicações espíritas:

Comunicações frívolas, que são as que se relacionam com assuntos fúteis e sem importância.

Comunicações grosseiras, que são as que se traduzem por expressões contrárias ao decoro.

Comunicações sérias, que são as que, seja qual for o assunto, excluem a frivolidade.

Comunicações instrutivas, que são as que têm por principal objetivo o ensino dado por Espíritos acerca das ciências, da moral, da filosofia, etc. (Para os modos de comunicações, vede Sematologia, Tiptologia, Psicografia, Pneumatografia, Psicofonia, Pneumatofonia, Telegrafia humana).

CRISIACO. É aquele que se acha num estado momentâneo de crise produzida por ação magnética. Emprega-se a qualificação mais particularmente àqueles em que o estado espontâneo é acompanhado de alguma super-excitação nervosa. Os crisiacos gozam em geral da lucidez sonambúlica ou da segunda vista.

DEÍSTA. É aquele que crê em Deus sem admissão de culto externo. As vezes se confunde, aliás sem razão, o deísmo com o ateísmo (Vede Ateu).

DEMÔNIO (do lato Demo., provindo do gr. daimon, gênio, sorte, destino, manes). Daemones, tanto em grego como em latim, se diz dos seres incorpóreos, bons ou maus, aos quais se atribuem conhecimentos e poder superiores aos do homem.

Nas línguas modernas, o termo é geralmente tomado

no mau sentido e sua aceção se limita aos gênios malfazejos. Segundo a crença vulgar, os demônios são seres essencialmente maus por natureza. Ensinam-nos os Espíritos que Deus, sendo soberanamente justo e bom,

não poderia ter criado seres votados ao mal e infelizes por toda a eternidade; ainda de acordo com eles não há demônios na absoluta e restrita acepção da palavra; o que há são apenas Espíritos imperfeitos, que podem melhorar-se por vontade e esforços próprios. Se o termo não implicasse a idéia de uma natureza perpetuamente má, os Espíritos da nona classe poderiam ser considerados como verdadeiros demônios.

DEMÔNIO FAMILIAR (Vede Espírito familiar).

DEMONOLOGIA - DEMONOLOGRAFIA. São termos relativos à natureza dos demônios.

DEMONOMANCIA (do gr. daimon e manléia, adivinhação). Suposto conhecimento do futuro por inspiração de demônios.

DEMONÔMANO. Variedade da alienação mental que consiste em crer-se alguém possuído do demônio.

DEUS. Inteligência suprema causa primeira das coisas.

É eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito nas perfeições.

DIABO (do gr. diabolos, delator, acusador, maldizente, caluniador) . É, segundo a crença vulgar, um ser real, um anjo rebelde, chefe dos demônios, com um poder muito grande para lutar contra o próprio Deus. Conhece os nossos mais íntimos sentimentos, insufla as más paixões e toma diferentes formas para nos induzir ao mal.

O diabo, de acordo com a doutrina dos Espíritos acerca de demônios, é a personificação do mal; é um ser alegórico, que resume em si as más paixões de Espíritos imperfeitos. Assim como os Antigos davam às divindades alegóricas atributos especiais: ao Tempo uma foice, uma ampulheta, asas e a figura de um velho; à Fortuna uma venda nos olhos e uma roda num dos pés, etc., assim também o diabo teve que ser representado com os traços característicos da baixeza dos sentimentos. Os cornos e a cauda são emblemas da bestialidade, isto é da brutalidade das paixões animais.

DRÍADES (Vede Hamadriades).

DUENDE. Sob a denominação de duende podemos compreender Espíritos mais brincalhões, mais traquinas, mais maliciosos do que mesmo maus; aprazem-se em provocar passageiros vexames e contrariedades; são ignorantes, mentirosos e troçadores; são seres terríveis do mundo espírita. A linguagem deles é muitas vezes espiritual, mordente e satírica, porém raramente grosseira; comprazem-se nas facécias e simpatizam com as pessoas de caráter galhofeiro; perderíamos o nosso tempo e nos exporíamos a burlas ridículas se lhes propuséssemos questões sérias.

ESCALA ESPÍRITA. É o quadro das diferentes ordens de Espíritos, as quais indicam os degraus que eles devem percorrer para que cheguem à perfeição. Compreende três ordens principais: a dos Espíritos imperfeitos, a dos bons e a dos puros Espíritos, subdivididos em nove classes caracterizadas pela progressão dos sentimentos morais e das idéias intelectuais.

Os próprios Espíritos nos ensinam que pertencem a diferentes categorias, segundo o seu grau de depuração; dizem-nos também que essas categorias não constituem espécies distintas, as quais todos os Espíritos são chamados a percorrer ininterruptamente (Vede, no capítulo especial, os desenvolvimentos relativos ao caráter de cada classe de Espíritos).

EMANCIPAÇÃO DA ALMA. É o estado particular da vida humana durante o qual a alma, desprendendo-se dos laços materiais, recobra algumas das faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. Esse estado se manifesta principalmente no fenômeno dos sonhos, da soniloquia, da dupla vista, do sonambulismo natural ou magnético e do êxtase (Vede estes termos).

ENCARNAÇÃO. É o estado dos Espíritos que tomam um envoltório corporal. Dizemos: Espírito encarnado por oposição a Espírito errante. Os Espíritos são errantes nos intervalos das diversas encarnações. A encarnação pode dar-se na Terra ou em outro mundo.

ERRATICIDADE. É o estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos das suas diversas existências corpóreas. A erraticidade não é em absoluto símbolo de inferioridade para os Espíritos. Há Espíritos errantes em todas as classes, com exceção dos da primeira ordem, ou puros Espíritos, os quais, não tendo mais que passar pela reencarnação, não podem ser considerados como errantes.

Os Espíritos errantes são, conforme o seu grau de depuração, felizes ou infelizes. É nesse estado que o Espírito, então despojado do véu material do corpo, reconhece as suas existências anteriores e as faltas que o distanciam da perfeição e da felicidade infinita. É ainda nessa mesma condição que, no intuito de progredir rapidamente, escolhe novas provas.

ESFERA. Palavra com que alguns Espíritos designam os diferentes graus da escala espírita. Dizem eles que alcançaram a quinta ou a sexta esfera, como outros diriam que alcançaram o quinto ou o sexto céu. Pela maneira como se exprimem, poderíamos supor que a Terra fosse um ponto central, ladeado de esferas concêntricas em que se realizariam sucessivamente os vários graus de perfeição. Chegam alguns até a falar da esfera de fogo, da esfera das estrelas, etc.

Esta teoria, à vista das mais elementares noções de Astronomia, que bastam para nos mostrar o absurdo de semelhante conceito, não poderia provir senão de uma falsa interpretação dos vocábulos ou de Espíritos muito atrasados e ainda imbuídos dos sistemas de Ptolomeu e de Tycho-Brahe.

Duvidai do saber de um homem, supondo-o sábio, sustentando uma coisa evidentemente absurda.

A mesma coisa deve dar-se com os Espíritos, porque é pela experiência que aprendemos a conhecê-los. Essas expressões são pois viciosas, porque, quando mesmo tomadas em sentido figurado, podem induzir-nos em erro acerca do verdadeiro sentido por que devemos entender a progressão dos Espíritos (Vede Reencarnação).

ESPÍRITA. O que diz respeito ao Espiritismo.

ESPIRITISMO. É a doutrina fundada na crença da existência dos Espíritos e na comunicação deles com os homens.

ESPIRITISTA. É aquele que adota a doutrina espírita.

ESPÍRITO (do latim spiritus, de spirare, soprar). No sentido restrito da doutrina espírita, os Espíritos são os seres inteligentes da criação, os quais, fora do mundo corpóreo, povoam o universo.

É-nos desconhecida a natureza íntima dos Espíritos; não a podem eles próprios definir, já por ignorância, já por deficiência da nossa linguagem. A respeito do assunto estamos como os cegos de nascença com relação à luz. Conforme conquanto nos dizem, o Espírito nada tem, no sentido vulgar do termo de material; nada tem também de imaterial, no sentido absoluto, uma vez que é alguma coisa e a imaterialidade absoluta seria o nada. O Espírito é portanto formado de uma substância de que não nos pode dar uma idéia a matéria grosseira que afeta os nossos sentidos. Podemos compará-lo a uma chama ou centelha, cujo brilho varia de acordo com o seu grau de depuração. Pode, por meio do perispírito que o envolve, tomar todas as formas. (Vede Perispírito).

ESPÍRITO BATEDOR. É aquele que manifesta a sua presença por meio de batidas. Pertence às classes inferiores.

ESPÍRITO ELEMENTAR. É o Espírito considerado em si mesmo com abstração do perispírito ou do envoltório semi-material.

ESPÍRITO FAMILIAR. É o Espírito que se prende a uma pessoa ou a uma família com o objetivo de a proteger, se for bom, ou para a perseguir, se for mau. O Espírito familiar não precisa de evocação, porque está sempre presente e responde prontamente ao apelo que lhe fazem. Muitas vezes manifesta a presença através de sinais sensíveis.

ESPIRITUALISMO. É a crença na existência de uma alma espiritual, imaterial, que, com exceção da crença nos Espíritos, conserva a própria individualidade depois da morte; é o oposto do materialismo. (Vede Materialismo, Espiritismo).

É espiritualista todo aquele que crê que em nós nem tudo é matéria; porém não se segue daí que admita a doutrina dos Espíritos. O espiritista é necessariamente espiritualista: porém pode alguém ser espiritualista sem ser espiritista; o materialista não é nem uma coisa nem outra.

Uma vez que há duas idéias essencialmente distintas, é preciso que, a fim de evitarmos qualquer equívoco, as distingamos com palavras diferentes. Até para aqueles que consideram o Espiritismo uma coisa quimérica, mesmo assim é necessário que o designemos por um nome especial; e isto, a fim de que nos possamos entender, se torna tão necessário para as idéias falsas como para as verdadeiras.

ESTEREÓTITA (do grego *steros*, sólido): é a qualidade das aparições que adquirem as propriedades da matéria resistente e tangível; diz-se por oposição às aparições vaporosas ou etéreas, que são impalpáveis. A aparição estereótita apresenta temporariamente à vista e ao tato as propriedades de um corpo vivo.

EVOCAÇÃO (Vede Invocação)

EXPIAÇÃO. É a pena que sofrem os Espíritos como punição de faltas cometidas durante a vida corpórea. A expiação, como sofrimento moral, se verifica no estado errante; como sofrimento físico, no estado corporal. As vicissitudes e os tormentos da vida corpórea são, a um só tempo, provas para o futuro e expiação para o passado.

EXTASE (do gr. *ekstasis*, transbordamento do Espírito; de *existémi*, ferir com arrebatamento); paroxismo da emancipação da alma durante a vida corporal, do que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Nesse estado a alma não se prende mais ao corpo senão por frágeis laços, que tenta romper; pertence mais ao mundo dos Espíritos, que entrevê, do que ao mundo material.

As vezes o êxtase é natural e espontâneo; pode também ser provocado pela ação magnética, e, neste caso, é um grau superior do sonambulismo.

FADA (do latim *falta*). As fadas, segundo a crença vulgar, são seres semi-materiais dotados de poder sobre-humano; são boas ou más, protetoras ou

malfeitoras; podem, à vontade, tornar-se visíveis e tomar todas as formas. Sucederam, na Idade Média e nos tempos modernos, às divindades subalternas dos Antigos. Se separarmos a sua história do maravilhoso que lhes emprestam a imaginação dos poetas e a credulidade popular, nelas encontraremos as manifestações espíritas a que assistimos e que se produziram em todos os tempos: é incontestavelmente a fatos dessa natureza que devemos a origem da crença nelas.

Nas fadas que supomos presidir ao nascimento de uma criança, cuja vida acompanham, reconhecemos sem dificuldade os Espíritos ou gênios familiares. As suas melhores ou piores inclinações, que não passam de reflexos das paixões humanas, as colocam naturalmente na categoria de Espíritos inferiores ou pouco adiantados (Vede Politeísmo) FATALIDADE (do lato fatalitas, de fatum, destino), inevitável. Doutrina que supõe que todos os acontecimentos da vida, e, por extensão, todos os nossos atos, sejam predestinados e submetidos a uma lei a que não nos podemos subtrair.

Há duas espécies de fatalidade: uma proveniente de causas exteriores, que nos podem atingir e têm ação sobre nós; poderíamos chamar-lhe reativa, exterior, fatalidade eventual; outra, que tem origem em nós mesmos, determina as nossas ações; é a fatalidade pessoal. A fatalidade, no sentido absoluto do vocábulo, transforma o homem numa máquina, sem iniciativa nem livre arbítrio, e, por conseguinte, sem responsabilidade: é a negação de qualquer moral.

Segundo a doutrina espírita, o Espírito, escolhendo a sua nova existência, pratica um ato de liberdade. Os acontecimentos da vida são a conseqüência da escolha e estão em relação com a posição social da existência; se o Espírito deve renascer em condição servil, o meio onde se achar criará os acontecimentos de maneira muito diversa daquela em que se lhe apresentariam se ele tivesse de ser rico e poderoso; porém, seja qual for essa condição, conserva ele o livre arbítrio nos atos da sua vontade e não será fatalmente fado a fazer isto ou aquilo, nem a sofrer este ou aquele acidente.

Pelo gênero de luta escolhido, tem ele possibilidade de ser levado a determinados atos ou a encontrar determinados obstáculos, mas não está dito que isto devesse acontecer infalivelmente ou que não o possa evitar por ato de prudência e de vontade. Acontece o mesmo como se fosse um homem que para alcançar um objetivo, tivesse três caminhos à escolha: pela montanha, pela planície ou pelo mar; no primeiro, a possibilidade de encontrar pedras e precipícios; na segunda, pântanos; na terceira, tempestades; porém não está dito que será esmagado por uma pedra, que se atolará no pântano ou que naufragará cá e não acolá.

A própria escolha do caminho não lhe é, no sentido absoluto da palavra, fatal; tomará o homem, por instinto, aquele em que deverá encontrar a prova escolhida; se tiver que lutar contra as ondas, o seu instinto não o levará a tomar o caminho das montanhas.

De acordo com o gênero de provas escolhido pelo Espírito o homem se acha exposto a vicissitudes; em consequência, das mesmas vicissitudes, é ele submetido a arrastamento a que deve subtrair-se. Aquele que comete um crime não é fatalmente levado a cometê-lo; escolheu um caminho de luta pode levá-lo a ele; se ceder à tentação, é pela fraqueza da própria vontade. Assim o livre arbítrio existe para o Espírito no estado errante, na escolha que faz das provas a que deve submeter-se e existe na condição de encarnado durante os atos da vida corpórea. Só é fatal o instante da morte, porque o gênero de morte é ainda uma consequência da natureza das provas escolhidas.

Este é o resumo, acerca da fatalidade, da doutrina dos Espíritos.

FEITICEIRO. Dizia-se primitivamente de indivíduos considerados capazes de conhecer o destino, e, por extensão de sentido, daqueles a quem eram atribuídos poderes super. naturais.

Os fenômenos estranhos produzidos com alguns médiuns provam que o poder atribuído aos feiticeiros repousa numa realidade, da qual, todavia o charlatanismo abusou, como de tudo abusa. Se em o nosso século esclarecido há ainda pessoas que atribuem fenômenos ao demônio, com mais forte razão deveriam supô-lo no tempo do obscurantismo, do que resultou que indivíduos que possuíam, a pesar seu, algumas das faculdades dos nossos médiuns, foram condenados à fogueira.

FLUÍDICO, oposto a sólido; qualificação dada aos espíritos por alguns escritores para caracterizarem-lhes a natureza etérea. Dizem: os Espíritos fluídicos.

Creemos imprópria a expressão; de mais a mais nos apresenta uma espécie de pleonasma, assim como se disséssemos um ar gasoso. O termo Espírito diz-nos tudo, encerra em si mesmo a sua própria definição e necessariamente desperta-nos a idéia de uma coisa incorpórea; um Espírito que não fosse fluídico não seria um Espírito. O termo possui outro inconveniente, como o de assimilar a natureza dos Espíritos aos nossos fluidos materiais; lembra-nos bastante a idéia de laboratório.

FOGO ETERNO. A idéia do fogo eterno remonta à mais alta antiguidade e provém da crença dos Antigos, os quais colocavam os Infernos nas entranhas da Terra, cujo fogo central lhes era revelado pelos fenômenos geológicos. Quando os homens adquiriram melhores noções acerca da natureza da alma, compreenderam então que um ser imaterial não podia ser atingido pelo fogo material; nem por isso deixa o fogo de ficar como emblema do mais cruel suplício e não foi encontrada figura mais enérgica para pintar os sofrimentos morais da alma. É neste sentido que dizemos: queimar-se alguém de amor, ser consumido pelo ciúme, pela ambição, etc. GÊNIO (do latim genius, do grego géinô, gerar, produzir).

É neste sentido que dizemos de um homem capaz de criar ou inventar coisas extraordinárias, que é um homem de gênio. Na linguagem espírita gênio é sinônimo de Espírito. Dizemos indiferentemente: Espírito familiar ou gênio familiar; bom e mau Espírito ou bom e mau gênio. O termo

Espírito encena um sentido mais vago e menos circunscrito; o gênio é uma espécie de personificação do Espírito; figuram-no sob uma forma determinada, mais ou menos semelhante à forma humana, porém vaporosa e impalpável, ora visível ora invisível. Os gênios são os Espíritos em suas relações com os homens, agindo neles por um poder oculto superior.

GÊNIO FAMILIAR (Vede Espírito familiar).

GNOMO (do grego gnômon, conhecedor, hábil, de gnosko, conhecer), gênios inteligentes que se supunha habitassem o interior da Terra. Pertencem, pelas qualidades que lhes são atribuídas, à ordem dos Espíritos imperfeitos e à classe dos Espíritos levianos.

HAMADRÍADA (do grego ama, conjunto e drûs, carvalho. Dríada, de drûs, carvalho), ninfa dos bosques segundo a mitologia pagã.

As dríadas eram ninfas imortais que presidiam às árvores em geral e podiam vagar livremente em volta daquelas que lhes eram consagradas. A hamadríada não era imortal: nascia e morria com a árvore cuja guarda lhe era confiada; não a podia deixar nunca. Não é hoje ponto duvidoso que a idéia das dríadas tivesse tirado a sua origem nas manifestações análogas àquelas que testemunhamos nos dias de hoje. Os Antigos, que viam poesia em tudo, divinizaram as inteligências ocultas, que se manifestavam na própria substância dos corpos. Não passam para nós de Espíritos batedores.

IDÉIAS INATAS: são idéias ou conhecimentos que não foram adquiridos e que parece terem sido trazidos conosco ao nascermos.

Por muito tempo se discutiu acerca das idéias inatas, cuja existência alguns filósofos combateram, pretendendo serem todas elas adquiridas. Porém se assim fosse, como explicar determinadas predisposições naturais que freqüentemente se revelam desde a mais tenra idade e fora de qualquer ensino?

Os fenômenos espíritas lançam grande luz na questão.

Nenhuma dúvida hoje deixa a experiência acerca desta espécie de idéias, que encontram a sua explicação na sucessão das existências. Os conhecimentos adquiridos pelo Espírito em existências anteriores se refletem nas existências posteriores: por isso são chamadas idéias inatas.

ILUMINADO: qualificação dada a indivíduos que se crêem esclarecidos por Deus de um modo particular, os quais são considerados como visionários ou desequilibrados. Dizemos: a seita dos iluminados. Debaxo dessa denominação foram confundidos todos quantos recebem comunicações inteligentes e, espontâneas por parte de Espíritos. Se em seu número se encontraram homens super excitados por uma imaginação exaltada, conhecemos hoje a parte que está reservada à realidade.

INFERNO (do lato interna, de infernus, inferior, que está em baixo; subentendido locus, lugar, lugar inferior) assim chamado porque os Antigos o acreditavam colocado nas entranhas da Terra. No plural só é, empregado na linguagem poética ou falada de lugares subterrâneos para onde, segundo os Pagãos, iam as almas depois da morte. Os Infernos

compreendiam duas partes: os Campos Elíseos, morada encantada dos homens de bem e o Tártaro, lugar onde os maus sofriam o castigo dos seus crimes pelo fogo e pelas torturas eternas.

A crença relativa à posição subterrânea dos Espíritos sobreviveu ao paganismo. Segundo a Igreja Católica: Jesus desceu aos Infernos onde as almas dos justos esperavam a sua vinda nos Limbos. As almas dos maus serão precipitadas nos Infernos. A significação deste vocábulo está hoje restrita à morada dos condenados; mas o progresso das ciências geológicas e astronômicas, tendo esclarecido a estrutura do globo terrestre e a sua verdadeira posição no espaço, o Inferno foi exilado do seu seio e hoje nenhum lugar determinado lhe é assinalado.

O homem, no estado de ignorância, é incapaz de captar as abstrações e abarcar as generalidades; nada concebe que não seja localizado e circunscrito; materializa as coisas imateriais; rebaixa até a majestade divina. Porém à medida que o progresso da ciência positiva vem esclarecê-lo, reconhece os próprios erros: as suas idéias, de mesquinhas e acanhadas tomam vulto e o horizonte se lhe desdobra aos olhos.

É dessa maneira que, segundo a doutrina espírita, as penas de além-túmulo não podem ser senão morais e são à natureza impura e imperfeita dos Espíritos inferiores; não há inferno localizado no sentido vulgar ligado ao termo: cada um o tem em si através dos sofrimentos que suporta, os quais não são menos cruciantes pelo único fato de não serem físicos. O Inferno está em toda parte onde há Espíritos imperfeitos (Vede Paraíso, Fogo Eterno, Penas Eternas).

INSTINTO: espécie de inteligência rudimentar que dirige os seres vivos nas suas ações, malgrado a sua vontade e no interesse da sua conservação. Pelo instinto obra-se sem raciocinar; pela inteligência raciocina-se antes de obrar. No homem as idéias instintivas são muito freqüentemente confundidas com as idéias intuitivas. Estas últimas são aquelas que ele hauriu quer no estado de Espírito, quer nas existências anteriores e das quais conserva uma vaga lembrança.

INTELIGÊNCIA, faculdade de conceber, de compreender e de raciocinar. Seria injusto recusar aos animais uma espécie de inteligência e crer que eles apenas sigam maquinalmente o cego impulso do instinto. Demonstra a observação que em muitos casos agem eles com o propósito deliberado e conforme as circunstâncias; porém essa inteligência, por mais admirável que seja, é sempre limitada à satisfação das necessidades materiais, ao passo que a do homem lhe permite elevar-se acima da condição humana. A linha de demarcação entre os animais e o homem é traçada pelo conhecimento, que a este último é dado do Ser Supremo.

(Vede Instinto).

INTUIÇÃO (Vede Instinto, Idéias inatas;).

INVISÍVEL nome com que algumas vezes são designados os Espíritos nas manifestações. A denominação não nos parece feliz, primeiro porque se para nós a invisibilidade é o estado normal dos Espíritos, sabemos que ela, desde que eles nos podem aparecer, não o é de todo em todo; em segundo

lugar a denominação nada tem que caracterize essencialmente os Espíritos: ela se aplica igualmente a todos os corpos inertes que não afetam o sentido da visão. A palavra Espírito tem por si mesma uma significação que desperta a idéia de um ser inteligente e incorpóreo. Notemos ainda que, falando nós de um determinado Espírito, como, por exemplo, o de Fénelon, diremos: "É o Espírito de Fénelon quem diz isto ou aquilo" e nunca "é o invisível de Fénelon".

É sempre prejudicial à clareza e à pureza da língua desviar os termos da significação natural.

INVOCAÇÃO (do latim *in*, em e *vocare*, chamar). Evocação (do latim *vocare*, e, e ou *ex*, de fora de). Às duas palavras não são sinônimas perfeitas, se bem que tenham a mesma raiz *vocare*: chamar; É erro empregá-las uma pela outra. "Evocar é chamar, fazer vir a si, fazer aparecer nas cerimônias mágicas, nos encantamentos. Evocar almas, Espíritos, sombras. Os necromantes pretendiam evocar as almas dos mortos" (Acad.). Entre os Antigos, evocar era fazer sair as almas dos Infernos para que atendessem o chamado. Invocar é chamar em si, ou em seu socorro, um poder superior ou sobrenatural. Invoca-se a Deus pela prece.

Na religião católica invocam-se os Santos. Toda prece é uma invocação. A invocação está no pensamento; a evocação está no ato. Na invocação o ser a quem nos dirigimos nos ouve; na evocação ele sai de onde se achava e vem manifestar-nos a sua presença. A invocação só é dirigida aos seres que supomos bastante elevados para nos assistir; evocam-se os Espíritos inferiores da mesma maneira que os superiores. "Moisés proibiu, sob pena de morte, a evocação das almas dos mortos, que era uma prática sacrílega entre os cananeus. O capítulo XXII do II Livro dos Reis fala da evocação da sombra de Samuel pela pitonisa".

A arte das evocações, como estamos vendo, remonta à mais alta antigüidade; encontramos-a em todas as épocas e em todos os povos. Outrora a evocação era acompanhada de práticas místicas, seja porque as considerassem necessárias, seja porque visassem exhibir o prestígio de um poder superior. Sabemos hoje que o poder de evocar não é um privilégio; pertence a todos e todas as cerimônias mágicas e cabalísticas não passam de vão aparato.

De acordo com os Antigos, as almas evocadas eram errantes ou provinham dos Infernos, os quais compreendiam, como o sabemos, os Campos Elíseos e o Tártaro; à expressão não se ligava nenhum sentido pejorativo. Na linguagem moderna o significado de inferno tornou-se restrito como morada dos condenados. Daí proveio a idéia que fazem algumas pessoas de que a evocação esteja ligada aos maus Espíritos ou demônios. Esta crença, porém cai à medida que adquirimos conhecimento mais aprofundado dos fatos.

É ela assim menos espalhada entre os que acreditam na realidade das manifestações espíritas; não poderia realmente prevalecer ante a experiência e um raciocínio isento de preconceitos.

INTELECTUAL (Vede Princípio).

LARES (Vede Manes, Penates).

LIVRE ARBÍTRIO, liberdade moral do homem; faculdade de guiar-se conforme a própria vontade, na realização dos atos. Ensinam os Espíritos que a alteração das faculdades mentais, por uma causa acidental ou natural, constitui o único caso em que o homem se vê privado do livre arbítrio.

Fora disso é ele sempre senhor para fazer ou não fazer uma coisa. Goza dessa liberdade no estado de Espírito e é em virtude dessa faculdade que livremente escolhe a existência e as provas que julga apropriadas para o seu adiantamento. Conserva-a no estado corpóreo, a fim de poder lutar contra as mesmas provas. Os Espíritos que ensinam esta doutrina não podem ser maus (Vede Fatalidade).

LUCIDEZ, clarividência, faculdade de ver sem auxílio dos órgãos da visão. É faculdade inerente à natureza da alma ou do Espírito, em cujo ser se acha de todo em todo.

Por isso o homem, em todos os casos em que há emancipação da alma, tem percepções independentes dos sentidos. No estado corpóreo normal a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais; desprendida desse obstáculo, ela não mais se encontra circunscrita; estende-se por toda a parte onde a alma exerce a sua ação. Essa é a causa pela qual desfrutam, alguns sonâmbulos, da visão à distância. Vêem-se no próprio local que observam, ainda que à milhares de léguas, porque, se ali não se acha o corpo, a alma realmente ali está. Podemos pois dizer que o sonâmbulo vê pela luz da alma. A palavra clarividência é mais geral. Lucidez se diz mais particularmente da clarividência sonambúlica. Um sonâmbulo é mais ou menos lúcido, conforme seja mais ou menos completa a emancipação da alma.

MAGIA, MÁGICO (do grego magos, assisado, sábio, formado de mageia, conhecimento profundo da natureza, de onde mago, sacerdote, sábio e filósofo entre os antigos persas). A magia, na origem, era a ciência dos sábios; aqueles que conheciam a astrologia, que se gabavam de predizer o futuro, que faziam coisas extraordinárias e incompreensíveis para o vulgo eram magos ou sábios que, mais tarde, foram chamados magos. O abuso e o charlatanismo levaram o descrédito à magia; porém os fenômenos que hodiernamente reproduzimos pelo magnetismo, pelo sonambulismo e pelo espiritismo provam que a magia não era uma arte puramente quimérica, havendo, entre muitos absurdos, muita coisa certamente verdadeira.

A vulgarização desses fenômenos tem por fim destruir o prestígio daqueles que, outrora, operavam sob o manto

do segredo e abusavam da credulidade, atribuindo-se um pretenso poder sobrenatural. Graças a essa vulgarização sabemos agora que nada existe de sobrenatural, que certas coisas só parece derrogarem as leis da natureza porque lhes não conhecemos as causas.

MAGNETISMO ANIMAL (do grego e do latim magnes, imã), assim chamado por analogia com o magnetismo mineral. Demonstrou a experiência que

essa analogia não existe ou que é apenas aparente, não sendo pois exata a denominação. Uma vez porém que foi consagrada pelo uso universal e, por outro lado, que o epíteto que lhe acrescentam não permite equívocos, haveria mais inconveniência do que conveniência na substituição da expressão. Algumas pessoas a substituem por mesmerismo, emprego esse porém que, até o momento, não prevaleceu.

O magnetismo animal pode ser assim definido: ação recíproca de dois seres vivos por meio de um agente especial chamado fluido magnético.

MAGNETIZADOR, MAGNETISTA. A última palavra é empregada por algumas pessoas para designarem os adeptos do magnetismo, aqueles que crêem nos seus efeitos. O magnetizador é o praticante, aquele que o pratica; o magnetista é o teórico. Pode alguém ser magnetista sem ser magnetizador; porém não pode ele ser magnetizador sem ser magnetista. Parece-nos útil e lógica esta distinção.

MANES (do latim manere, . ficar, segundo uns; segundo outros, de manes, . manium, . de manus, bom).

Os manes, na mitologia romana e etrusca, eram as almas ou sombras dos mortos. Os Antigos tinham grande respeito pelos manes dos antepassados, que julgavam aplacar, . pelos sacrifícios. Eram representados com a forma humana, porém vaporosa e invisível, errantes em torno dos túmulos ou das suas habitações e visitando as suas famílias. Quem não reconheceria nesses manes os Espíritos, debaixo do envoltório semimaterial do perispírito, os quais nos dizem, eles próprios, que se acham entre nós com a forma que tiveram quando então vivos? (Vede Penates).

MANIFESTAÇÃO, ato por que um Espírito revela a sua presença. As manifestações são: Aparentes, quando o Espírito se mostra (Vede Aparições).

Espontâneas, quando são independentes da vontade e se realizam sem que nenhum Espírito tenha sido chamado.

Físicas, quando se traduzem por fenômenos materiais, como ruídos, movimentos, deslocamento de objetos.

Inteligentes, quando revelam um pensamento (Vede comunicação).

Ocultas, quando nada têm de ostensivo, limitando-se o Espírito a agir sobre a mente.

Patentes, quando se tornam apreciáveis através dos sentidos.

Provocadas, quando são efeito da vontade, do desejo ou de uma evocação determinada.

MATERIALISMO: sistema daqueles que pensam que no homem tudo é matéria, nada sobrevivendo nele à destruição do corpo.

Parece-nos inútil refutar esta opinião, que, aliás é pessoal a determinados indivíduos e em parte alguma constitui doutrina. Se podemos demonstrar a existência da alma pelo raciocínio, as manifestações espíritas constituem a sua prova patente; por elas e até certo modo assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. O materialismo, que apenas se estriba na negação, não resiste à evidência dos fatos. A doutrina espírita triunfa freqüentemente por isso sobre aqueles que haviam resistido a todos os

argumentos. Sua vulgarização é o mais poderoso meio de extirpar essa chaga das sociedades civilizadoras.

MÉDIUM (do latim medium, meio, intermediário): pessoas acessíveis à influência de Espíritos e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e transmitir comunicações.

Para os Espíritos o médium é um intermediário; é um agente ou instrumento mais ou menos cômodo, conforme a natureza ou o grau da faculdade mediatrix. Essa faculdade é devida a uma disposição orgânica especial, susceptível de desenvolvimento. Conhecem-se diversas variedades de médiuns de acordo com a aptidão particular de cada um por esse ou por aquele modo de transmissão, por esse ou por aquele gênero de comunicação.

Médiuns de influência física: são aqueles que têm o poder de provocar manifestações ostensivas e compreendem as seguintes variedades:

Médiuns motores, os que provocam movimento e deslocamento de objetos.

Médiuns típtólogos, os que provocam ruídos e batidas.

Médiuns de aparição, os que provocam aparições (Vede Aparição).

Distinguem-se entre os médiuns de influência física:

Médiuns facultativos, os que têm o poder de provocar os fenômenos por ato da própria vontade.

Médiuns naturais, os que produzem os fenômenos espontaneamente e sem nenhuma participação da vontade.

Médiuns de influência moral, os que são mais especialmente aptos para receber e transmitir as comunicações inteligentes. Segundo as aptidões, distinguem-se:

Médiuns de pressentimentos, as pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição das coisas futuras.

Médiuns desenhistas os que desenham sob a influência de Espíritos.

Médiuns escreventes ou psicógrafos, os que têm a faculdade de escrever sob a influência de Espíritos (Vede Psicografia).

Médiuns comunicadores, os que têm o poder de desenvolver nos outros, por ato da própria vontade, a faculdade de escrever, sejam ou não elas médiuns escreventes.

Médiuns falantes, os que transmitem pela palavra falada aquilo que os médiuns escreventes transmitem pela escrita.

Médiuns inspirados, os que em estado normal ou em êxtase, recebem pelo pensamento comunicações ocultas, estranhas às suas idéias.

Médiuns musicistas, os que, sob a influência de Espírito executam, compõem ou escrevem música.

Médiuns pneumatógrafos, os que têm a faculdade de obter a escrita direta de Espíritos (Vede Pneumatografia).

Médiuns sensitivos ou imprevisíveis, os que são susceptíveis de sentir a presença de Espíritos por uma vaga impressão que não podem compreender. Essa variedade não tem caráter bem definido; os médiuns são necessariamente imprevisíveis; a impressionabilidade é assim antes uma qualidade geral do que especial. É a faculdade rudimentar

indispensável ao desenvolvimento das demais; difere da impressionabilidade puramente física e nervosa com a qual é preciso não a confundirmos.

Médiuns videntes, os que têm a faculdade da segunda vista ou de ver Espíritos (Vede Vista).

Observação. Algumas pessoas dizem no plural média, como dizemos errata. Não vemos vantagem nenhuma em multiplicar sem necessidade as exceções já por si tão numerosas em a nossa língua. Acordam hoje os gramáticos em dar à maioria dos nomes estrangeiros passados para o uso da língua o sinal francês do plural. Muitas palavras de terminação latina aliás estão no presente caso: dizemos os museuns, os factuns, os pensuns, os mémorranduns" etc. Por que não haveremos de dizer os médiuns? Falar em média seria pedantesca afetação.

METEMPSICOSE (do grego meta, mudança, en, na e psukê, alma): transmigração da alma de um a outro corpo.

"O dogma da metempsicose é de origem indiana; da Índia a crença passou ao Egito, de onde mais tarde Pitágoras o trouxe para a Grécia. Os discípulos daquele filósofo ensinavam que o Espírito, quando livre dos laços do corpo, vai ao império dos mortos esperar, num estado intermediário, de duração mais ou menos longa, o momento de animar outro corpo de homem ou de animal, até que se realize o tempo da sua purificação e da sua volta à fonte da vida".

Como vemos, o dogma da metempsicose está baseado na individualidade e na imortalidade da alma. Nele se encontra a doutrina dos Espíritos a respeito da reencarnação. Esse estado intermediário, de duração mais ou menos longa entre as diversas existências não é mais que o estado de erraticidade no qual se encontram os Espíritos entre duas encarnações. Há porém entre a metempsicose indiana e a doutrina da reencarnação, tal como nos é ensinada hoje, uma diferença capital: para começar aquela admite a transfiguração da alma no corpo dos animais, o que seria uma degradação; em segundo lugar, essa transmigração não se opera senão na Terra. Ao contrário, ensinam-nos os Espíritos que a reencarnação é um progresso incessante, que o homem é uma criação à parte, cuja alma nada tem de comum com o princípio vital dos animais; que as diversas existências podem reallzar-se tanto na Terra quanto, por uma lei de progresso, num mundo de ordem superior. E isto, como o diz Pitágoras, "até que se realize o tempo de sua purificação".

MITOLOGIA (do grego muthos, fábula e Jogos, descrição): história fabulosa das divindades pagãs. Compreendemos igualmente com este nome a história dos seres extra-humanos que, sob diversas denominações, sucederam aos deuses pagãos na Idade Média; assim é que temos a mitologia escandinava, a teutônica, a céltica, a escocesa, a irlandesa, etc.

MORTE, aniquilamento das forças vitais do corpo pelo esgotamento dos órgãos. Privado o corpo do princípio da vida orgânica, a alma se desprende e entra no mundo dos Espíritos.

MUNDO CORPÓREO: conjunto de seres inteligentes que têm um corpo material.

MUNDO ESPÍRITA ou MUNDO DOS ESPÍRITOS: conjunto dos seres inteligentes despojados do envoltório corporal. O mundo espírita é o normal, primitivo, preexistente e sobrevivente a tudo. O estado corpóreo é para os Espíritos apenas transitório, passageiro. Mudam eles de envoltório como nós mudamos de roupa: deixam o corpo usado como deixamos uma roupa velha.

NECROMANCIA (do grego nekros, morte e mantéia, adivinhação): arte de evocar as almas dos mortos para se obterem revelações; por extensão de sentido, foi a palavra empregada em todos os meios de adivinhação e, assim, é qualificado de necromante quem quer que faça profissão de predizer o futuro. Isto provavelmente é devido ao fato de, na verdadeira acepção da palavra, a necromancia ter sido um dos primeiros meios empregados para aquele fim; em segundo lugar porque, segundo as crenças vulgares, as almas dos mortos deveriam ser os principais agentes nos outros meios de adivinhação, como a quiromancia, ou adivinhação pelo exame da mão, a cartomancia, etc. O abuso e o charlatanismo desacreditaram a necromancia, como desacreditaram a magia.

NOCTAMBULO, NOCTAMBULISMO (do latim nox, noctis, a noite e ambulare, andar, passar). Aquele que anda ou passeia durante a noite; é sinônimo de sonâmbulo. O último vocábulo é preferível, uma vez que noctâmbulo e noctambulismo de modo algum implicam a idéia de sono.

ORACULO (do latim os, oris, boca) , resposta dos deuses, segundo as crenças pagãs, dados às perguntas que lhes eram dirigidas; assim se chamava porque as respostas eram dadas pela boca das pitonisas. (Ver a. palavra). Por extensão de sentido, oráculo se dizia ao mesmo tempo da resposta, da pessoa que a pronunciava, bem como dos vários meios empregados para conhecer o futuro. Qualquer fenômeno extra-ordinário, capaz de ferir a imaginação, era considerado expressão da vontade dos deuses e se tornava pois um oráculo.

Os sacerdotes pagãos, que não perdiam nenhuma ocasião para explorar a credulidade, se constituíam seus intérpretes e, para tanto, consagravam solenemente os templos, nos quais os fiéis vinham deixar as oferendas, na quimérica ilusão de conhecer o futuro. A crença nos oráculos evidentemente tem sua fonte nas comunicações espíritas que o charlatanismo, a cupidez e a ânsia de dominação tinham cercado e que hoje vemos em toda a sua simplicidade.

PARAÍSO: morada dos bem-aventurados. Os Antigos o colocavam numa parte dos Infernos, chamada Campos Elíseos (vede Inferno); os povos modernos, nas elevadas regiões do espaço. Palavra sinônima de céu, tomada na mesma acepção, com a diferença de que céu se liga a uma idéia de beatitude infinita, ao passo que paraíso é mais circunscrito e lembra prazeres um pouco materiais.

Dizemos ainda: subir ao céu, descer ao inferno. Estas opiniões se baseiam na crença primitiva, fruto da ignorância, de que o universo era formado de

esferas concêntricas, cujo centro era ocupado pela Terra. É nessas esferas, chamadas céus, que foram colocadas as moradas dos justos. Daí a expressão de quinto ou sexto céu para designar os diversos graus de beatitude. Desde porém que a ciência lançou o seu olhar investigador nas profundezas etéreas, nos mostra ela o espaço universal sem limites, semeado por um número infinito de globos, entre os quais circula o nosso, a que nenhum lugar distinto é assinalado. Não existem altos nem baixos lá. Não vendo o sábio em parte alguma senão o espaço infinito e mundos inumeráveis onde lhe haviam indicado o céu; não encontrando nas entranhas da Terra, em lugar do Inferno, senão as camadas geológicas acerca das quais a sua formação se acha escrita em caracteres irrefragáveis, começou a duvidar do Céu e do Inferno; daí à dúvida absoluta só existe um passo.

A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores está de acordo com a ciência. Nada contém que fira a razão e esteja em contradição com os conhecimentos exatos. Mostra-nos a morada dos Bons, não num lugar fechado ou numa dessas hipotéticas esferas com que a ignorância havia cercado o nosso globo, mas por toda parte onde haja bons

Espíritos, no espaço para os que se acham errantes, nos mundos mais perfeitos para os que estão encarnados.

Aí é o Paraíso Terrestre, aí estão os Campos Elíseos, cuja idéia primitiva vem do conhecimento intuitivo que tinha sido dado ao homem desse estado de coisas e que a ignorância e os preconceitos reduziram a proporções mesquinhas. Mostra-nos ela os maus recebendo o castigo das próprias faltas na sua própria imperfeição, nos seus sofrimentos morais, na presença inevitável das suas vítimas, castigos mais terríveis que as torturas físicas incompatíveis com a doutrina da imortalidade da alma; mostra-nos ela: expiando os seus erros pelas tribulações de novas existências corpóreas, realizadas em mundos imperfeitos e não num lugar de suplícios eternos, de onde para sempre foi banida a esperança.

Aí é o Inferno; quantos homens nos disseram: “Se nos tivessem ensinado isto desde a infância, nunca teríamos duvidado!”.

Ensina-nos a experiência que os Espíritos não suficientemente desmaterializados ainda se acham sob o império das idéias e preconceitos da existência corpórea. Aqueles que, nas suas comunicações, empregam uma linguagem de conformidade com as idéias cujo erro material está demonstrado, provam por isso mesmo a sua ignorância e a sua inferioridade.

PENAS ETERNAS. Ensinam-nos os Espíritos superiores que só o bem é eterno, porque é a essência de Deus; o mal terá um fim. Em consequência, combatem a doutrina das penas como contrária à idéia que Deus nos dá da sua justiça e da sua bondade. Mas a luz só se faz para os Espíritos à medida da sua elevação. Nas camadas inferiores as suas idéias ainda são obscurecidas pela matéria; para eles o futuro está coberto por um véu: só enxergam o presente.

Encontram-se na posição de um homem que sobe uma montanha: no fundo do vale a bruma e as curvas da estrada lhe tolhem a visão; precisa chegar ao topo a fim de descortinar todo horizonte, julgar o caminho percorrido e o que falta percorrer. Os Espíritos imperfeitos não percebem o termo dos seus sofrimentos, julgam sofrer para sempre e este pensamento lhes é um castigo. Se pois determinados Espíritos nos falam das penas eternas é porque, em consequência da sua mesma inferioridade, nelas acreditam.

PENATES (do latim penitus, interior, que está dentro, formado de penus, lugar retirado, oculto). Deuses domésticos dos Antigos, assim chamados porque eram colocados num lugar retirado da casa.

LARES (do nome da ninfa Lara, porque os supunham filhos daquela ninfa e de Mercúrio). Eram, como os penates, deuses os gênios domésticos, com a diferença que os penates eram originariamente os manes dos antepassados, cujas imagens: se guardavam em lugar secreto e ao abrigo de profanação.

Os lares, gênios benfazejos, protetores das famílias e das casas, eram considerados hereditários, porque uma vez unidos a uma família continuavam a proteger os descendentes dela. Não só cada indivíduo, como cada família e cada casa tinham os seu lares particulares, mas os havia também para as cidades, as aldeias, as ruas, os edifícios públicos, etc., os quais eram colocados sob a invocação desses ou daqueles lares, como entre os cristãos o são sob esse ou aquele patrono.

Os lares e os penates, cujo culto podemos dizer que era universal, se bem que com diferentes nomes, não eram mais do que os Espíritos familiares cuja existência hoje nos é revelada; porém os Antigos os transformavam em deuses, aos quais a superstição elevava altares, ao passo que nós os consideramos apenas como Espíritos que animaram corpos de homens como nós, por vezes nossos parentes e amigos e que se ligam a nós por simpatia (Vede politeísmo).

PERISPÍRITO (de peri, em redor e spiritus, espírito).

Envoltório semimaterial do Espírito, depois da sua separação do corpo. O Espírito o adquire no mundo em que se acha e muda-o ao passar a um outro mundo. É mais ou menos sutil ou grosseiro, conforme a natureza de cada globo. O perispírito pode tomar todas as formas, à vontade do Espírito; de ordinário afeta a imagem que tinha em sua última existência corporal.

Se bem que de natureza etérea, a substância do perispírito é susceptível de determinadas modificações que a tornam perceptível aos nossos olhos. É o que se dá nas aparições. Pode mesmo, por sua união com o fluido de algumas pessoas, tornar-se temporariamente tangível, isto é, oferecer ao tacto a resistência de um corpo sólido, como se tem visto nas aparições estereóticas ou palpáveis.

Não nos é ainda conhecida a natureza íntima do perispírito; poderíamos porém supor que a matéria dos corpos é composta de uma parte sólida e grosseira e de uma parte sutil e etérea; que somente a primeira sofra a

decomposição produzida pela morte, ao passo que a segunda persista e acompanhe o Espírito.

Teria assim o Espírito duplo envoltório; a morte apenas o despojaria do mais grosseiro; o segundo, que constitui o perispírito conservaria a marca e a forma do primeiro, do qual é uma espécie de sombra; mas a sua natureza essencialmente vaporosa permitiria que o Espírito lhe modificasse a forma à vontade e a tornasse visível ou invisível, palpável ou impalpável.

O perispírito é para o Espírito aquilo que o perisperma é para o gérmen do fruto. A amêndoa, despojada do seu líneo invólucro, encerra o gérmen no envoltório delicado do perisperma.

PÍTIA, PITONISA, sacerdotisa de Apolo Pítio, em Delfos, assim chamada por causa da serpente píton, que Apolo matara. A pítia dava o oráculo; como porém nem sempre eram inteligíveis, os sacerdotes se encarregavam de os interpretar conforme as circunstâncias (Vede Sibila).

PNEUMATOFONIA (de pneuma e de fhone, som ou voz): comunicação verbal e direta dos Espíritos sem o concurso dos órgãos da voz. Som ou voz que eles fazem ouvir no ar e que parece repercutirem junto aos nossos ouvidos. (Vede Psicofonia) .

Observação. Não empregamos pneumatologia porque a palavra já possui uma acepção científica determinada e, em segundo lugar, porque a voz seria imprópria quando não se trata senão de sons vagos e inarticulados.

PNEUMATOGRAFIA (do gr. pneuma, ar, sôpro, vento, espírito, e grapho, escrevo): escrita direta de Espíritos sem o concurso de mão de médium. (Vede Psicografia).

POLITEÍSMO (do gr. polus, vários e théos, Deus). Religião que admite vários deuses. Entre os povos antigos a palavra deus encerrava a idéia de poder; para eles todo poder superior ou vulgar era um deus; os próprios homens que tinham feito grandes coisas para eles se tornavam deuses. Manifestando-se por efeitos que aos olhos deles parecia serem sobrenaturais, os Espíritos eram tantas divindades, que impossível se torna não reconhecermos os nossos Espíritos de todos os graus, desde os batedores até os Espíritos superiores.

Nos deuses de forma humana, que se transportam no espaço, mudam de forma e se tornam visíveis ou invisíveis à vontade, reconhecemos todas as propriedades do perispírito. Pelas paixões que lhes eram atribuídas, reconhecemos os Espíritos ainda não desmaterializados. Nos manes, lares e penates reconhecemos os Espíritos familiares, os nossos gênios tutelares.

O conhecimento das manifestações espíritas é pois a fonte do politeísmo; porém desde a mais alta antigüidade os homens esclarecidos tinham julgado seus pretensos deuses por seu justo valor e neles reconhecido criaturas de um Deus Supremo, soberano senhor do mundo. O Cristianismo, confirmando a doutrina da unidade de Deus e esclarecendo os homens pela sublime moral evangélica, marcou uma nova era no caminhar progressivo da humanidade. Os Espíritos entretanto não

cessaram de manifestar-se e os homens lhes têm chamado gênios e fadas em lugar de deuses.

POSSESSO. Conforme a idéia ligada à palavra, possesso é aquele em quem se alojou o demônio. O demônio o possui significa que o demônio se lhe apoderou do corpo (Vede Demônio). Tomando nós demônio não na acepção vulgar, porém no sentido de mau Espírito, Espírito impuro, Espírito malfeitor, Espírito imperfeito, trataríamos de saber se um Espírito dessa natureza ou de qualquer outra pode estabelecer domicílio no corpo de um homem juntamente com o que nele está encarnado ou a este substituindo-se.

Poderíamos perguntar em que se torna, no ultimo caso, a alma assim expulsa.

A doutrina espírita ensina que o Espírito unido ao corpo não pode ser separado definitivamente senão pela morte; que um Espírito não pode, simultaneamente com outro, meter-se no lugar dele ou ao corpo dele unir-se; ensina porém que um Espírito imperfeito pode ligar-se a um Espírito encarnado, assenhorear-se dele e dominar-lhe o pensamento e, caso não tenha força para resistir-lhe à ação, constrangê-lo a fazer isto ou aquilo, conforme o quiser. Assim pois não há possessão, no sentido absoluto da palavra, mas subjugação; não se trata de desalojar um mau Espírito, mas, servindo-nos de uma comparação material, de o fazer largar a presa, o que sempre nos é possível quando seriamente o queremos; mas há pessoas que se comprazem numa dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. A superstição vulgar atribui à possessão do demônio, determinadas doenças que não tem outra causa senão uma. alteração dos órgãos. Essa crença era muito espalhada entre os judeus; para eles era expulsar os demônios curar essas doenças. Seja porém qual for a doença, isto, desde que a cura se opere, nada tira do poder daquele que a faz. Jesus e seus discípulos podiam pois, para se servirem da linguagem então comum, expulsar os demônios. Se falassem de outra maneira - não seriam compreendidos, nem talvez até acreditados. Uma coisa, conforme o sentido ligado às palavras, pode ser verdadeira ou falsa. As maiores verdades, quando lhes não consideramos senão a forma, nos podem parecer absurdas.

PRECE. A prece é uma invocação e, em alguns casos, uma evocação, pela qual chamamos este ou aquele Espírito; quando dirigida a Deus, ele nos envia os seus mensageiros, que são os Bons Espíritos.

A prece não pode modificar os desígnios da Providência; mas por ela os Bons Espíritos podem vir em nosso auxilio, seja para nos dar a força moral que nos falta, seja para nos sugerir os pensamentos necessários: daí nos vem o alivio quando oramos com fervor; dela vem também o alivio para os Espíritos sofredores quando oramos por eles; pedem-nos eles próprios preces sob a forma que lhes é mais familiar e que está mais em conexão com as idéias; que conservaram da existência corporal. Diz-nos porém a razão, aliás de acordo com os Espíritos, que a prece dos lábios, quando dela não participa o coração, é fórmula vã.

PROVAS, vicissitudes da vida corporal através das quais, conforme a maneira por que as suportam, os Espíritos se depuram. Segundo a doutrina espírita, o Espírito, desprendendo-se do corpo e reconhecendo a própria imperfeição, escolhe por si mesmo, num ato de livre arbítrio, o gênero de provas que julga mais apropriadas ao seu adiantamento e pelas quais passará. Sucumbirá e terá retardado o progresso se escolher uma prova acima das suas forças.

PSICOFONIA (do gr. psukê, alma e phonê, som ou voz): transmissão do pensamento de Espíritos através da voz de médium falante.

PSICOGRAFIA (do gr. psukê, borboleta, alma e graphô, escrevo): transmissão do pensamento dos Espíritos por meio da escrita pela mão de um médium. No médium escrevente a mão é o instrumento, porém a sua alma ou Espírito nele encarnado é o intermediário ou intérprete do Espírito estranho que se comunica; na pneumatografia é o próprio Espírito estranho quem escreve sem intermediário (Vede Pneumatografia) .

Psicografia imediata ou direta é quando o próprio médium toma do lápis e escreve como se o fizesse normalmente.

Psicografia mediata ou indireta é quando o lápis é adaptado a um objeto qualquer, que serve, de algum modo, como um apêndice da mão, assim como uma cesta, uma prancheta, etc.

PSICOLOGIA, dissertação acerca da alma; ciência que trata da natureza da alma. A palavra seria para o médium falante aquilo que a psicografia é para o médium escrevente, isto é a transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz de um médium; como porém já possui uma aceção consagrada e bem definida, convém não dar-lhe outra (Vede Psicofonia).

PUREZA ABSOLUTA: estado dos Espíritos da primeira ordem ou puros Espíritos; aqueles que percorreram todos os graus da escala e não devem mais passar por encarnação.

PURGATÓRIO (do lat purgatorium, de prurgare, purgar; raiz purus, puro, derivado do grego pyr, fogo, emblema antigo de purificação), lugar de expiação temporária, segundo a Igreja católica, para as almas ainda necessitadas de purificação de algumas manchas. A Igreja não define de modo preciso onde se acha o Purgatório; coloca-o em toda parte no espaço, talvez ao nosso lado. Não explica também claramente a natureza das penas que aí sofrem; são sofrimentos mais morais que físicos; contudo há fogo, se bem que a alta teologia reconheça que esse termo deva ser tomado em sentido figurado e como emblema de purificação.

O ensino dos Espíritos é muito mais explícito a respeito do assunto. É certo que eles repelem o dogma da eternidade das penas. (Vede Inferno, Penas Eternas), mas admitem uma expiação temporária, mais ou menos longa, que, salvo o nome, outra coisa não é do que o Purgatório.

Essa expiação se dá através de sofrimentos morais da alma no estado errante; os Espíritos errantes se acham por toda parte: no espaço, ao nosso lado, como o ensina a Igreja, que admite que no Purgatório haja certas penas físicas.

A doutrina espírita diz que o Espírito se depura, se purga das impurezas nas existências corporais; os sofrimentos e as tribulações da vida são expiações e provas pelas quais se eleva. Resulta disso que na Terra estamos em pleno Purgatório. Aquilo que a doutrina católica deixa no vago, os Espíritos precisam fazer ver e, por assim dizer, tocar com o dedo. Podem pois os Espíritos sofredores, servindo-se da nossa linguagem, dizer que se acham no Purgatório. Se, em razão da sua inferioridade moral, não lhes é dado ver o término dos sofrimentos, dirão que se acham no Inferno (Vede Inferno).

Admite a Igreja a eficácia das preces pelas almas do purgatório; dizem-nos os Espíritos que pela prece chamamos os bons Espíritos, os quais dão então aos fracos a força moral que lhes falta para suportar as provas. Os Espíritos sofredores, sem que nisto haja contradição com a doutrina espírita, podem pois pedir preces. Ora, de acordo com o que sabemos dos diversos graus dos Espíritos, compreendemos que eles possam pedi-las segundo a forma que lhes era familiar quando em vida terrena (Vede Prece).

A Igreja admite apenas uma existência corpórea depois da qual o destino do homem estará irrevogavelmente selado para a eternidade. Dizem-nos os Espíritos que uma única existência, por vezes abreviada pelos acidentes, não passa de um ponto na eternidade, não basta à alma para se purificar e que, em sua justiça, Deus não condena sem remissão aquele de quem não dependeu ser suficientemente esclarecido acerca do bem, a fim de o praticar. Sua doutrina deixa à alma a faculdade de realizar numa série de existências aquilo que não pôde fazer em uma única. Nisto se acha a principal diferença; mas se perscrutássemos cuidadosamente todos os princípios dogmáticos e se puséssemos de lado aquilo que deve ser tomado em sentido figurado, sem dúvida desapareceriam muitas das contradições aparentes.

REENCARNAÇÃO: retorno do Espírito à vida corporal. A reencarnação pode processar-se imediatamente após a morte ou depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual o Espírito fica errante. Pode processar-se na Terra ou em outras esferas, mas sempre num corpo humano e nunca no de um animal. É ela progressiva ou estacionária; nunca é retrograda. Em as novas existências corporais pode o Espírito decair como posição social, mas não como Espírito; por outras palavras, de senhor pode tornar-se servo; de príncipe, artesão; de rico, miserável, porém sempre progredindo em sabedoria e moralidade. Assim o celerado pode tornar-se homem de bem, mas o homem de bem não se tornará um celerado.

Os Espíritos imperfeitos, que ainda se encontram sob a influência da matéria, nem sempre têm sobre a reencarnação idéias completas: a maneira por que a explicam se ressentem da sua ignorância e dos preconceitos terrestres, mais ou menos como seria o caso de um camponês a quem perguntássemos se é a Terra ou o Sol que gira. Tem das existências anteriores apenas uma lembrança confusa e o futuro lhes é

uma coisa vaga (Sabemos que a lembrança do passado se elucida à medida que o Espírito se depura).

Alguns falam ainda das esferas concêntricas que envolvem a Terra e nas quais o Espírito se eleva gradualmente até atingir o sétimo céu, que é para eles o apogeu da perfeição. Entretanto mesmo em meio a essa diversidade de expressões e da extravagância das imagens, uma observação, atenta facilmente nos permite reconhecer um pensamento dominante: o das provas sucessivas que o Espírito deve sofrer e os diversos degraus que deve percorrer a fim de chegar à perfeição e à suprema felicidade. Muitas vezes as coisas só nos parecem contraditórias porque lhes não examinamos o sentido íntimo.

SATÃ (do hebraico chaitân, adversário, inimigo de Deus): o chefe dos demônios. O termo é sinônimo de diabo com a diferença que este último, mais que o primeiro, é usado na linguagem familiar. Em segundo lugar, conforme a idéia a ele ligada, Satã é um ser único: o gênio do mal, o rival de Deus.

Diabo é um termo mais genérico, que se aplica a todos os demônios; só há um Satã, porém diversos diabos. Segundo a doutrina espírita, Satã não é um ser distinto, porque Deus não tem rival que possa lutar com ele de poder para poder; é a personificação do mal e de todos os maus Espíritos (Vede Diabo, Demônio).

SEMATOLOGIA (do grego sema, semalo, sinal e logos, discurso); transmissão do pensamento dos Espíritos por meio de sinais, como os golpes vibrados, o movimento dos objetos, etc. (Vede Tiptologia).

SERAFIM (Vede Anjos).

SIBILAS (do grego eólio, sios, empregado por Deus e leouli, conselho; conselho divino). Profetisas que davam o oráculo e que os Antigos acreditavam inspiradas pela divindade. Pondo de parte o charlatanismo e o prestígio de que as cercavam aqueles que as exploravam, reconhecemos nas sibilas e nas pitonisas todas as faculdades dos sonâmbulos, dos extáticos e de certos médiuns.

SÍLFIDES, SILFOS. Segundo a mitologia da Idade

Média, os silfos eram gênios do ar, como os gnomos o eram da terra e as ondinas das águas. Eram representados sob a forma humana semi-vaporosa, com traços graciosos: as asas transparentes eram o emblema da rapidez com que percorriam os espaços; era-lhes atribuído o poder de se tornarem visíveis ou invisíveis, à vontade; seu caráter era brando e benevolente. “Nem fazeis uma idéia da multidão de silfos ligeiros que tendes às vossas ordens; continuamente ocupados em captar os vossos pensamentos, apenas pronunciais uma palavra, eles a apanham e vão repeti-la em vosso redor.

Sua ligeireza é tão grande que percorrem mil passos por segundo. São os silfos de Paracelso e de Gabalis”. (A. Martin).

A crença nos silfos evidentemente se originou nas manifestações espíritas. São Espíritos de ordem inferior, levianos, porém benévolos.

SONAMBULISMO (do latim somnus, o sono e ambulare, caminhar, passear), é o estado de emancipação da alma mais completo que no sonho (Vede Sonho).

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a sua faculdade de ver, que é um dos atributos da sua natureza, é mais desenvolvida; ela vê as coisas com mais precisão e clareza; o corpo pode agir debaixo do impulso da vontade da alma.

O esquecimento absoluto no momento de despertar é um dos sinais característicos do verdadeiro sonambulismo, porque a independência da alma e do corpo é mais completa do que no sonho.

Sonambulismo magnético ou artificial é aquele que é provocado pela ação que uma pessoa exerce em outra por meio do fluido magnético que derrama nesta.

SONHO: efeito da emancipação da alma durante o sono.

Quando os sentidos estão entorpecidos, os laços que unem alma e corpo se afrouxam; a alma, tornando-se mais livre, recobra parcialmente as suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres do mundo incorporal. A lembrança que conserva ao despertar daquilo que viu em outros lugares e em outros mundos ou em existências passadas constitui o sonho propriamente dito.

Sendo apenas parcial, quase sempre incompleta e misturada às lembranças da véspera, a conseqüência é que, no encadeamento dos fatos há soluções de continuidade que rompem a ligação e produzem esses conjuntos extravagantes, que parece não terem sentido, assim como uma história em que aqui e ali se trucassem linhas ou frases.

SONILOQUIA (do latim somnus, sono e loqui, falar): é o estado de emancipação da alma intermediário do sonho e do sonambulismo natural.

Aqueles que falam dormindo são soniloquos.

SONO MAGNÉTICO. O fluido magnético obra no sistema nervoso e produz em algumas pessoas efeito comparável ao sono natural, mas do qual sob vários aspectos difere.

A principal diferença está em que, nesse estado, o pensamento fica inteiramente livre, o indivíduo tem uma perfeita consciência de si mesmo e o corpo pode agir como se estivesse no estado normal, uma vez que a causa fisiológica do sono magnético não é a mesma do sono natural, mas o sono natural é um estado transitório que precede sempre o sono magnético: a passagem de um a outro é um verdadeiro despertar da alma. Aí está a razão por que aqueles que pela primeira vez são levados ao sonambulismo magnético respondem quase sempre com um não à pergunta: Está você dormindo?

Desde que vêm e pensam livremente, para eles com efeito isto, no sentido comum da palavra, não é dormir.

SONO NATURAL: suspensão momentânea da vida de relação; entorpecimento dos sentidos durante o qual se interrompem as relações da alma com o mundo exterior por meio de órgãos.

SUPERSTIÇÃO. Por mais absurda que possa ser uma idéia supersticiosa, repousa quase num fato real, porém desnaturado pela ignorância, exagerada ou falsamente interpretada. Seria erro supor que vulgarizar o conhecimento das manifestações espíritas seria propagar superstições. De duas uma: ou os fenômenos são uma quimera ou são reais; no primeiro caso haveria razão para as combater; porém se existem, como o demonstra a experiência, nada lhes impede a produção.

Pueril seria atacar fatos positivos; logo o que deve ser combatido não são os fatos, mas a falsa interpretação que a ignorância pode dar-lhes. Nos séculos passados foram eles, sem dúvida, a fonte de uma porção de superstições, como aliás todos os fenômenos naturais cuja causa era desconhecida. O progresso das ciências positivas faz com que umas tantas desapareçam, enquanto a ciência espírita, melhor conhecida, fará desaparecer outras tantas.

Os adversários do espiritismo apóiam-se no perigo que esses fenômenos apresentam para a razão. Todas as causas que podem excitar as imaginações fracas podem produzir a loucura; o que é preciso antes de mais nada é curar o mal do medo; ora, o meio de o conseguir não é exagerar o perigo, fazendo com que creiam 'serem as manifestações obra do diabo.

Aqueles que propagam essa crença com o intuito de desacreditar a doutrina fogem completamente do seu objetivo, primeiro porque assinalar uma causa qualquer aos fenômenos espíritas é reconhecer-lhes a existência; em segundo lugar porque, querendo fazer crer que o diabo seja o seu único agente, afetam perigosamente a moral de certos indivíduos. Eles, como não podem impedir que se produzam manifestações mesmo entre aqueles que as não desejam, não verão em seu derredor e por toda a parte senão diabos e demônios, até nos mais simples efeitos, os quais tomam por manifestações. Em tudo isto há muita coisa para perturbar o cérebro. Dar importância a esse temor é, em vez de o curar, mantê-lo; aí está o verdadeiro perigo, porque aí está a superstição.

TAUMATURGO (do grego thauma, taumatos, maravilha ergon, obra): fazedor de milagres: 'são Gregório Taumaturgo. Dizemos as vezes por ironia, com razão ou sem ela, daqueles que se gabam de poder produzir fenômenos fora das leis da natureza. É neste sentido que certas pessoas dão a Swedenborg o nome de taumaturgo.

TELEGRAFIA HUMANA: comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se evocam reciprocamente. Essa evocação provoca a emancipação da alma ou Espírito encarnado, que vem manifestar-se e pode comunicar o seu pensamento pela escrita ou por qualquer outro meio. Dizem-nos os Espíritos que a telegrafia, humana, quando os homens forem mais moralizados, menos egoístas e menos ligados às coisas materiais, será um dia um meio de comunicação usual; enquanto esperam, será ela um privilégio das almas de escol apenas.

TIPTOLOGIA (do grego typto, golpe e logos, discurso): comunicação inteligente de Espíritos por meio de golpes vibrados.

Tiptologia alfabética: quando os golpes designam as letras do alfabeto, cuja reunião forma palavras e frases. Pode ser produzida pelos dois meios adiante citados.

Tiptologia íntima ou passiva:: quando os golpes são ouvidos na própria substância de um objeto imóvel.

Tiptologia por movimento: quando os golpes são vibrados por um objeto qualquer que se move, como verbigrácia uma mesa que bate com o pé, por um movimento de básculo.

A tiptologia é um meio de comunicação muito imperfeito, à vista da lentidão que não permite desenvolvimentos tão extensos quanto os obtidos pela psicografia ou pela psicofonia. (Vede estas palavras).

TODO (O) universal, o grande todo. Segundo a opinião de alguns filósofos, há uma alma universal da qual cada um possui uma parcela; pela morte, as almas particulares voltam, sem conservar a individualidade, à fonte geral, como. as gotas de chuva se fundem nas águas do Oceano. Essa fonte comum é para eles o grande todo, o todo universal. Essa doutrina, sem a individualidade após a morte, seria tão desanimadora quanto o materialismo, porque seria absolutamente corno se não existisse.

O Espiritismo é a prova patente do contrário; mas a idéia do grande todo não implica necessariamente a da fusão dos seres num só. Um soldado que volta ao seu regimento entra num todo coletivo e nem por isso perde a sua individualidade. Dá-se o mesmo com as almas que entram no mundo dos Espíritos, que para elas é também um todo coletivo: o todo universal. É neste sentido que deve ser entendida a expressão na linguagem de alguns, Espíritos.

TRANSMIGRAÇÃO (Vede Reencarnação, Metempsicose).

TRASGO: é uma espécie de duende, é mais malicioso do que mau e pertence à classe dos Espíritos levianos. (Vede Duende).

VIDENTE: aquele que é dotado da segunda vista. Designam alguns por esse nome os sonâmbulos magnéticos, para melhor caracterizar a sua lucidez. Na última acepção o termo não exprime mais do que invisível, aplicado aos Espíritos; apresenta o inconveniente de não ser especial para o estado sonambúlico. Quando contamos com urna palavra para exprimirmos urna idéia, é desnecessário criar outra. Devemos sobretudo procurar o desvio das palavras da acepção consagrada.

VISIONARIO: aquele que erradamente crê ter visões ou revelações; em sentido figurado: aquele que tem idéias malucas ou quiméricas (Acad.). O termo conviria perfeitamente para designar as pessoas dotadas de segunda vista e que têm visões reais, se não fosse consagrado em sentido pejorativo. Entretanto a necessidade de um nome especial para designar essas criaturas é evidente (Vede Vidente).

VISTA (SEGUNDA): é o efeito da emancipação da alma, que se manifesta em estado de vigília; faculdade de ver as coisas ausentes como se estivessem presentes. Aqueles que são dotados dessa faculdade não vêem pelo.s olhos, mas pela alma, que percebe a imagem dos objetos em qualquer parte para onde se transporte e como que por urna espécie de

miragem. Essa faculdade não é permanente; determinadas pessoas a possuem, mal grado seu; ela lhes parece um efeito natural e produz aquilo a que chamam de visões.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Escala espírita

Um dos mais importantes, de todos os princípios fundamentais da doutrina espírita, é incontestavelmente aquele que estabelece as diferentes ordens de Espíritos. Pensou-se no começo das manifestações que um ser, por isso mesmo que é Espírito, deveria ter a ciência infusa e a suprema sabedoria e muita gente se julgou de posse de meios infalíveis de adivinhação. Esse erro ocasionou muitos equívocos. Em breve a experiência demonstrou que o mundo invisível está longe de encerrar apenas Espíritos superiores; eles próprios nos informam que não são iguais nem em saber nem em moralidade, que a sua elevação depende do grau de perfeição a que tenham chegado.

Traçaram eles os caracteres distintivos desses diversos graus que constituem o que denominamos Escala, espírita. Desde logo a diversidade e as contradições de sua linguagem foram explicadas e se compreendeu que, entre os espíritos, como entre os homens, para saber uma coisa não nos devemos dirigir ao primeiro que nos aparecer.

Essa escala dá-nos assim a chave de uma porção de fenômenos e anomalias aparentes, das quais seria difícil, senão impossível, dar-mos conta sem o seu auxílio. Além mais ela nos interessa pessoalmente, porque, pela nossa alma, pertencemos ao mundo espírita, no qual entramos ao deixar a vida corporal e, ainda, porque ela nos mostra caminho a seguir a fim de chegar à perfeição e ao supremo bem.

Sob o ponto de vista da ciência prática ela nos fornece o meio de julgar os Espíritos que se apresentam nas manifestações e de apreciar o grau de confiança, que sua linguagem nos deve inspirar. Esse estudo requer uma observação atenta e constante: são preciso tempo e experiência para aprender a conhecer os homens e não menos são necessários para aprender a conhecer os Espíritos.

A escala espírita compreende três ordens principais, indicadas pelos Espíritos e perfeitamente assinaladas. À vista de essas ordens apresentarem diversas cambiantes, dividi-las-emos em diversas classes designadas pelo caráter dominante dos Espíritos que delas fazem parte. Todavia essa classificação nada tem de absoluto; cada categoria só oferece um distintivo marcante no conjunto; mas de um a outro grau a nuance se apaga, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris ou ainda como nos vários períodos da vida.

O homem, dos vinte aos quarenta anos, experimenta notável mudança; aos vinte é um homem moço e aos quarenta, feito; mas entre as duas fases da vida seria impossível estabelecer uma linha de demarcação e dizer onde

termina uma e começa a outra. O mesmo se dá quanto aos graus da escala espírita. Além do mais observamos que os Espíritos não pertencem sempre e exclusivamente a esta ou àquela classe; o seu progresso só se realiza gradualmente e, muitas vezes, mais num sentido do que em outro, com o que podem reunir caracteres de diversas categorias, o que é fácil de saber através da linguagem e das ações deles.

Iniciamos a escala pelas ordens inferiores por ser o ponto de partida dos Espíritos que se elevam gradativamente dos últimos aos primeiros postos.

TERCEIRA ORDEM - ESPÍRITOS IMPERFEITOS

Característicos gerais. Predominância da matéria sobre o Espírito, propensão para o mal, ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que são decorrência de tudo isto.

Possuem a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade, inconseqüência e malícia do que verdadeira maldade. Uns nem fazem o bem nem o mal; porém denotam inferioridade pelo simples fato de não fazerem o bem. Outros, pelo contrário, comprazem-se no mal e ficam satisfeitos quando se lhes apresenta ocasião de o praticar. À inteligência podem aliar a maldade ou a malícia; mas, seja qual for o seu desenvolvimento intelectual, as suas idéias são poucas elevadas e os seus sentimentos são mais ou menos abjetos.

Os conhecimentos deles acerca das coisas do mundo espírita são limitados e o pouco que sabem se confunde com as idéias e os preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar senão noções falsas e incompletas; porém o observador atento sempre lhes descobre nas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O seu caráter se revela pela linguagem. Todo Espírito que, nas suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser catalogado na terceira ordem; conseqüentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido provém de um Espírito dessa ordem.

Eles vêem a felicidade dos bons, o que lhes é um tormento incessante, pois experimentam todas as angústias produzidas pela inveja e pelo ciúme.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal e essa impressão é por vezes mais penosa que a realidade. Sofrem pois realmente os males que suportaram e os que causaram aos outros e, como sofrem muito tempo, crêem sofrer sempre; Deus, para puni-los, quer que pensem que assim é.

Podem ser divididos em quatro grupos principais.

Nona classe. ESPÍRITOS IMPUROS. São inclinados ao mal, que convertem em objeto de suas preocupações. Dão, como Espíritos, pérfidos conselhos, insuflam a discórdia e a desconfiança e tomam todas as máscaras a fim de enganar melhor. Apegam-se às pessoas de caráter fraco, que cedem às

suas sugestões, a fim de as arrastar a perdição, contentes de poderem retardar o seu progresso e de as fazer sucumbir nas provas por que passam.

Reconhecemo-los nas suas manifestações pela linguagem; a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, são sempre um índice de inferioridade moral, se não intelectual. As comunicações denotam a baixeza das inclinações e, se tentam enganar, falando de um modo sensato, não podem representar o papel por muito tempo e acabam sempre por trair a origem.

Alguns povos fizeram deles divindades malfazejas; outros os designaram pelos nomes de demônios, gênios maus, Espíritos do mal.

Oitava classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. São ignorantes, malévolos, inconstantes e zombeteiros. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se preocuparem com a verdade. Aprazem-se em causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, em fazer intrigas e maliciosamente induzir em erro, por mistificações e por espertezas. À classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, diabretes, gnomos e trasgos. Estão sob a dependência de Espíritos superiores, que os empregam muitas vezes, como nós fazemos com os criados.

Nas comunicações com os homens a linguagem é por vezes espirituosa e faceira, porém quase sempre sem profundidade; apreendem as singularidades e os ridículos, que exprimem em traços mordazes e satíricos. Se, tomam nomes supostos, fazem-no mais por malícia do que por maldade.

Sétima classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SABIOS. São os seus conhecimentos muito extensos, porém julgam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado algum progresso sob vários pontos de vista, sua linguagem possui um caráter sério que pode enganar, quanto à sua capacidade e às suas luzes; entretanto, o mais das vezes não passa de um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades com os mais absurdos erros, em meio dos quais despontam a presunção, o orgulho, a inveja e a teimosia dos quais não puderam despojar-se.

Sexta classe. ESPÍRITOS NEUTROS. Não são nem suficientemente bons para fazerem o bem, nem suficientemente maus para fazerem o mal; inclinam-se para um e para outro, não se elevam acima da vulgaridade humana, quer quanto ao moral, quer quanto à inteligência. Apegam-se às coisas do mundo, de cujos prazeres grosseiros sentem saudades.

SEGUNDA ORDEM - BONS ESPÍRITOS

CARACTERES GERAIS. Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. As qualidades e o poder de praticar o bem são proporcionais ao grau já atingido: uns têm ciência, outros sabedoria e bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Conservam, mais ou

menos, por não se acharem ainda completamente desmaterializados, os traços da existência corpórea, conforme a sua classe, quer na forma de linguagem, quer nos hábitos, onde se registram até alguns sestros. Não fosse isto, seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já desfrutam da felicidade dos bons. Sentem-se felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. É lhes fonte inefável de felicidade o amor que os une, que não alteram nem a inveja, nem os remorsos, nem qualquer das paixões inferiores que atormentam os Espíritos imperfeitos; mas todos têm ainda que passar por provas até atingirem a perfeição absoluta.

Sugerem, como Espíritos, bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida aqueles que se tornam dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não se comprazem nessas influências.

São, quando encarnados, bons e benevolentes para com os semelhantes; não são movidos pelo orgulho, nem pelo egoísmo ou pela ambição; não experimentam nem ódio, nem rancor, nem inveja ou ciúme e praticam o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças vulgares como bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância foram transformados em divindades benfazejas.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

Quinta classe. **ESPÍRITOS BENÉVOLOS.** É-lhes a bondade a qualidade dominante; comprazem-se em prestar serviços aos homens e em os **PROTEGER**; porém o seu saber é limitado e o progresso que realizam é mais no, sentido moral do que no intelectual.

Quarta classe. **ESPÍRITOS SABIOS.** Aquilo que os distingue é especialmente a extensão dos conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais aptidão; porém só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e não a misturam com qualquer das paixões características dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe. **ESPÍRITOS DE SABEDORIA.** As qualidades morais de ordem mais elevada constituem o seu caráter distintivo. Se bem que não possuam conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite um julgamento reto acerca dos homens e das coisas.

Segunda classe. **ESPÍRITOS SUPERIORES.** Reúnem ciência, sabedoria e bondade. A linguagem só transpira benevolência; é sempre digna, elevada, sublime por vezes. A superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos darem as mais justas noções acerca das coisas do mundo incorporal, dentro dos limites de conhecimento permissíveis ao homem. Comunicam-se de boa vontade com os que de boa fé buscam a verdade e cuja alma seja bastante desprendida dos laços terrenos para a compreender; mas

afastam-se daqueles que são movidos pela curiosidade ou que, por influência da matéria, se desviam da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, vêm cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que pode aqui aspirar a humanidade.

PRIMEIRA ORDEM - PUROS ESPÍRITOS

Caracteres gerais. É nula a influência da matéria. Há, em relação a outras ordens de Espíritos, superioridade intelectual e moral.

Primeira classe. Classe única. Percorreram todos os degraus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Por terem atingido a soma de perfeições de que é susceptível a criatura, não têm mais que passar por provas ou expiações, por não estarem mais sujeitos a reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna, que realizam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, porque nem estão sujeitos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material; mas essa felicidade não é absolutamente uma: ociosidade monótona, passada em perpétua contemplação. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção do equilíbrio universal. Comandam os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e lhes confiam missões. Suave ocupação é para eles assistir os homens nas suas aflições, estimulá-las na prática do bem e na expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema.

São por vezes designados como anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar com eles em comunicação; presunçoso entretanto seria aquele que pensasse em os ter constantemente às próprias ordens.

Há aqueles que erroneamente os designam pelo nome de Espíritos incriados. Os Espíritos incriados existiriam, como Deus, de toda a eternidade. Ora, se no universo pudessem existir seres sem a vontade de Deus, Deus não seria todo-poderoso. Alguns Espíritos se serviram dessa expressão, porém não neste sentido. Entendiam por ela que eram os Espíritos que não mais se encarnavam e que, sob este ponto de vista, não mais serão criados como os homens. O termo é impróprio, porque dá lugar a uma falsa interpretação; aí está o inconveniente de nos atermos à letra sem perscrutar a idéia (Vede Anjo).

CAPÍTULO II

Das manifestações espíritas

Ação oculta

Muitas vezes, malgrado nosso, os Espíritos agem sobre a nossa mente; solicitam-nos a fazer isto ou aquilo; julgamos agir por impulso próprio quando apenas obedecemos a uma sugestão estranha.

Não devemos inferir daí que não tenhamos iniciativa; longe disso: o Espírito encarnado tem sempre o livre arbítrio; em definitivo não faz senão aquilo que quer e, muitas vezes, segue os seus próprios impulsos. Para darmos conta da maneira por que as coisas se passam, necessitamos figurar a nossa alma despreendida dos laços, pela emancipação, o que sempre ocorre durante o sono, haja ou não sonho; toda vez que há entorpecimento dos sentidos e até em estado de vigília. Entra ela então em comunicação com os outros Espíritos, como alguém que saísse de casa para ir aos vizinhos - se nos admitem essa comparação familiar.

Estabelece-se assim entre eles uma espécie de conversação ou mais exatamente uma troca de idéias. A influência do Espírito estranho não é um domínio, mas uma espécie de conselho dado à nossa alma, o qual pode ser mais ou menos prudente, conforme a natureza do Espírito, sendo a alma livre de o aceitar ou não, mas que pode melhor apreciar quando não mais se acha sob o império das idéias suscitadas pela vida de relação. Dizemos por isso que a noite traz o seu conselho.

Nem sempre nos é fácil distinguir a idéia sugerida da idéia própria, por que muitas vezes elas se confundem. Há entretanto presunção de que venha de uma fonte estranha quando é espontânea e surge em nós como uma inspiração e quando se opõe à nossa maneira de ver. Nosso julgamento e nossa consciência nos dão a conhecer se ela é boa ou má.

Manifestações patentes

As manifestações patentes diferem das manifestações ocultas por isso que são apreciáveis pelos nossos sentidos.

Constituem, a bem dizer, todos os fenômenos espíritas que se nos apresentam sob formas variadas.

Manifestações físicas

Chamam-se assim as manifestações que se limitam a fenômenos materiais, como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Geralmente não comportam nenhum sentido direto: o seu objetivo é chamar a nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Para muita gente essas manifestações são mero objeto de curiosidade; para o observador é pelo menos a revelação de uma força desconhecida, digna, em todo o caso, de um estudo sério.

Os mais simples efeitos desse gênero são os golpes vibrados sem causa ostensiva conhecida e o movimento circular de uma mesa ou de um objeto

qualquer, com imposição de mãos ou sem ela; mas podem assumir proporções muito extravagantes: os golpes por vezes são ouvidos de todos os lados e com uma intensidade que degenera em verdadeiro barulho; os móveis são deslocados, derrubados, levantados do chão; os objetos transportados de um lugar para outro, à vista de todos, as cortinas puxadas, arrancadas as cobertas das camas, tocadas as campainhas. Compreendemos porque certas pessoas, quando os fenômenos se produzem, os tenham atribuído a uma origem diabólica. Um estudo atento explicou essa crença supersticiosa. Tornaremos ainda ao assunto.

Manifestações inteligentes

Se os fenômenos de que acabamos de falar se limitassem a efeitos materiais, não haveria a menor dúvida de que poderiam ser atribuídos a uma causa puramente física, à ação de algum fluido cujas propriedades fosse ainda desconhecidas. Já o mesmo não aconteceu quando deram incontestáveis sinais de inteligência. Ora, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Fácil nos é reconhecer num objeto que se agita um simples movimento mecânico e um movimento intencional.

Se, pelo ruído ou pelo movimento esse objeto dá um sinal, é evidente que há a intervenção de uma inteligência. Diz-nos a razão que não é o objeto material que é inteligente, de onde concluimos que ele é movido por uma causa inteligente, estranha.

Esse é o caso dos fenômenos de que nos ocupamos.

Se as manifestações puramente físicas, a que nos acabamos de referir, são de natureza que cativa o nosso interesse, com mais forte razão quando nos revelam a presença de uma inteligência oculta, porque então não é mais um simples corpo inerte e com o qual podemos trocar idéias.

Compreende-se desde logo que a maneira de experimentação deve ser absolutamente outra do que seria se, se tratasse de fenômeno essencialmente material e que os nossos processos de laboratório são, insuficientes para nos dar conta dos fatos relativos à ordem intelectual.

Já não se pode mais aqui fazer questão de análises ou de cálculos matemáticos das forças. Ora, é precisamente este o erro em que caiu a maioria dos cientistas: julgou-se ela em presença de um desses fenômenos que a ciência reproduz à vontade e acerca do qual é possível operar como sobre um gás. Isto nada lhes tira do seu saber. Apenas dizemos que eles se enganaram julgando que poderiam meter os Espíritos numa retorta, como o espírito de vinho e que os fenômenos espíritas não pertencem mais ao domínio das ciências exatas do que as questões de teologia ou de metafísica.

Manifestações aparentes

As manifestações aparentes mais ordinárias se dão no sono através dos sonhos: são as visões. Os sonhos nunca foram explicados pela ciência. Julga ela tudo haver dito, atribuindo-os a um efeito da imaginação; mas não diz o que é a imaginação nem como produz ela essas imagens tão claras e tão límpidas que, por vezes, nos aparecem. É explicar uma causa desconhecida por outra que não o é menos. A questão permanece assim por inteiro. Dizem que é uma lembrança das preocupações da vigília, mas mesmo admitindo essa solução, que não é a única, restaria saber qual é esse espelho mágico que assim conserva a impressão das coisas; como explicar, sobretudo essas visões de coisas irreais que nunca foram vistas no estado de vigília e nas quais nunca se pensou?

Só o Espiritismo nos poderia dar a chave desse fenômeno esquisito, que passa despercebido por força da sua própria vulgaridade, como todas as maravilhas da natureza que calcamos aos nossos pés (vede sonho no vocabulário). Não cabe em o nosso plano examinar todas as particularidades que os sonhos nos podem apresentar; limitamo-nos a dizer o que podem eles ser; uma visão atual das coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Às vezes são quadros alegóricos, que os Espíritos fazem passar aos nossos olhos, a fim de nos darem avisos úteis e conselhos salutares, quando se trata de bons Espíritos ou para induzir-nos em erro e, se, se trata de Espíritos imperfeitos, lisonjear as nossas paixões.

As pessoas que vemos em sonho são verdadeiras visões; se sonhamos mais freqüentemente com as que preocupam a nossa mente é porque o pensamento é um modo de evocação e por ele chamamos a nós o Espírito dessas pessoas estejam elas vivas ou mortas.

Cometeríamos injúria contra o bom senso dos nossos leitores refutar tudo quanto existe de absurdo e de ridículo naquilo que vulgarmente é apresentado como interpretação dos sonhos.

As aparições propriamente ditas se realizam em estado de vigília, quando gozamos da plenitude e da inteira liberdade das faculdades.. É incontestavelmente o gênero de manifestações mais adequado para excitar a curiosidade, mas é também o menos fácil de se conseguir.

Podem os Espíritos manifestar-se ostensivamente de diversos modos: às vezes é sob a forma de flamas ligeiras e de luores (clarões) mais ou menos brilhantes, sem qualquer analogia, tanto pelo aspecto quanto pelas circunstâncias nas quais se produzem com os fogos-fátuos e outros fenômenos físicos cuja causa está inteiramente demonstrada.

Outras vezes tomam os traços de uma pessoa conhecida ou desconhecida, sobre cuja individualidade podemos iludir-nos, conforme as idéias de que estejamos imbuídos. É então uma imagem vaporosa, etérea, que não encontra qualquer obstáculo nos corpos sólidos. Os fatos desse gênero são numerosos; porém antes de os atribuir à imaginação ou à charlatanice, devem levar-se em conta as circunstâncias em que eles se produzem, a posição e principalmente o caráter do narrador.

Em alguns casos a aparição se torna tangível, isto é, adquire momentaneamente e sob o império de circunstâncias, as propriedades da matéria sólida. Então não é mais pelos olhos que verificamos a realidade, mas pelo tato. Se pudéssemos atribuir a ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição apenas visual, a dúvida já não seria permissível quando podemos tocar, pegar e apalpar, quando ela própria nos pega e nos abraça (1). (1) Vede na Revista Espírita, meses de março, abril e maio de 1858, a descrição e a explicação das manifestações dessa espécie. Vede também trabalhos mais recentes de escritores espíritas e sua abundante documentação. Nota do editor.

Manifestações espontâneas

A maior parte dos fenômenos de que acabamos de falar, principalmente dos pertinentes ao gênero das manifestações físicas e aparentes, podem produzir-se espontaneamente, isto é, sem que a vontade neles tenha qualquer participação.

Nas outras circunstâncias podem ser provocados pela vontade de pessoas chamadas médiuns, dotadas para isso de um poder especial.

As manifestações espontâneas nem são raras, nem novas; não há crônica local que não encene algum relato desse gênero. Sem dúvida o medo exagerou os fatos, que, ao passarem de boca em boca, tomaram assim proporções gigantescamente ridículas. Devido ao trabalho da superstição, as casas onde eles se passaram foram consideradas assombradas pelo diabo. Daí todos os contos maravilhosos ou terríveis dos fantasmas; por outro lado o embuste não perdeu tão bela ocasião para explorar a credulidade muitas vezes em proveito pessoal. Aliás, é compreensível, mesmo quando reduzido à realidade, a impressão causada por fatos desse gênero sobre os caracteres fracos e predispostos pela educação a idéias supersticiosas.

O mais seguro meio de prevenir as falhas que poderiam ter esses inconvenientes, uma vez que os não poderíamos impedir, é dar a conhecer a verdade. As mais simples coisas tornam-se apavorantes quando lhes desconhecemos as causas.

Uma vez familiarizados com os Espíritos e desde que aqueles a quem eles se manifestam não creiam ter às costas uma legião de demônios, aqueles não mais os temerão.

As manifestações espontâneas se produzem muito raramente em lugares isolados. Ê quase sempre em casas habitadas que elas ocorrem e isto em virtude da presença de determinadas pessoas que, malgrado seu, exercem certa influência.

Essas pessoas são verdadeiros médiuns que ignoram suas próprias faculdades e aos quais por isso chamamos médiuns naturais. São eles para os outros médiuns aquilo que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos e igualmente dignos de serem observados. Ê por

isso que aconselhamos àqueles que se ocupam com os fenômenos espíritas a colher todos os fatos desse gênero que chegarem ao seu conhecimento, mas, sobretudo a verificar a sua realidade cuidadosamente, a fim de se evitar sejam vítimas de ilusões e de fraudes, o que conseguirão por meio de uma observação atenta.

Devemo-nos manter em guarda não só contra as estórias que podem ser consideradas como exageradas, mas contra as nossas próprias impressões e não atribuir uma origem oculta a tudo quanto não se compreenda. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais podem produzir efeitos estranhos à primeira vista e seria verdadeira superstição ver em toda a parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louça e enfim suscitar mil e uma complicações domésticas que seria mais racional levar à conta de descuidos.

O que é preciso fazer em casos semelhantes é procurar a causa e há cem probabilidades contra uma de encontrarmos uma explicação muito simples onde parecia tratar-se de um Espírito perturbador. Quando ocorre um fenômeno inexplicável, o primeiro pensamento que se deve ter é que ele seja devido a uma causa material, por ser a mais provável, e não admitir a intervenção de Espíritos senão com conhecimento de causa. Aquele que, por exemplo, sem se aproximar de ninguém, recebesse um sopro ou uma bengalada nas costas, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

As mais simples manifestações espíritas, e as mais freqüentes são os ruídos e os golpes vibrados. Aqui, sobretudo é que devemos temer a ilusão, pois uma porção de causas naturais os podem produzir: o vento que sopra ou agita um objeto, um objeto que movemos sem nos apercebermos, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., por vezes mesmo uma travessura de mau gosto.

Têm os ruídos espíritas aliás um caráter particular e provocam timbre e intensidade variados, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem sejam confundidos com o estalo da madeira que se dilata, o crepitar do fogo ou o tique-taque monótono de um relógio. São golpes ora surdos, distintos, por vezes barulhentos, que mudam de lugar e se repetem sem aquela regularidade mecânica.

O mais eficaz, de todos os meios de controle, o que não deixa dúvidas quanto à origem, é a obediência à vontade.

Se os golpes se fazem ouvir num determinado lugar, se respondem ao pensamento pelo número e pela intensidade, não é possível negar a existência de uma causa inteligente; mas a falta de obediência nem sempre é prova em contrário.

Admitamos agora que, por uma verificação minuciosa, e adquira a certeza de que os ruídos ou quaisquer outros efeitos sejam manifestações reais. Será razoável ficar alguém apavorado? Certamente que não, porque, em qualquer caso, não poderia haver o menor perigo; só as pessoas persuadidas de que é o diabo é que podem ser afetadas prejudicialmente

como as crianças a quem metem medo com o lobo -mau ou com o bicho-papão.

Em certas circunstâncias essas manifestações adquirem proporções e uma persistência desagradáveis - é bom reconhecer - e despertam o natural desejo de nos desvencilharmos delas. Torna-se necessário uma explicação a respeito do assunto.

Vimos dizendo que as manifestações físicas têm por objetivo chamar a nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Vimos dizendo também que os Espíritos elevados não se ocupam com essas espécies de manifestações: eles se servem dos espíritos inferiores para as produzir, assim como nós nos servimos dos criados para os serviços grosseiros e com a finalidade que acabamos de indicar.

Atingido o objetivo, cessa a manifestação material por não mais ser necessária. Um ou dois exemplos nos farão compreender melhor a coisa. No começo dos meus estudos de Espiritismo, estando uma noite ocupado com um trabalho do gênero, fizeram-se ouvir golpes ao meu redor durante quatro horas seguidas. Era a primeira vez que isso me acontecia. Verifiquei que eles não eram devidos a nenhuma causa accidental, mas no momento não me foi possível saber mais do que sabia.

Naquela ocasião tinha eu oportunidade de ver com freqüência um excelente médium escrevente. No dia seguinte interroguei o Espírito, que se comunicava por intermédio dele, acerca da causa daqueles golpes.

- Foi o seu Espírito familiar, respondeu-me ele, que lhe deseja falar.

- Que desejava dizer-me?

- Pergunte-lhe você mesmo, pois ele aqui está.

Interrogado o Espírito, deu-se ele a conhecer com um nome alegórico (vim a saber depois, por outros Espíritos, que era o de um ilustre filósofo da antigüidade). Assinalou erros no meu trabalho e me indicou as linhas em que se encontravam; deu-me conselhos sábios e úteis e acrescentou que estaria sempre comigo e viria ao meu apelo sempre que o quisesse interrogar.

Desde então, com efeito, nunca mais me deixou. Deu-me inúmeras provas de grande superioridade e a sua intervenção benévola e eficaz me foi manifesta tanto nos negócios da vida material como naquilo que se refere a coisas metafísicas.

Porém depois daquela nossa primeira conversa os golpes cessaram. Que desejaria ele realmente? Entrar em comunicação regular comigo; para isso era preciso advertir-me; sem dúvida não foi ele em pessoa que veio bater em minha casa; possivelmente mandou um emissário às suas ordens.

Feita a advertência, depois posteriormente explicada, estabeleceram-se relações regulares, os golpes tornaram-se inúteis e em consequência terminaram. Desde que os soldados já estejam de pé não se rufam os tambores para acordá-los.

Um fato mais ou menos parecido aconteceu com um dos nossos amigos. Havia algum tempo já que em seu quarto soavam ruídos diversos, que se

tornaram incômodos. Apresentando-se oportunidade para interrogar, por um médium escrevente, o Espírito do pai, ficou sabendo o que queriam, fez o que lhe recomendaram e a partir daí nada mais foi ouvido. É de notar-se que as pessoas que têm um meio regular de fácil comunicação com os Espíritos têm muito mais raramente manifestações desse gênero, o que é fácil de se compreender.

Os Espíritos que assim se manifestam podem igualmente agir por conta própria. São às vezes Espíritos sofredores que pedem assistência moral (Vede Prece no vocabulário). Logo que podem traduzir o seu pensamento de maneira mais inteligível, pedem essa assistência segundo a forma que lhes era familiar em vida ou que está nas idéias e nos hábitos daqueles a quem se dirigem, pois pouco importa essa forma, uma vez que a intenção vem do coração.

Em resumo, o meio de fazer cessar as manifestações importunas é procurar entrar em comunicação inteligente com o Espírito que vem perturbar-nos, a fim de saber quem seja ele e o que quer de nós; satisfeito o seu desejo, ele nos deixa em paz. É como alguém que bate a uma porta até que lha abram. Porém o que fazer - dirá alguém - se não se dispõe de médium? O mesmo que faz um doente que não tem médico: passa sem ele. Há outro recurso. O doente não pode fazer-se de médico, porém em dez pessoas nove podem tornar-se médiuns escreventes; então é procurar tornar-se médium, uma vez que não se encontre um na família. Na falta de médium escrevente, pode-se interrogar diretamente o Espírito e ele responderá ainda por pancadas, isto é, pelo número de golpes convencionados.

Voltaremos ao assunto nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III

Comunicações espíritas

Toda manifestação que revela uma intenção ou uma vontade é por isso mesmo, conforme dissemos, inteligente num grau qualquer. É pois uma qualificação genérica, que distingue essas espécies de manifestações daquelas puramente materiais. Quando o desenvolvimento dessa inteligência permite uma troca contínua de idéias, se obtêm comunicações regulares, cujo caráter permite julgar o Espírito que se manifesta. Serão elas, segundo a sua natureza e o seu objetivo, frívolas, grosseiras, sérias ou instrutivas (Vede Comunicações no Vocabulário). A distinção é de grande importância, porque é por ela que os Espíritos nos revelam a sua superioridade ou a sua inferioridade.

Conhecem-se os homens pela sua linguagem; dá-se o mesmo com os Espíritos; ora, quem quer que esteja bem compenetrado das qualidades distintivas de cada uma das classes da escala espírita, poderá sem

dificuldade assinalar a cada Espírito, que se apresenta, a classe que lhe convém, bem como o grau de estima e de confiança que merece.

Se a experiência não viesse em apoio desse princípio, bastaria o simples bom senso para o demonstrar. Estabelecemos assim, como regra invariável e sem exceção, que a linguagem dos Espíritos está sempre na razão do seu grau de elevação.

O Espírito realmente superior é sempre grave, digno e nobre; sublime, quando o assunto o exige; não só dizem apenas coisas boas - mas o dizem em termos que excluem de modo absoluto qualquer trivialidade; por melhores que as coisas sejam, se elas forem manchadas por uma única expressão, que denote baixeza, temos um indubitável sinal de inferioridade; com mais forte razão o temos se o conjunto da comunicação fere, por grosseria, as conveniências.

A linguagem revela sempre: a sua origem, quer pelo pensamento que traduz, quer pela forma que o reveste; dessa maneira, mesmo que um Espírito nos quisesse iludir relativamente à sua pretensa superioridade, basta conversar um pouco com ele para se lhe conhecer a envergadura.

O fato seguinte repetiu-se muitas vezes no decurso dos nossos longos e numerosos estudos. Entretínhamo-nos com um Espírito cujo caráter e linguagem nos eram conhecidos; outro Espírito, mais ou menos elevado, achava-se presente e, sem que ninguém o chamasse, se meteu na conversa. Ora, antes que nos tivesse dado o nome, a diferença de estilo se tornou tão patente, que cada um disse imediatamente: Não é mais o mesmo Espírito quem está falando.

Não é outro o modo do julgamento dos homens; baste-nos ouvi-los; não nos é nem mesmo preciso vê-los. Suponhamos que na sala contígua àquela em que estamos se encontrem várias pessoas que não conhecemos e não podemos ver; pela sua conversa poderemos julgar a todos e dizer se são gente rústica ou fina; ignorantes ou sábios, malfeitores ou gente honesta.

A bondade e a benevolência são ainda atributos essenciais dos Espíritos depurados; não têm ódios aos homens nem a Espíritos; lamentam-lhes as fraquezas, criticam-lhe os erros, porém sempre com moderação, sem azedume nem animosidade. Isto quanto à moral. Podemos igualmente julgá-los pela natureza da inteligência.

Um Espírito pode ser bom, benevolente, só ensinar o bem e ter conhecimentos limitados, porque nele o desenvolvimento é ainda incompleto. Não falamos dos Espíritos notoriamente inferiores, com os quais seria perda de tempo pedir explicações acerca de determinadas coisas; seria o mesmo que perguntar a um colegial o que pensa de Aristóteles ou do sistema do universo. Porém alguns há que, sob este ou aquele ponto de vista, parece serem esclarecidos, ao que, acerca de outras questões, acusam uma ignorância absoluta pelas mais absurdas heresias científicas. Este raciocinará muito sensatamente acerca de um ponto, porém desarrazoará acerca de outro.

É ainda como entre nós um astrônomo é sábio no que diz respeito a astros e pode ser muito ignorante em arquitetura, em música, em pintura, em agricultura, etc. Tudo isto denota evidentemente um desenvolvimento imperfeito, o que não quer dizer que se trate de um Espírito mau.

Para alguém julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é necessário antes de mais nada que saiba julgar a si próprio. Há muita gente infelizmente que toma a sua opinião pessoal como medida exclusiva do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo quanto contradiga a sua maneira de ver, as suas idéias, o sistema que conceberam ou adotaram, é mau aos seus olhos. Falta evidentemente a essas criaturas a primeira qualidade para uma sã apreciação - o reto julgamento; mas elas nem suspeitam de tal coisa e isso é uma falta com que mais se iludem.

Pensa-se geralmente que, interrogando o Espírito de um homem que na Terra foi cientista nalguma especialidade, se obterá a verdade com mais segurança; isto é lógico, porém nem sempre é verdadeiro. Demonstra a experiência que os cientistas, bem como os outros homens, sobretudo aqueles que recentemente deixaram a Terra, ainda se encontram sob o império dos preconceitos da vida corpórea; não se desfazem imediatamente da mania de sistema. Pode pois acontecer que, sob a influência das idéias que acariciaram em vida e das quais fizeram um título de glória, vejam menos claro do que supomos.

Não apresentamos o princípio como regra absoluta; dizemos apenas que isto se vê e que, conseqüentemente, nem sempre a sua ciência humana é prova de infalibilidade como Espírito. Aqueles que, como muitas vezes acontece, condenam como Espíritos as doutrinas que haviam sustentado como homens, dão assim uma prova de elevação. Regra geral: O Espírito é tanto menos perfeito quanto menos desprendido é da matéria. Toda vez pois que se reconhece nele a persistência das idéias falsas que o preocupavam em vida, sejam elas de ordem física ou de ordem moral, temos um sinal infalível de que ele não está completamente desmaterializado.

A tenacidade das idéias terrenas é tanto maior quanto mais recente for a morte. No momento da morte a alma se acha sempre num estado de perturbação, durante o qual apenas se reconhece; é um despertar que não é completo.

A resposta costumeira deles é: Não sei onde estou; tudo está confuso para mim. As vezes se lastimam por julgarem muito prematuro o desencarne; outras vezes pedem cruamente que os deixem em paz e, conforme o caráter, fazem o pedido em termos mais ou menos corteses.

Crêem muitos que não estejam mortos - principalmente os supliciados, os suicidas e, na generalidade, os que sofrem morte violenta; vêem o corpo; sabem que este lhes pertence e não compreendem que se possam achar separados dele. Isto lhes causa espanto e lhes é necessário algum tempo para se darem conta da nova situação. Nessas condições a evocação, a não ser com o objetivo de estudo psicológico, não pode ser feita; mas não é o caso de lhes pedirmos informações.

Esse estado de confusão, que pode ser comparado ao estado transitório do sono à vigília, persiste por tempo mais ou menos longo. Temos encontrado alguns que se acham completamente desprendidos no fim de três ou quatro dias e outros que ainda o não estavam depois de muitos meses;

Acompanha-se com interesse a sua marcha progressiva; assiste-se, de algum modo, ao despertar da alma; as perguntas que lhes são dirigidas, desde que feitas com certa medida, prudência, circunspeção e benevolência, os ajudam até a se desvencilharem. Se sofrem e nos apiedamos da sua dor, sentem-se aliviados.

A morte, quando é natural, isto é, quando se verifica pela extinção gradual das forças vitais, já se acha em parte desligada antes da cessação completa da vida orgânica e se reconhece mais prontamente. Dá-se o mesmo com os homens que, em vida, se elevaram pelo pensamento acima das coisas materiais; pertencem eles já aqui, de certo modo; ao mundo dos Espíritos; a passagem de um a outro se verifica rapidamente e a perturbação é de curta duração.

Acha-se a alma, uma vez desprendida dos restos da roupagem corpórea, no estado normal de Espírito: só então é que pode ser julgada, uma vez que se mostra verdadeiramente como é; as qualidades e os defeitos, as imperfeições e os preconceitos, as prevenções, as falsas idéias, mesquinhas ou ridículas, persistem sem modificação durante todo o período da vida errante, ainda que seja de mil anos; é-lhe necessário atravessar um novo crivo da vida corpórea para que aí deixe algumas das impurezas e se eleve mais uns degraus. Encontramos alguns que, depois de duzentos anos de vida errante, ainda tinham as manias e os ridículos que lhes eram próprias em vida, ao passo que outros quase que imediatamente demonstram grande superioridade.

Ao falar do estado de transição, temos também falado de Espíritos sofredores. Perguntar-nos-ão naturalmente se esse momento é doloroso. Não entra em o nosso plano tratar da questão do sofrimento; o assunto será tratado na Revista. Limitar-nos-emos, pois a dizer que para o homem de bem, para aquele que dorme na paz de uma consciência pura e não teme nenhum olhar perscrutador, o despertar é sempre calmo, suave e pacífico; para aquele cuja consciência se acha carregada de erros, para o homem material que pôs todas as suas alegrias na satisfação do corpo, para aquele que aplicou mal os favores concedidos pela Providência, é ele terrível.

Sim, esses Espíritos sofrem assim que deixam a vida; sofrem muito e esse sofrimento pode durar tanto quanto a sua vida errante; o sofrimento poderá ser apenas moral, porém nem por isso será menos pungente, porque nem sempre lhes é dado ver o fim. Sofrem até que um raio de esperança venha brilhar-lhes nos olhos, a qual, em conversa com eles, podemos fazer nascer neles. Palavras amigas, testemunhos de simpatia são para eles um alívio, para o que podem concorrer os bons Espíritos que chamamos em nosso auxílio, a fim de nos ajudar nas intenções.

Um suicida, evocado pouco depois da morte, nos descrevia assim as suas torturas:

- Quanto tempo durará isto? Perguntamos-lhe.

- Não sei nada e é isto que me desespera.

Um Espírito superior, que se achava presente, nos disse então espontaneamente:

- Isto durará até o fim natural da sua vida terrena, voluntariamente interrompida.

- Obrigado, responde-lhe o outro, por isto que me acaba de informar este que aí está.

Terminaremos o presente capítulo com uma observação essencial. O quadro que acabamos de traçar não resulta de uma teoria ou de um sistema filosófico mais ou menos engenhoso. Tudo quanto dissemos foi recebido dos próprios Espíritos; eles é que foram interrogados e muitas vezes nos responderam de modo contrário às nossas anteriores convicções. Fizemos com os Espíritos o que um anatomista faria para investigar o corpo humano: levamos o escalpelo da investigação a inúmeros seres; não nos contentamos em fazê-los falar - sondamos todos os refolhos da sua existência, tanto quanto nos era dado fazê-lo; seguimo-los desde o instante em que exalavam o último suspiro na vida corporal até o momento em que a ela voltavam; estudamos-lhes a linguagem, os costumes, os hábitos, as idéias e os sentimentos, como o médico que escuta as pulsações do doente; nesta clínica moral, onde todas as fases da vida espiritual passaram sob os nossos olhos, observamos e comparamos.

Encontramos, de um lado, as chagas odiosas, mas também do outro grandes motivos de consolação. Ainda uma vez não fomos nós que imaginamos todas essas coisas – foram os Espíritos que a si mesmo se retrataram.

Ora para quem quer que almeje entrar em contacto com eles, importa conhecê-los bem, a fim de estar em condições de lhes apreciar a situação e de melhor lhes compreender a linguagem, que, sem isto, poderia às vezes parecer contraditória e foi por este motivo que nos alongamos um tanto neste capítulo.

CAPÍTULO 4

DIFERENTES MANEIRAS DE COMUNICAÇÃO

Por maneiras diversas podem os Espíritos comunicar-se conosco; já os definimos no Vocabulário. Daremos agora acerca de cada um deles o desenvolvimento necessário à prática.

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Primitivamente se fez uso da mesa como meio de correspondência, tão só por ser objeto cômodo, pela facilidade, que tem de sentar-se o interessado, à sua volta e por ser o primeiro em que se produziram os movimentos que deram lugar à burlesca expressão de dança das mesas. Importa porém saber que uma mesa não tem maior influência no caso do que qualquer outro objeto ou móvel. Encararemos o fenômeno no seu aspecto mais simples.

Se uma pessoa colocar as pontas dos dedos na borda de um objeto circular, móvel, como por exemplo uma taça, um prato, um chapéu, um copo, etc.; e se nessa situação concentrar a vontade num objeto a fim de fazê-lo mover-se, poderá acontecer que o mesmo objeto se agite num movimento de rotação, lento a princípio, depois cada vez mais rápido, a ponto de ser difícil acompanhá-lo.

O objeto girará para a direita ou para a esquerda conforme a direção indicada pela pessoa, verbal ou mentalmente. Desde que se estabeleça comunicação fluídica entre a pessoa e o objeto, pode este, por simples ação mental, produzir o movimento sem contacto. .Dissemos que isto pode acontecer, porque na realidade não há certeza absoluta de êxito. Algumas pessoas são dotadas, a este respeito, de tal força que o movimento se produz ao término de alguns segundos; outras só o conseguem depois de cinco ou dez minutos; enfim, outras nada conseguem absolutamente.

Sem a experimentação não há diagnóstico possível para o reconhecimento da aptidão para produzir o fenômeno, em que aliás não entra a força física: pessoas frágeis e delicadas muitas vezes conseguem mais do que homens vigorosos. É um ensaio que cada um pode fazer sem o menor perigo, se bem que, às vezes, produza uma grande fadiga muscular e uma espécie de agitação febril.

Se a pessoa for dotada de força suficiente; só poderá fazer mover-se uma mesinha; às vezes atuará até numa mesa pesada e maciça; porém para isso é necessário força excepcional.

Para se operar com mais segurança sobre uma mesa de algum peso, sentam-se diversas pessoas ao seu redor; o número é indiferente; também não há necessidade de alternância de sexos nem de estabelecimento de contacto entre os dedos dos assistentes: basta pôr as pontas dos dedos estirados na borda da mesa, como no teclado do piano. Tudo isto é indiferente.

Por outro lado, há condições essenciais mais difíceis de preencher: a concentração do pensamento de todos, visando obter um movimento num sentido ou em outro, um recolhimento e um silêncio absolutos e, acima de tudo, uma grande paciência. O movimento se dá às vezes em cinco ou dez minutos; porém às vezes é preciso resignar-se a uma espera de meia hora e até mais. Se nada foi obtido depois de uma hora, inútil é continuar.

Devemos acrescentar que algumas pessoas são refratárias à produção do fenômeno e a sua influencia negativa pode exercer-se pelo fato da sua simples presença; outras são inteiramente neutras. Em geral quanto menos espectadores, melhor, já porque haverá menos possibilidade de

haver entre eles refratários, já porque o silêncio e o recolhimento se tornam mais fáceis.

O fenômeno é sempre provocado por efeito da aptidão especial de algumas pessoas, cuja força se acha multiplicada pelo número. A mesa, quando a força é bastante grande, não se limita a girar: agita-se, levanta-se, ergue-se num pé, balança-se como um navio e acaba erguendo-se do solo sem qualquer ponto de apoio.

Uma coisa admirável é que, seja qual for a inclinação da mesa, os objetos que se acham sobre ela se mantêm e nem mesmo a lâmpada sofre qualquer risco. Fato não menos singular é que, estando inclinada e apoiando-se num só pé, pode oferecer tamanha resistência, que o peso de uma pessoa não consegue baixá-la.

Quando chegam a produzir um movimento enérgico, o contacto das mãos se torna desnecessário: as pessoas podem então afastar-se da mesa e ela se dirige para a direita, para a esquerda, para a frente, para trás, para esta ou aquela pessoa designada, eleva-se num pé ou noutro, conforme a ordem que lhe dão.

Até aqui os fenômenos não denotam nenhum caráter essencialmente inteligente: nem por isso são menos dignos de observação, como produto de uma força desconhecida.

Aliás, são de natureza a convencer determinadas pessoas que não o seriam por meio de provas filosóficas. É o primeiro passo na ciência espírita, que conduz muito naturalmente aos meios de comunicação.

O mais simples de todos os meios é, como no homem privado da palavra ou da escrita, a linguagem dos sinais.

Um Espírito pode comunicar o seu pensamento pelo movimento de um objeto qualquer. Conhecemos alguém que se entretinha com o seu Espírito familiar, aliás, uma criatura a quem muito estimava, por meio do primeiro objeto que aparecesse: uma régua, uma faca para papel, encontrados: na mesa de trabalho. Punha ele os dedos no objeto e, depois: de haver evocado o Espírito, a régua se movia para a direita, e para a esquerda para dizer sim ou não, segundo o convencionado, indicava números, etc.

O mesmo resultado é obtido com uma mesa ou uma tripeça. Colocados os dedos em seu bordo, quer só, quer acompanhado, chamando-se um Espírito, se ele se apresentar e julgar conveniente revelar-se, a mesa se ergue, se abaixa, se agita, e, por movimentos para a direita e para a esquerda, ou movimentos basculantes, responde afirmativa ou negativamente. Exprime, pela trepidação, alegria, impaciência e até cólera; às vezes cai violentamente' ou se precipita sobre um dos assistentes, como se tivesse sido empurrada por

mãos invisíveis e nesse movimento pode reconhecer-se a expressão de um sentimento de afeição ou de antipatia.

Um dos nossos amigos estava uma noite em seu salão ocupado com manifestações desse gênero; recebeu uma carta; enquanto a lia, a tripeça avançou para ele, aproximando-se da carta, espontaneamente, sem que ninguém a influenciasse.

Terminada a leitura, foi ele colocar a carta numa mesa do outro lado do salão; a tripeça o seguiu e foi precipitar-se sobre a carta. Daí tirou a conclusão de que se achava presente um Espírito recém-chegado, simpático ao autor da carta, desejoso de comunicar-se com ele. Tendo-o interrogado através da tripeça, as previsões se confirmaram. Eis o que chamamos sematologia ou linguagem dos sinais.

A tiptologia, ou linguagem dos golpes vibrados, oferece mais precisão. É obtida de duas maneiras diversas. A primeira, que chamamos tiptologia por movimento, consiste nos golpes dados pela própria mesa, com um dos pés. Esses golpes podem responder sim ou não, conforme o número convencional para exprimir uma ou outra resposta. As respostas são, como bem se compreende, muito incompletas, sujeitas a enganos e pouco convincentes para os novatos, porque sempre podem ser atribuídas ao acaso.

A tiptologia íntima é produzida de maneira inteiramente diversa. Não é a mesa já que bate; fica imóvel, porém os golpes ressoam na própria substância da madeira, da pedra ou de qualquer outro corpo e às vezes com bastante força para serem ouvidos na sala vizinha. Se aplicarmos o ouvido ou a mão numa parte qualquer da mesa, percebemos a vibração desde os pés à superfície. Obtém-se o fenômeno procedendo-se da mesma forma, com a diferença de que o movimento puro e simples pode ocorrer sem evocação, ao passo que, relativamente aos golpes, quase sempre é preciso apelar para um Espírito.

Nos golpes se reconhece a intervenção de uma inteligência, já que obedecem ao pensamento. Assim, de acordo com o desejo expresso verbalmente ou mesmo mentalmente, eles mudam de lugar, fazem-se ouvir junto a uma determinada pessoa, dão volta à mesa, soam mais forte ou mais fracamente, imitam o eco, o ruído da serra, do martelo, do tambor, a descarga de fuzilaria, marcam o compasso de uma determinada música, indicam a hora, o número das pessoas presentes, etc. ou ainda deixam a mesa e vão fazer-se ouvir na parede, na porta, num ponto convencional; enfim respondem sim ou não às perguntas que lhes são dirigidas.

Essas experiências são antes objeto de curiosidade, pois não comportam comunicações sérias. Em geral os Espíritos que se manifestam assim pertencem a uma ordem inferior.

Os Espíritos sérios não se prestam a essa exibição de força como, entre nós, os homens respeitáveis não se prestam às truanices dos saltimbancos. Quando interrogados a propósito disso, assim respondem: São porventura os homens superiores entre vós aqueles que fazem os ursos dançarem?

Oferece-nos a tiptologia alfabética um meio de correspondência mais fácil e mais completo. Consiste na designação das letras do alfabeto por um número de golpes correspondente à ordem numérica de cada letra e, dessa maneira, formam-se palavras e frases. O processo, contudo, por sua lentidão, tem o grande inconveniente de não se prestar a desenvolvimentos de certa extensão. É ele assim abreviado numa porção de casos; muitas

vezes basta conhecer as primeiras letras de uma palavra para a adivinhar e então não se deixa acabá-la. Pergunta-se na dúvida se é a palavra que se supõe e o Espírito, pelos sinais convencionais, responderá sim ou não.

A tiptologia alfabética pode obter-se pelos dois modos que acabamos de indicar: os golpes vibrados pela mesa e os que se fazem ouvir na substância de um corpo sólido.

Preferimos para as comunicações, um pouco sérias, o primeiro processo, por duas razões: uma é que, de algum modo, ele é mais manejável e há um maior número de pessoas com essa aptidão; a outra diz com a natureza dos Espíritos. Na tiptologia íntima os Espíritos que se manifestam são em geral os chamados Espíritos batedores: levianos, às vezes muito divertidos, porém sempre ignorantes. Podem ser agentes de Espíritos sérios, segundo as circunstâncias, porém em geral obram espontaneamente e por conta própria, ao passo que a experiência prova que os Espíritos das outras ordens se comunicam melhor pelo movimento.

A tiptologia alfabética, em todo o caso, é um modo de comunicação de que os Espíritos superiores se servem a contragosto e apenas na falta de um melhor. Preferem os que se prestam à rapidez do pensamento e, devido a essa lentidão, que os impacienta, abreviam as respostas. Já acham eles a nossa linguagem muito lenta e, com mais forte razão, quando o processo agrava a lentidão dela.

PSICOGRAFIA

A ciência espírita, como as demais ciências, progrediu, e mais rapidamente do que aquelas; alguns anos apenas nos separam desses meios primitivos e incompletos que eram trivialmente chamados as mesas falantes e já hoje nos é possível comunicar com os Espíritos tão facilmente e tão rapidamente como entre os homens e através dos mesmos meios: a escrita e a palavra. Sobretudo a escrita tem a vantagem de acusar mais materialmente a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que podemos conservar, a exemplo do que fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e cestas munidas de um lápis, meios indicados pelos próprios Espíritos. Eis a sua disposição.

No começo deste capítulo dissemos que urna pessoa dotada de aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a qualquer objeto; tornemos, para exemplificar, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, pouco importa, urna vez que a substância é indiferente). Se então fizermos passar um lápis pelo seu fundo, fixando-o bem, com a ponta, para fora e para baixo e se mantivermos o conjunto equilibrado sobre a ponta do lápis, colocada numa folha de papel, pondo os dedos na cesta, esta tornará movimento; mas, em vez de girar como um pião, passará o lápis em vários sentidos sobre o papel, de maneira que forme traços sem significação ou letras. Se

um Espírito for evocado e quiser comunicar-se, responderá, já não pelo sim ou pelo não, mas por palavras e frases completas.

Nesse dispositivo, o lápis ao chegar ao fim da linha não voltará sobre si mesmo para escrever nova linha: continuará circularmente, de maneira que a linha escrita formará urna espiral, o que exige que se faça girar a folha de papel, a fim de ler o que está escrito.

A escrita assim obtida nem sempre é legível, pois as palavras não ficam separadas; mas o médium, por urna espécie de intuição, as decifra facilmente. Por urna questão de economia, pode substituir-se o papel e o lápis pela ardósia e lápis adequado. Designaremos esta cesta pelo nome de cesta-pitorra.

No intuito de se atingir o mesmo objetivo, imaginaram-se vários outros dispositivos. O mais cômodo deles é o que chamaremos cesta de bico; consiste em adaptar a urna cesta uma haste de madeira inclinada, com urna saliência de dez a quinze centímetros de um lado na posição do mastro de proa. Faz-se passar, por um furo feito na ponta da haste ou bico, um lápis suficientemente grande para que a sua ponta repouse no papel.

O médium, pondo os dedos na cesta, faz agitar todo o aparelho e o lápis escreve como no caso anterior, com a diferença de que a escrita é em geral mais legível, as palavras separadas e as linhas não são mais em espiral – seguem como na escrita comum e o lápis passa por si mesmo de uma a outra linha. Assim se obtêm dissertações de várias páginas, tão rapidamente como se fossem escritas à mão.

A inteligência que obra se manifesta muitas vezes por outros sinais inequívocos. Chegando espontaneamente ao fim da página, o lápis faz um movimento para voltá-la; se quiser referir-se a uma passagem anterior, na mesma página ou em precedente, ele a procura com a ponta do lápis, como faríamos com os olhos, depois a sublinha. Se o Espírito quer dirigir-se a um dos presentes, para ele se volta a ponta da haste. Em resumo, exprime muitas vezes o sim e o não por sinais de afirmação ou de negação que fazemos com a cabeça. Este, de todos os processos empregados, é o que dá mais variada escrita, conforme o Espírito que se manifesta e, muitas vezes, uma escrita semelhante à que tinha em vida. Caso tenha deixado a Terra há pouco tempo.

Em vez da cesta algumas pessoas se servem de uma espécie de pequena mesa feita especialmente, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura, com três pés, dos quais um munido de lápis. Outras se servem apenas de uma prancheta sem pés; num dos seus bordos há um furo para colocar o lápis. Posta para escrever, ela se acha inclinada e se apóia no papel por um dos seus lados. Compreende-se, aliás, que todas as disposições nada têm de absoluto: a mais cômoda é a melhor.

Com todos esses aparelhos, são quase sempre necessárias duas pessoas; mas não é preciso que a segunda seja dotada de faculdade media triz: serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir a fadiga do médium.

Damos o nome de psicografia indireta à escrita assim obtida, em oposição à psicografia direta ou escrita obtida pela própria mão do médium. É necessário, para se compreender esse último processo, dar-se conta do que se passa na operação. O Espírito estranho que se manifesta age sobre o médium; este, sob a influência dele, dirige mecanicamente o braço e a mão para escrever, sem que, pelo menos no caso mais comum, tenha a menor consciência do que escreve.

A mão age sobre a cesta e esta sobre o lápis. Assim não é a cesta que se torna inteligente: é um instrumento dirigido por uma inteligência; na realidade, não passa de um porta-lápis, de um apêndice da mão, um intermediário inerte entre a mão e o lápis. Suprima-se esse intermediário e coloque-se o lápis na mão e se terá o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, uma vez que o médium escreve como o faria em condições normais. Dessa maneira, toda pessoa que escreve por meio da cesta, da prancheta ou de outro objeto, pode escrever diretamente. É indubitavelmente, de todos os meios de comunicação, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo, porque não exige qualquer preparação e, como a escrita comum, se presta aos mais extensos desenvolvimentos. Tornaremos ao assunto quando falarmos dos médiuns.

A pneumatografia é a escrita direta dos Espíritos. Esse fenômeno, quando apareceu pela primeira vez - ao menos em nosso tempo, pois nada prova que não tenha sido conhecido na Idade Média, bem assim como os demais gêneros de manifestações - levantou dúvidas muito naturais. É hoje, porém um fato incontestável. Alguém muito digno de fé nos afirmou que um cônego, amigo de seus genitores, obtinha, de parceria com o abade Faria, esse gênero de escrita em Paris, desde o ano de 1804.

O barão de Guldenstubbé acaba de publicar, acerca do assunto, uma obra muito interessante, acompanhada de numerosos autógrafos, dessa espécie de escrita. Foi ele, até certo ponto, quem a pôs em evidência e muitas outras pessoas, depois dele, têm obtido os mesmos resultados. A princípio foi colocada uma folha de papel, e um lápis num túmulo, sob a estátua ou o retrato de uma pessoa qualquer; no dia seguinte, às vezes apenas algumas horas depois, aparecia no papel um nome, uma sentença, quando não alguns sinais ininteligíveis. É evidente que nem o túmulo, nem a estátua ou o retrato tinham diretamente qualquer influência por si mesmos: era simplesmente um meio de evocação pelo pensamento. Contentamo-nos agora com deixar o papel, com lápis ou sem ele, numa gaveta ou numa caixa, que podem ser fechadas a chave, tomando todas as precauções necessárias a fim de evitar qualquer fraude e obteremos o mesmo resultado evocando o Espírito.

O fenômeno é inquestionavelmente um dos mais extra-ordinários que as manifestações espíritas apresentam e um dos que confirmam, de maneira peremptória, a intervenção de uma inteligência oculta; mas não poderia substituir a psicografia, pelo menos até agora, para os desenvolvimentos que determinados assuntos comportam. Obtém-se assim também a expressão de um pensamento espontâneo, mas parece que se presta mais

difícilmente a entretenimentos e a uma rápida troca de idéias que comporta outro meio. Aliás, este modo é de mais rápida obtenção, ao passo que os médiuns escreventes são muito numerosos.

Parece difícil a princípio darmos conta de um fato tão anormal. Não cabe em o nosso plano desenvolvê-lo aqui, porque seria preciso remontar às fontes de outros fenômenos dos quais é decorrência. A explicação completa será encontrada na Revista Espírita e se verá que; por dedução lógica, a ele se chega como a um resultado muito natural.

Transmitem-nos enfim os Espíritos o seu pensamento pela voz de alguns médiuns dotados para isso de faculdade especial, que chamamos de psicofonia. Esse meio tem todas as vantagens da psicografia pela rapidez e extensão dos desenvolvimentos. Agrada muito aos Espíritos superiores, mas talvez tenha, para as pessoas que duvidam, o inconveniente de não acusar de modo muito evidente a intervenção de uma inteligência estranha. Convém, sobretudo aos que já suficientemente edificados sobre a realidade dos fatos, dele se servem para a complementação dos seus estudos e não necessitam aumentar a sua convicção.

Acabamos de esboçar os diversos meios de comunicação direta com os Espíritos; demos-lhes nomes característicos, que lhes abarcam as variedades e até todas as particularidades; entendê-los-ão melhor assim os interessados, mais do que com perifrases, que nada têm de fixo nem de metódico.

No princípio das manifestações, quando a propósito do assunto as idéias eram menos precisas, foram publicados vários escritos com as seguintes denominações: comunicações de uma cesta, de uma prancheta, mesas falantes, etc. Compreendemos hoje, se não levamos em conta o seu caráter pouco sério, tudo quanto essas expressões encerram de insuficiente e de errôneo. Na verdade, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não passam de instrumentos inertes, que nada podem comunicar por si mesmos. Tomam nisto o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio.

Seria o mesmo que um autor declarar no título de uma obra que a tinha escrito com uma pena metálica ou com uma pena de pato. Esses instrumentos ademais não são absolutos: conhecemos alguém que, em vez da cesta pião, já descrita, se servia de um funil, por cujo bico passava um lápis. Poder-se-ia conseguir, dessa maneira, tanto comunicações de um funil como de uma caçarola ou uma saladeira. Se elas se dão por meio de golpes e estes por uma cadeira ou por uma bengala, já não é mais uma mesa falante, porém uma cadeira ou uma bengala falante. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas o modo de obtenção da comunicação. Se esta se dá pela escrita, seja qual for o porta-lápis, é para nós psicografia; se por batidas, é tiptologia. O Espiritismo, tomando as proporções de uma ciência, necessita de uma linguagem científica.

CAPÍTULO 05

MÉDIUNS

A pessoa que sente, num grau qualquer, a influência de Espíritos, é por isso mesmo médium. A faculdade é inerente ao homem e, em conseqüência, não é privilégio exclusivo; assim poucos há em que, embora em forma rudimentar, não seja encontrada. Podemos pois dizer que todo o mundo é mais ou menos médium; contudo, essa qualificação só se aplica, em geral às pessoas nas quais a faculdade mediatrix esteja claramente caracterizada e se traduza por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. Além do mais devemos notar que a faculdade não se revela em todos do mesmo modo; os médiuns têm geralmente uma aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que determina tantas variedades quantas as espécies de manifestações (Vede Médium no Vocabulário).

Vamos agora apreciar, com pormenores, aquelas que podem merecer observações essenciais.

MÉDIUNS DE INFLUÊNCIA FÍSICA

MÉDIUNS NATURAIS E MÉDIUNS FACULTATIVOS

Os médiuns de influência física são aqueles que têm uma aptidão mais especial para a produção dos fenômenos materiais. É nessa classe que se encontram principalmente os médiuns naturais, isto é, os médiuns cuja influência se exerce malgrado seu. Não têm nenhuma consciência do seu poder e freqüentem ente aquilo que se passa de anormal ao seu redor de modo algum lhes parece extraordinário; isto faz parte deles próprios tão certamente como as pessoas que são dotadas de segunda vista e não o suspeitam. Essas criaturas são muito dignas de observação e não se deve negligenciar a colheita e o estudo dos fatos desse gênero, que possam vir ao nosso conhecimento; manifestam-se em todas as idades, muitas vezes até em crianças de muito tenra idade.

Essa faculdade por si mesma não indica um estado patológico, porque não é incompatível com a boa saúde. Se aquele que a possui é doente, o é por outra causa. Os meios terapêuticos assim são impotentes para a fazer cessar. Pode ela, em determinados casos, ser decorrência de alguma fraqueza orgânica, porém nunca é a sua causa eficiente. Não se poderia pois conceber razoavelmente qualquer inquietação sob o ponto de vista higiênico; ela não poderia ter inconvenientes senão quando o paciente, transformado em médium facultativo, dela fizesse um emprego abusivo, porque então teria uma emissão demasiado abundante de fluido vital e, em conseqüência, um enfraquecimento orgânico.

Deve-se sobretudo evitar qualquer experimentação física, sempre prejudicial às organizações sensitivas, pois aí é que está o perigo: poderão

admirar dela graves desordens na economia orgânica. A razão se revolta contra a idéia de torturas morais e corporais a que, às vezes, são submetidos seres fracos e delicados no intuito de verificar se não há qualquer charlatanice de sua parte. Proceder a provas dessa natureza é jogar com a vida. O observador de boa fé não precisa empregar esses meios. Aquele que está familiarizado com os fenômenos sabe aliás que eles pertencem mais à ordem moral do que à física e que a solução seria inutilmente procurada em as nossas ciências exatas.

Justamente por os fenômenos estarem ligados à ordem moral, devemos evitar escrupulosamente tudo quanto possa excitar a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar e seríamos mais prudentes se conhecêssemos todos os casos de loucura e de epilepsia originados dos contos do lobo -mau e do bicho-papão. Que dizer então se nos persuadirmos de que é o diabo! Os que acreditam nessas coisas não sabem a responsabilidade que assumem: podem matar. Ora, não há perigo apenas para o paciente, mas também para

Os que o cercam e que podem ficar apavorados com a idéia de que a sua casa é um antro de demônios.

Foi essa crença funesta que causou tantos atos de atrocidades nos tempos de ignorância. Poder-se-ia com um pouco mais de discernimento, ter pensado que a queimar um corpo supostamente possuído pelo diabo não se queimava o próprio diabo. Se queriam livrar-se do diabo, este é que devia morrer.

A doutrina espírita, esclarecendo-nos acerca da verdadeira causa dos fenômenos, dá-lhe o golpe de misericórdia. Longe pois de fazermos com que essa idéia nasça, o que devemos é combatê-la, caso exista, o que constitui um dever de moralidade e de humanidade.

Quando uma faculdade desse gênero se desenvolve espontaneamente, devemos deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a natureza é mais sábia do que os homens; aliás a Providencia tem os seus pontos de vista e o mais humilde pode ser instrumento de grandes desígnios. Devemos porém convir que o fenômeno às vezes adquire proporções fatigantes e importunas para todos; ora, eis aqui em todo o caso o que devemos fazer (1). *(1) Um dos mais extraordinários fatos dessa natureza, pela variedade e singularidade dos fenômenos é incontestavelmente o que em 1852 ocorreu no Palatinato, na Baviera Renana, em Bergzabern, perto de Wissenbourg. É tanto mais notável quanto reúne, mais ou menos e no mesmo paciente, todos os gêneros de manifestações espontâneas: barulho de abalar a casa, derrubamento de móveis, lançamento de objetos a distância por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocados sem contacto, comunicações inteligentes, etc. Houve também, o que não é de menor importância, a verificação desses fatos durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de fé por seu saber e sua posição social. O relato autêntico foi publicado, na época, por jornais alemães e notadamente numa brochura hoje esgotada e muito rara. A sua tradução*

completa é encontrada na Revista Espírita de 1858, com os comentários e a explicação necessárias. Tanto quanto podemos saber, é a única publicação francesa feita a respeito daquele caso.

Além do palpitante interesse que se liga a esses fenômenos, são eles, sob o ponto de vista do estudo prático do Espiritismo, eminentemente instrutivos.

Partindo do princípio de que as manifestações físicas espontâneas têm o objetivo de chamar a nossa atenção para qualquer coisa, é preciso procurarmos conhecer esse objetivo, para o que devemos interrogar o Ser invisível que deseja comunicar-se. Demos a respeito uma explicação no capítulo das manifestações. Pode ele querer algo para si mesmo ou para a pessoa a quem se manifesta; num caso, como no outro, é provável, conforme já o dissemos, que, se for atendido, cessem as visitas. Eis ademais outro meio, como o precedente, baseado na observação dos fatos.

Os seres invisíveis, que nos revelam a presença através de efeitos sensíveis, são geralmente Espíritos de ordem inferior, os quais podem ser dominados pelo ascendente moral; é esse ascendente que nos cumpre adquirir. Longe pois de nos mostrarmos submissos aos caprichos deles, devemos opor-lhes a vontade e obrigá-los a obedecer, o que não impede que condescendamos com os pedidos justos e legítimos que nos possam fazer. Tudo aliás depende da natureza do Espírito que se comunica: pode ele ser inferior, mas benevolente e vir com boas intenções. É disso que nos devemos assegurar e o reconheceremos facilmente pela natureza das comunicações. Não lhe perguntemos porém se é um bom Espírito, pois, quem quer que seja ele, nos responderá afirmativamente.

Seria o mesmo que perguntarmos a um ladrão se é um homem de bem.

Para obtermos esse ascendente é necessário fazermos o paciente passar do estado de médium natural ao de médium facultativo. Produz-se então um efeito semelhante ao que se dá no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa geralmente quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se para em absoluto a faculdade emancipadora da alma: dá -lhe apenas outro curso. O mesmo acontece com a faculdade mediatriz. Para isso, em vez de entravarmos os fenômenos, o que raramente conseguimos e nem sempre está isento de perigo, é necessário excitarmos o médium para que trabalhe à vontade e se imponha ao Espírito. Chegamos por esse meio a dominá-lo e de um dominador às vezes tirânico fazemos um ser subordinado e até muitas vezes muito dócil.

Um fato digno de observação, justificado pela experiência, é que em semelhantes casos uma criança tem tanta e às vezes mais autoridade do que um adulto, prova nova, em apoio deste ponto capital da doutrina, que o Espírito só é criança pelo corpo e tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, o qual lhe pode dar ascendência sobre os Espíritos que lhe sejam inferiores.

MÉDIUNS FACULTATIVOS

Médiuns facultativos são os que têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade. A faculdade, se bem que inerente à espécie humana, como já o dissemos, está longe de encontrar-se em todos no mesmo grau; mas se há poucas pessoas em que ela seja absolutamente nula, as que são aptas a produzir grandes efeitos, como a suspensão de corpos no espaço, a translação aérea e sobretudo as aparições são ainda mais- raras.

Os efeitos mais simples são os de rotação dos objetos, os golpes vibrados pelo levantamento de um objeto ou na sua própria substância. Aconselhamos, sem ligar uma importância capital a esses fenômenos, que não sejam negligenciados: podem eles dar vaza a interessantes observações e concorrer para a convicção (1). *(1) Encontrar-se-á a explicação teórica na Revista Espírita, nos números de maio e junho de 1858.*

É de notar-se porém que a faculdade de produzir efeitos materiais existe raramente nos que possuem mais perfeitos meios de comunicação, como por exemplo a escrita e a palavra. Ela diminui geralmente num sentido à medida que se desenvolve em outro.

MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

A escrita, de todos os meios de comunicação, é o mais simples, o mais cômodo e sobretudo o mais completo. É para ela que devem tender todos os esforços, uma vez que nos permite estabelecer com os Espíritos relações tão continuadas e tão regulares quanto as que existem entre nós.

Devemo-nos ligar a ela tanto mais quanto é esse meio pela qual os Espíritos melhor nos revelam a sua natureza e o seu grau de perfeição ou de inferioridade. Dão-nos a conhecer, pela facilidade que têm de exprimir-se, os seus pensamentos íntimos, pondo-nos dessa maneira em condições de os julgar e de lhes apreciar o próprio valor.

A faculdade de escrever é para o médium, além disso, mais susceptível de desenvolvimento pelo exercício. Explicamos, no capítulo das comunicações, as diversas maneiras de se obter a escrita. Vimos que a cesta e a prancheta desempenham apenas o papel de apêndice da mão: é um porta-lápis alongado - eis tudo. Ter-se-á porém êxito do mesmo modo se o lápis for colocado na ponta de uma bengala. Esses aparelhos têm a vantagem de dar uma escrita mais característica do que a obtida com a mão, mas tem o inconveniente de exigir quase sempre a cooperação de uma segunda pessoa, o que pode ser incômodo. Por esta razão aconselhamos a preferência pela escrita imediata.

O processo é dos mais simples: consiste simplesmente em tomarmos lápis e papel e colocarmo-nos na posição de uma pessoa que escreve sem qualquer preparação; mas para termos êxito são necessárias algumas recomendações.

Como, em definitivo, é pela influência de um Espírito que escrevemos, esse Espírito não virá se o não chamarmos.

É pois necessário que o evoquemos pelo pensamento e lhe peçamos, em nome de Deus, a bondade de se comunicar.

Não há para isso fórmula sacramental: quem quer que pretendesse apresentar uma, pode imediatamente ser taxado de impostor. O pensamento é tudo, a forma é nada. Não é menos necessário chamar um que seja simpático e isso por duas razões: a primeira é que ele virá de melhor vontade, desde que nos estime; a segunda é que, por força dessa estima, estará mais disposto a ajudar os nossos esforços para comunicar-se conosco. Será pois de preferência um parente ou amigo.

Pode entretanto acontecer que esse parente ou esse amigo se ache numa posição que lhe não permita atender ao nosso apelo. Por isso é sempre útil juntar à evocação do nosso Espírito familiar, seja ele quem for, sem que haja necessidade de lhe sabermos o nome, uma vez que estará sempre conosco. Então de duas uma: ou será ele quem responde ou irá então procurar o outro; em todo o caso nos presta o seu apoio.

Uma coisa negligenciada por quase todos os principiantes é fazer uma pergunta. É evidente que o Espírito evocado, desde que não seja interrogado, não poderá responder. Poderá dizer, sem dúvida, algo espontaneamente, como acontece a cada momento com os médiuns formados; mas com quem esteja ainda no princípio, o Espírito tem uma primeira dificuldade a vencer. É pois necessário simplificá-la tanto quanto possível, por ser o efeito que produz uma pergunta conducente a uma resposta precisa. Dever-se-á, para começar, ter cuidado na formulação de perguntas, as quais deverão ser formuladas de maneira que a resposta seja apenas sim ou não; mais tarde essa preocupação se tornará inútil.

A natureza da pergunta não é indiferente: não é preciso que, por si mesma, tenha uma importância real; ao contrário, quanto mais simples, melhor; a princípio se trata de simples relação a estabelecer; o essencial é que não seja fútil, que não se reporte a interesses privados e sobretudo que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para que Espírito a quem nos dirigimos.

A calma e o recolhimento são coisas não menos necessárias e devem unir-se a um ardente desejo e a uma firme vontade de êxito. Entendemos aqui por vontade não uma vontade efêmera, que age por impulsos e que a cada instante é interrompida por outras preocupações, mas uma vontade paciente, perseverante, sustentada pela prece dirigida ao Espírito evocado. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e pelo afastamento de tudo quanto possa causar distrações.

Resta apenas agora uma coisa a fazer: esperar sem desânimo e renovar diariamente a tentativa durante dez a quinze minutos no máximo de cada vez, possivelmente num período de quinze dias a um ou dois meses. Por isso dissemos que era preciso uma vontade paciente e perseverante. É que, por outro lado, consultados os Espíritos acerca da aptidão desta ou daquela pessoa, dizem quase sempre: "Com a vontade triunfareis". É então possível que se tenha êxito logo da primeira vez, como também é possível que se tenha de esperar durante um tempo mais ou menos longo. Em todo

o caso, se no fim de três meses não se obtiver absolutamente nada, será quase inútil continuar.

Devemos notar que, quando interrogamos os Espíritos no sentido de sabermos se alguém é ou não médium, respondem eles quase sempre afirmativamente, o que não impede que os ensaios sejam muitas vezes infrutíferos. Isto se explica naturalmente. Fazemos ao Espírito uma pergunta genérica e ele responde de maneira genérica; ora como sabemos nada é mais elástico do que a faculdade mediatriz, uma vez que se apresenta com as mais variadas formas e em graus muito diversos.

Podemos pois ser médium sem o sabermos e num sentido diferente daquele em que pensamos. A pergunta vaga: -Sou médium? O Espírito pode responder com um sim; a uma pergunta mais precisa, como: Sou médium escrevente? Pode responder com um não. É necessário ainda levarmos em conta a natureza do Espírito interrogado. Uns são levianos e tão ignorantes que, como verdadeiros estouvados, respondem a torto e a direito.

Um meio que geralmente dá resultado, quer para ativar o desenvolvimento, quer para fazer com que uma pessoa escreva, sem o auxílio do qual não o conseguiria, consiste em empregar momentaneamente, como auxiliar, um bom médium escrevente ou outro qualquer, porém já desenvolvido.

Se este puser a mão ou os dedos na mão que deve escrever, raro é que o não faça imediatamente. Compreende-se o que nessas circunstâncias se passa: a mão que segura o lápis se torna, de algum modo, um apêndice da mão do médium, como se fosse a cesta ou a prancheta; isto porém não impede que o exercício seja útil, quando o querem empregar, uma vez que, repetido com freqüência e regularidade, nos ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Basta às vezes magnetizar fortemente o braço e a mão daquele que deseja escrever; às vezes mesmo o magnetizador se limita a pôr a mão no ombro e, como temos presenciado, ele escreve imediatamente sob a influência. O mesmo efeito pode-se produzir sem nenhum contacto e pela simples ação da vontade; neste caso, é necessário excitar os esforços do

Espírito, encorajando-o pela palavra. Compreende-se sem dificuldade que a confiança do magnetizador na sua própria força deve representar aqui um grande papel. Um magnetizador incrédulo exerceria pouca ou nenhuma influência.

A força que permite desenvolver nos outros a faculdade de escrever constitui uma variedade de médiuns a que daremos o nome de médiuns formadores e talvez pareça estranho que essa faculdade exista em pessoas que não escrevem, elas próprias, sob a ação de Espíritos. O seu concurso muitas vezes é útil aos principiantes, mesmo para os que possuem uma aptidão natural. Há uma infinidade de pequenas precauções que muitas vezes desprezamos em detrimento de um progresso rápido e que um guia experimentado faz observar, seja por disposição material, seja principalmente pela natureza das primeiras perguntas e pela maneira de as fazer.

O seu papel aqui é o de um professor que, por nos tornarmos habilitados, dispensamos.

A fê no médium incipiente não é condição de rigor: incontestavelmente acompanha os esforços, mas não é indispensável; bastam-lhe o desejo e a boa vontade. Têm-se visto pessoas absolutamente incrédulas ficarem admiradas por escrever, malgrado seu, enquanto crentes sinceros não o conseguem, o que prova que a faculdade se deve a uma disposição orgânica.

Recomendamos evitar, como disposição material, tudo quanto possa prejudicar o livre movimento da mão; é mesmo preferível que esta não se apóie completamente no papel.

A ponta do lápis deve apoiar-se suficientemente nele para traçar, mas não tanto que oponha resistência. Todas as precauções, uma vez que se consegue escrever correntemente, se tomam inúteis, porque então nenhum obstáculo poderia impedi-lo: são apenas as preliminares do estudante.

O primeiro indício de disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão; a pouco e pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar.

Freqüentemente não traça de início senão riscos insignificantes; depois os caracteres se definem cada vez mais e a escrita acaba adquirindo a rapidez da escrita corrente. É preciso em todo o caso abandonar a mão ao seu movimento natural e não oferecer nem resistência nem impulso.

Algumas vezes a escrita é bem legível e as letras e palavras bem destacadas; porém com determinados médiuns é difícil outra pessoa, a não ser pelo hábito, decifrar aquilo que ele escreve. É geralmente formada por grandes traços; muitas vezes algumas palavras apenas tomam toda uma página; os Espíritos são pouco econômicos relativamente a papel.

Quando uma palavra ou frase é pouco legível, pede-se ao Espírito que a recomece, o que em geral ele faz de boa vontade; quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, quase sempre este consegue maior correção pelos exercícios freqüentes e continuados, para os quais deve contribuir com uma vontade firme e pedir com ardor que o Espírito escreva com mais clareza.

Se quiserem conservar as respostas, é bom transcrevê-las imediatamente, bem como as perguntas, enquanto as temos na memória, pois mais tarde isto às vezes se torna impossível. Alguns Espíritos, antes de começar uma resposta, fazem a mão executar diversas evoluções e traçam riscos sem significação; dizem que é para exercitar e desligar a mão ou estabelecer afinidade. São por vezes emblemas ou alegorias cuja explicação dão a seguir; muitas outras vezes adotam sinais convencionais para exprimir umas tantas idéias, que passam a um emprego regular nas reuniões habituais. Para fazer saber que uma pergunta lhes desagrada, que não desejam responder a ela, traçarão verbigrácia (por exemplo) um longo risco ou coisa semelhante.

Quando um Espírito termina -o que quer dizer ou não mais quer responder, a mão fica imóvel e, seja qual for a, força e a vontade do

médium, não consegue nem mais uma palavra é sinal de que o Espírito se foi. Ao contrário, enquanto ele não concluir, o lápis se move sem que a mão consiga parar. Se quiser dizer alguma coisa espontaneamente, a mão tomará o lápis convulsivamente e começará a escrever sem que nada se lhe possa opor.

Essas são as explicações mais essenciais que devemos dar relativamente ao desenvolvimento da psicografia; a experiência nos dará a conhecer, na prática, certos pormenores cuja referência aqui seria inútil e pelos quais nos guiaremos, como complementos aos princípios gerais. Que muitos experimentem: verificar-se-á que quase não há uma família que não tenha um médium escrevente entre os seus membros nem que seja uma criança. Quem quer que tenha recebido o dom de escrever sob a influência dos Espíritos possui uma faculdade preciosa, porque se torna intérprete entre o mundo visível e o invisível. É muitas vezes uma missão que recebeu para o bem, mas da qual não se deve envaidecer, pois a faculdade lhe pode ser retirada se dela fizer mau uso e até voltar-se contra si mesmo, no sentido de que escreverá coisas más e terá apenas maus Espíritos à sua disposição.

Aquele que, não obstante os esforços e a perseverança, não chega a possuí-la, não deve por isso concluir desfavoravelmente quanto à sua própria pessoa: é que a sua organização física não se presta para isso, mas não fica deserdado das comunicações espíritas; se as não recebe diretamente, pode obtê-las muito belas e muito boas por um intermediário. Pode aliás em compensação possuir outras faculdades não menos úteis. A privação de um sentido é quase sempre compensada por outro sentido mais desenvolvido.

CAPÍTULO 06

PAPEL E INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NAS MANIFESTAÇÕES

Para compreendermos o papel do médium nas manifestações preciso é que nos demos conta da maneira por que se opera a transmissão do pensamento dos Espíritos. Falamos aqui dos médiuns escreventes.

O Espírito, como o dissemos, possui um envoltório semi-material, chamado perispírito. O fluido condensado, por assim dizer, em redor do Espírito, para formar esse envoltório é o intermediário por meio do qual aquele age no corpo; é o agente da sua força material e é por ele que se produzem os fenômenos físicos.

Se examinarmos certos efeitos produzidos no movimento das mesas, da cesta ou da prancheta, que escreve, não poderemos duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre aqueles objetos. Às vezes a cesta se agita com tamanha violência, que escapa das mãos do médium; outras vezes se dirige até para determinadas pessoas do grupo, com as quais se

choca; outras vezes ainda denotam os seus movimentos afetuosos sentimentos.

O mesmo acontece quando o lápis está na mão: às vezes é atirado ao longe, violentamente, ou a mão, como a cesta, se agita convulsivamente e bate na mesa com raiva, ainda que o médium esteja na maior calma e se admire de não ser senhor de si. Digamos de passagem que esses efeitos denotam geralmente a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benevolentes; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar.

O Espírito pode pois exprimir diretamente o seu pensamento pelo movimento de um objeto, do qual a mão do médium serve de ponto de apoio; pode isso até sem que o objeto esteja em contacto com o médium.

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, por meio da sua alma porque sob este nome designamos o Espírito encarnado.

Neste caso o Espírito estranho não age sobre a mão, fazendo-a escrever, como no caso da cesta; ele não a domina, não a guia: age sobre a alma, com a qual se identifica. Debaixo desse impulso, a alma dirige a mão por meio do fluido que constitui o seu perispírito. A mão dirige a cesta, a cesta dirige o lápis.

Notemos aqui - e isto é importante - que o Espírito estranho não se substitui à alma, pois não poderia deslocá-la ele a domina malgrado seu e lhe imprime a sua vontade.

Quando dizemos mal grado seu, queremos falar da alma agindo exteriormente pelos órgãos do corpo; mas a alma, como Espírito que é, mesmo encarnado, pode perfeitamente ter consciência da ação exercida sobre si mesma por um Espírito estranho. O papel da alma nessa circunstância é, por vezes, inteiramente passivo e então o médium não tem nenhuma consciência do que escreve ou, na hipótese de ser médium falante, do que diz; mas às vezes a passividade não o é absoluta: então há uma consciência; mais ou menos vaga, se bem que sua mão seja arrastada por um movimento maquinal a que a; sua vontade fique estranha.

Poder-se-á dizer que, se assim é, nada prova que seja um Espírito estranho quem escreve, mas o próprio médium.

É chegado agora o momento para apontarmos um erro partilhado por muita gente. Diremos pois que pode acontecer que a alma do médium se comunique como se fosse um Espírito estranho; isto é fácil de se compreender. Já que podemos evocar o Espírito de pessoas vivas, ausentes ou presentes; já que esse Espírito se comunica pela escrita ou pela palavra do médium, por que não se comunicaria o Espírito encarnado no médium? Provam os fatos que assim acontece em algumas circunstâncias, como por exemplo no sonambulismo. Segue-se daí que a comunicação dada pela alma do médium seja de menor valia? Não, em absoluto.

O Espírito encarnado no médium pode ser mais adiantado do que certos Espíritos estranhos e dará então melhores comunicações. A nós cabe julgar. Ele fala no caso como Espírito desprendido da matéria e não como homem. A questão é de saber se não é sempre o Espírito do médium que emite os seus próprios pensamentos, como o pretendem alguns. Essa opinião absoluta é um sistema que não pode originar-se senão de uma observação incompleta. É pois sempre perigoso externar uma teoria acerca de coisas não aprofundadas e das quais apenas se viu uma face.

Casos há sem dúvida em que a intervenção de um Espírito estranho não é incontestável; basta porém que nalguns deles ela seja manifesta para que se conclua que um Espírito, que não o do médium, pode comunicar-se. Ora, essa intervenção estranha não seria duvidosa quando, por exemplo, uma pessoa que não soubesse ler nem escrever, nada obstante escrevesse como médium; quando um médium escreve ou fala uma língua que não conhece; quando enfim - o que constitui o caso mais comum - nenhuma consciência tem do que escreve, quando os pensamentos expressos são contrários à sua maneira de ver, fora dos seus conhecimentos ou acima do seu alcance mental. Acerca deste último caso dá a experiência provas tão palpáveis que a dúvida não é permitida em quem haja observado muito e sobretudo observado bem.

Seja qual for a maneira de ação do Espírito estranho para a produção pela palavra, o médium nunca passa de um instrumento, mas de um instrumento mais ou menos cômodo. Isto nos permite fazer uma observação importante, que responderá a esta pergunta natural: Por que nem todos os médiuns escrevem em todas as línguas que lhes são desconhecidas?

O Espírito estranho sem dúvida compreende todas as línguas, uma vez que elas são a expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento; mas para comunicar o pensamento é necessário um instrumento - o médium.

A alma do médium que recebe a comunicação estranha só por seus órgãos corpóreos poderá transmiti-la; ora esses órgãos não podem ter para uma língua desconhecida a mesma flexibilidade que têm para a que lhes é familiar.

Um médium que apenas fala francês acidentalmente poderá dar uma resposta em inglês, por exemplo, se ao Espírito apraz fazê-la; mas os Espíritos, que já acham muito lenta a linguagem humana, em relação à rapidez do pensamento, por isso que o abreviam quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica que aqueles oferecem. Por isso nem sempre o fazem. É também esta a razão por que o médium novato, que escreve lentamente e com dificuldade, mesmo a sua própria língua, em geral só consegue respostas breves e sem desenvolvimento. Recomendam assim os Espíritos que por intermédio destes últimos não sejam feitas perguntas senão muito simples. Para as de maior importância é necessário um médium desenvolvido, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito.

Nós não tomaríamos para leitor um escolar que apenas soletrasse. Um bom operário não gosta de se servir de ferramenta ordinária. Acrescentamos outra consideração, de grande importância no que se relaciona com as línguas estrangeiras. Os ensaios desse gênero são sempre feitos com o objetivo de curiosidade e de experimentação. Ora, nada é mais antipático para os Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores não se prestam a essas provas e se afastam desde que tentamos entrar por esse caminho.

Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna ocupar-se das coisas fúteis e sem finalidade. É, dirão os incrédulos, para nos convencer e esse objetivo é útil desde que possa ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isto os Espíritos respondem: "Nossa causa não necessita dos que são tão orgulhosos que se julgam indispensáveis; chamamos até nós aqueles que queremos e, freqüentemente, são os mais humildes. Jesus realizou os milagres que os escribas lhe pediam e de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserdes convencer-vos tendes outros meios além da exibição de força; começai por vos submeterdes; não é do regulamento que o estudante imponha a vontade ao seu professor".

Resulta de tudo isso que, com raras exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos à sua disposição e que a expressão desse pensamento pode e até deve, na maioria dos casos, ressentir-se da imperfeição desses meios. Assim o homem inculto., o campônio, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os mais elevados pensamentos, os mais filosóficos, falando como um campônio; para os Espíritos o pensamento é tudo, a forma, nada. Isto responde à objeção de alguns críticos, relativamente às incorreções de estilo e de ortografia, que podem ser notadas e que tanto podem vir do médium como do Espírito. Seria futilidade agarrar-se a semelhantes coisas.

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, sob outro aspecto exerce uma grande influência. Desde que, para se comunicar, o Espírito estranho se identifica com o do médium, essa identificação só se verifica quando entre eles se estabelece simpatia e, se assim podemos dizer, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito estranho uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de similitude ou de dessemelhança. Ora, os bons têm afinidade pelos bons e os maus pelos maus; segue-se daí que as qualidades morais do médium têm uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por seu intermédio se comunicam. Se for viciado, os Espíritos inferiores virão agrupar-se-lhe ao lado e estarão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos que forem chamados.

As qualidades que atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor do próximo e o despreendimento das coisas materiais. Os defeitos que os repelem são: o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria. Um médium por

excelência seria então aquele que ligasse a facilidade de execução ao mais alto grau de qualidades morais.

A influência do Espírito do médium pode ainda exercer-se de outra maneira. Se for hostil ao Espírito estranho que se comunica, pode ser um intérprete infiel dele, alterar-lhe ou mascarar-lhe o pensamento ou apresentá-lo em termos impróprios. Dá-se o mesmo entre nós quando escolhemos um homem de má fé para uma missão de confiança.

A faculdade mediatriz, seja qual for o seu grau de extensão, não basta para que tenhamos boas comunicações; é necessário antes de tudo, como condição expressa, um médium simpático aos bons Espíritos. A repulsão destes pelos médiuns inferiores do ponto de vista moral é fácil de compreender. Seríamos capazes de tomar como confidentes pessoas que não estimássemos?

Algumas pessoas são verdadeiramente mal aquinhoadas relativamente às comunicações; algumas há até que nem recebem nem transmitem habitualmente senão coisas triviais ou grosseiras - para não dizer coisa pior. Devem elas deplorá-lo como um indício seguro da natureza dos Espíritos que se agrupam em seu redor, pois certamente não são Espíritos superiores aqueles que empregam semelhante linguagem.

Nunca seriam demasiados os esforços para se desvencilharem de acólitos tão pouco recomendáveis, a não ser que essas criaturas achem certo encanto nesse gênero de conversação. Em todo o caso, concitamo-las a evitar a sua exibição, pois isto lhes poderia dar uma idéia pouco lisonjeira das simpatias que encontram no mundo dos Espíritos. Completaremos o que fica dito dos médiuns à medida que o exigir o desenvolvimento dessas instruções.

Seria então absolutamente impossível obtermos boas comunicações por médiuns imperfeitos? É o que veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 07

INFLUÊNCIA DO MEIO NAS MANIFESTAÇÕES

Grave erro cometeríamos se julgássemos necessário possuir alguém mediunidade para atrair até si os seres do mundo invisível. O espaço está povoado de Espíritos; temo-los sem cessar ao nosso redor, os quais nos vêm, nos observam, participam das nossas reuniões e, conforme os atraímos ou os repilamos, nos seguem ou fogem de nós. A faculdade mediatriz não é para isto; ela é apenas um meio de comunicação. Segundo o que temos visto relativamente às causas de antipatia ou de simpatia dos Espíritos, se compreende facilmente que devemos estar rodeados pelos que têm afinidade com o nosso próprio Espírito, conforme seja ele superior ou inferior.

Consideremos agora o estado moral do nosso globo e compreenderemos qual o gênero de Espíritos que devem dominar entre os Espíritos errantes.

Se considerarmos cada povo em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante dos habitantes, por suas preocupações, por seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, das ordens de Espíritos que aí se encontram de preferência.

Os Espíritos não passam de almas desprendidas dos corpos e que levam consigo o reflexo das qualidades e das imperfeições. Serão bons ou maus conforme o tenham sido, com exceção daqueles que, tendo deixado no fundo do alambique terreno as suas impurezas, se elevaram acima da turba de Espíritos imperfeitos. O mundo espírita não é, pois na realidade, senão um extrato quintessenciado do mundo corporal, do qual conserva os bons e os maus odores.

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de criaturas levianas, inconseqüentes, ocupadas nos seus prazeres. Quais serão os Espíritos que aí se encontram de preferência? Não serão certamente Espíritos superiores, do mesmo modo que não serão os nossos cientistas e os nossos filósofos que aí iriam por passatempo.

Assim pois toda vez que alguns homens se reúnem, têm consigo uma assembléia invisível que se afina com as suas qualidades ou com os seus defeitos, com abstração de qualquer idéia de evocação. Adiantamos agora que eles tenham a possibilidade de se entreter com os seres do mundo invisível através de um intérprete, isto é, de um médium. Quais os que responderão ao apelo Evidentemente os que lá estão, prontinhos, os quais buscam apenas uma ocasião para comunicar-se. Se numa assembléia fútil for chamado um Espírito superior, poderá ele vir e até dizer algumas palavras sensatas, como um bom pastor irá até as suas ovelhas desgarradas; desde porém que perceba não ser compreendido nem escutado, se vai embora, como o faríeis no lugar dele.

Aí então os outros têm o campo livre.

Nem sempre basta que uma reunião seja séria para que haja comunicações de ordem elevada; há criaturas que nunca riem e cujo coração não é mais puro; ora, é sobretudo o coração que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas se estivermos em más condições, conversaremos com os nossos iguais, que não se pejam de nos enganar e que freqüentemente lisonjeiam os nossos preconceitos.

Pelo único fato de não pertencer a uma ordem superior nem sempre um Espírito é mau; às vezes é apenas leviano.

Se nos divertirmos com as suas facécias, ele as multiplicará prazerosamente e nos levará ao sal dos epigramas, que não nos ficam bem. Dão-nos muitas vezes, sob uma forma jovial, picantes lições. São os romancistas do mundo espírita, assim como os Espíritos são os seus cientistas e filósofos.

Vê-se por aí a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes; porém essa influência não se exerce como alguns pretendiam, quando o mundo dos Espíritos não era ainda

conhecido como o é hoje e antes que as experiências mais concludentes tivessem vindo esclarecer as dúvidas.

Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes não é porque essa opinião se reflita no Espírito do médium como em um espelho: é porque tendes convosco Espíritos que vos são simpáticos, pelo bem ou pelo mal e que estão sempre, em profusão, de mistura com os vossos conceitos. O que prova isso é, se tiverdes a força para atrair outros Espíritos que não aqueles, que vos rodeiam, esse mesmo médium vos apresentará uma linguagem completamente diferente e vos dirá as coisas mais afastadas da vossa mente e das vossas convicções. Em resumo, as condições do meio serão tanto melhores quanto mais homogeneidade aí houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instruir-se sem intenções preconcebidas.

Nesse meio três elementos podem ter a sua influência, cada um de per si ou simultaneamente: o conjunto dos assistentes, pelos Espíritos que atraem; o médium, pela natureza do seu próprio Espírito, que serve de intérprete; e aquele que interroga. Este pode, por si só, dominar as demais influências e, não obstante as condições desfavoráveis do ambiente pode às vezes obter grandes coisas por seu ascendente, desde que seja útil o fim que se propõe. Os Espíritos superiores vem ao seu apelo e para ele; os outros se calam, como escolares diante de professores.

A influência do meio faz compreender que quanto menos numerosa a reunião melhor será, por ser mais fácil conseguir homogeneidade. As pequenas sessões íntimas são sempre mais favoráveis às boas comunicações; compreende-se entretanto que se cem pessoas reunidas estiverem bastante recolhidas e atentas, obterão mais que dez distraídas e barulhentas.

O que sobretudo é preciso entre os assistentes é uma comunhão de pensamento; se esta visar o bem, os bons Espíritos virão facilmente e de boa vontade. Nunca seria demasiada a circunspeção mantida relativamente aos elementos novos que introduzimos nas sessões: há pessoas que consigo levam a perturbação onde quer que se achem. Os mais incômodos, neste caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não acreditam: a convicção só se adquire com a experiência e há criaturas que de boa fé se querem esclarecer. Estas, sobretudo, das quais nos devemos preservar, são as criaturas de sistemas preconcebidos, os incrédulos que, malgrado seu, ainda duvidam de tudo, mesmo da evidência; os orgulhosos que pretendem que só eles têm a luz infusa, querem por toda a parte impor as suas opiniões e olham com desdém aqueles que pensam de modo diverso.

Não vos deixeis influenciar pelo seu pretenso desejo de esclarecimento; muitos deles ficariam desapontados se fossem obrigados a concordar que se haviam enganado. Guardai-vos sobretudo desses peroradores insípidos, que querem sempre dizer a última palavra: os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

CAPÍTULO 08

RELAÇÕES COM ESPÍRITOS

A maneira de nos pormos em contacto com os Espíritos não é um dos pontos menos úteis. Se considerarmos a distância que separa os dois extremos da escala, compreenderemos sem esforço a necessidade de conforme a classe e os hábitos do Espírito, se tomarem determinadas precauções.

Assim pois não basta que estejamos em boas condições: é-nos preciso conhecer a marcha mais favorável a fim de mais seguramente atingirmos o objetivo. Teremos pois que examinar o que convém seguir para as reuniões, as evocações, a linguagem a manter com os Espíritos, a natureza das perguntas que lhes podemos dirigir.

REUNIÕES

Está claro que supomos terem as reuniões uma finalidade séria. Deixamos à própria sorte aquelas realizadas com o fito d.e divertimento e de curiosidade: os assistentes têm a liberdade de tirar a buena-dicha e de falar dos seus pequenos segredos, se estiverem de antemão convencidos de que vale a pena. Faremos notar contudo que as reuniões frívolas têm um grave inconveniente: pessoas há que podem levar a sério aquilo que quase sempre não passa de brincadeira de Espíritos levianos, que se divertem à custa dos que os ouvem.

Relativamente aos que nunca viram nada, não é lá que deverão ir tomar as primeiras lições nem buscar elemento de convicção: poderão equivocar-se singularmente quanto à natureza dos seres que constituem o mundo espírita, mais

ou menos como aquele que julgasse toda a população de uma cidade pelos moradores de um dos seus bairros.

Compreende-se, de acordo com tudo quanto temos dito, que o silêncio e o recolhimento sejam condições de primeira ordem; mas o que não é menos necessário é a regularidade das reuniões. Em todas há sempre Espíritos que poderíamos chamar de freqüentadores - e por isso não entendemos esses Espíritos que se acham por toda parte e em tudo se metem - tanto são Espíritos familiares, quanto aqueles que interrogamos mais habitualmente. Não se deve supor que esses Espíritos não tenham outra coisa a fazer senão prestar-nos atenção; têm eles as suas ocupações e aliás podem encontrar-se em condições desfavoráveis para ser evocados.

Eles, quando as reuniões se realizam em dias e horas prefixados, se dispõem a comparecer e raro é que faltem a elas. Alguns levam até a pontualidade ao extremo: ficam cheios de formalidades por causa de quinze minutos de atraso e se marcam eles próprios a hora de reunião, em

vão os chamariamos alguns minutos mais cedo. Podem vir certamente fora das horas marcadas e vêm até de boa vontade, desde que haja um fim útil. Nada porém é mais prejudicial às boas comunicações do que os estarmos a chamar por dá cá aquela palha, quando nos dá na telha e principalmente sem nenhum motivo sério; como não são obrigados a submeter-se aos nossos caprichos, bem poderiam não incomodar-se e é sobretudo nessas ocasiões que outros lhes tomam o lugar e o nome.

Não há cabalística para evocações; a escolha é pois completamente indiferente; as melhores são aquelas em que as ocupações temporárias deixam calma e lazer. Os Espíritos que prescrevessem para qualquer coisa as horas de predileção consagradas aos seres infernais pelos contos fantásticos seriam, sem dúvida nenhuma, Espíritos mistificadores. Dá-se o mesmo em relação aos dias aos quais a superstição empresta uma influência imaginária.

Nada também obsta a que as reuniões sejam diárias e o único inconveniente seria a demasiada freqüência.

Se os Espíritos censuram o exagerado apego às coisas deste mundo, recomendam por outro lado não descuremos dos deveres impostos por nossa posição, social. Isto faz parte das provas. Ademais o nosso próprio Espírito, para a saúde do corpo, necessita não estar continuamente voltando para o mesmo assunto e sobretudo para as coisas abstratas. Ele lhes presta mais atenção quando não se acha fatigado.

As reuniões semanais ou bi-hebdomadárias (duas vezes por semana) são realizadas com mais solenidade e recolhimento do que quando mais amiúde. Falamos das sessões onde nos ocupamos de um trabalho regular e não daquelas que um médium incipiente consagra aos necessários exercícios de desenvolvimento, as quais, a bem dizer, não são sessões, porém antes lições que darão resultado tanto mais rápidos quanto mais freqüentes.

Uma vez porém desenvolvida a faculdade, é essencial, pelos motivos já expostos, não cometer abusos. A satisfação causada pela posse dessa faculdade em determinados principiantes excita em alguns deles um entusiasmo cuja moderação é muito importante. Devem eles pensar que ela lhes é dada para o bem e não para satisfazer a uma vã curiosidade.

Entendemos, quando dizemos o bem, o dos seus semelhantes e não somente o seu próprio.

O médium que deseja entreter com os Espíritos relações sérias tanto deve evitar prestar-se à curiosidade dos amigos e conhecidos que quisessem assaltá-lo com as suas perguntas ociosas, quanto deve prestar um concurso decidido e desinteressado quando se tratar de coisas úteis; agir de outra maneira seria egoísmo e o egoísmo é tara.

LOCAL

Não há também lugares fatídicos para as comunicações espíritas; devem entretanto evitar-se aqueles que são de molde a chocar a imaginação. Os bons Espíritos vão a toda parte onde um coração puro os chama para o bem e os maus não têm predileção senão pelos lugares onde encontram afinidade. Os lugares em cemitérios têm mais influência em a nossa mente do que em os Espíritos e a experiência demonstra que tanto estes vêm ao quarto mais comum e sem aparelho diabólico, quanto aos túmulos e capelas em ruínas, quer em pleno dia, quer à luz da lua. Se é indiferente a escolha de local, não é conveniente mudá-lo desnecessariamente. O fluido vital, de que cada Espírito errante ou encarnado é, até certo ponto, um foco, irradia em seu derredor pelo pensamento. Compreende-se pois que em um local habitual deve haver um eflúvio que aí forma, por assim dizer, uma atmosfera moral com a qual os Espíritos se identificam. Um lugar mesmo consagrado exclusivamente a essa modalidade de entretenimentos e que não fosse, por assim dizer, profanado por preocupações vulgares, seria ainda preferível, uma vez que seria um verdadeiro santuário de onde os maus Espíritos estariam excluídos, já que os elementos da atmosfera moral aí estariam menos misturados do que num lugar banal.

A melhor disposição material é aquela que for mais cômoda e ocasionar o mínimo de desorganização e de confusão. Nos objetos que constituem a decoração, tudo quanto pode, elevar o pensamento e lembrar o assunto de que nos ocupamos é útil. Entretanto é bom que se saiba que toda disposição ou ornamentação é absurda, e, digamo-lo logo, até perigosa, pelas idéias supersticiosas que naturalmente isto alimenta. Repetimos aqui o que pouco antes dissemos com respeito a horas: aqueles, que recomendassem essas coisas ou práticas místicas quaisquer, são Espíritos inferiores, que se divertem com a credulidade. e que, eles próprios, se acham sob o império das idéias que tinham em vida.

Dissemos - e nunca seria demais repeti-lo - que para os Espíritos superiores o pensamento é tudo e a forma, nada.

É pelos bons pensamentos que os atraímos e não pelas fórmulas vãs. Os que dão importância às coisas materiais provam por isso mesmo que ainda se acham sob a influência da matéria. Se, em determinada época, as evocações estavam cercadas de mistérios e de símbolos, é porque queriam esconder-se do vulgo e dar prestígio aos olhos de ignorantes.

A luz fez-se hoje para todos e é em vão que querem pô-la debaixo do alqueire.

Tudo quanto dissemos das reuniões onde se ocupam das comunicações espíritas se aplica naturalmente às comunicações individuais; por isso não faremos menção especial sobre o assunto. Dá-se o mesmo, com tudo quanto nos resta examinar. Tomamos como modelo as reuniões, porque estas encerram condições mais complexas, das quais cada um poderia fazer aplicação aos casos particulares.

Acrescentamos até que as reuniões, quando se dão em boas condições, têm uma vantagem: várias pessoas, unidas por um pensamento comum,

têm mais força para atrair bons Espíritos, que gostam de achar-se num meio simpático, onde podem espargir a luz através dos seus ensinamentos. Há entretanto circunstâncias em que eles preferem e até recomendam as comunicações isoladas. Neste caso o que de melhor há que fazer é conformar-se com os desejos deles.

EVOCAÇÕES

Pensam alguns que, quando se trata de ensinamentos genéricos, nos devemos abster de evocar este ou aquele Espírito; que é preferível esperar por aquele que deseja comunicar-se. Baseiam-se no argumento de que, chamando um determinado Espírito, não há certeza de que seja ele próprio quem se apresenta, ao passo que, aquele que vem espontaneamente e por sua mesma iniciativa, prova melhor a sua identidade, demonstrando assim desejo de entreter-se conosco.

No nosso sentir, há nisso um erro; em primeiro lugar, porque há sempre em redor de nós Espíritos, mais comumente de baixa categoria, que não perdem ocasião de comunicar-se; em segundo lugar, e por essa mesma razão, não chamando a nenhum particularmente, abrimos a porta para todos os que queiram entrar. Numa assembléia não dar a palavra a ninguém é deixá-la a todos e sabemos o que disso pode resultar a apelo direto feito a determinado Espírito é um laço entre nós e ele; chamamo-lo por nossa própria vontade e assim nos opomos, por uma espécie de barreira, aos intrusos que nos poderiam induzir em erro relativamente à sua mesma identidade. Sem um apelo direto, um Espírito muitas vezes não teria nenhum motivo para vir a nós, a não ser que fosse o nosso Espírito familiar. Prova aliás a experiência que, em todo o caso, a evocação é preferível. Quanto à questão de identidade, falaremos em seguida.

A regra entretanto não é absoluta. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas em que nos ocupamos em trabalho continuado, há sempre, conforme ficou dito, Espíritos habituais, que vêm sem ser chamados, os quais, por isso mesmo e à vista da regularidade dos trabalhos, se acham prevenidos.

Tomam espontaneamente muitas vezes a palavra para indicar o que devemos fazer ou para desenvolver um assunto em pauta; reconhecê-los facilmente, quer pela forma de linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita ou por certos hábitos, que lhes são familiares ou ainda pelos nomes que dão, ora no começo, ora no fim da manifestação.

Relativamente aos Espíritos estranhos, a maneira de os evocar é mais simples; não há formas sacramentais ou míticas; basta fazê-lo nos termos seguintes ou e.m outros equivalentes, em nome de Deus: Peço a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito de (dar o nome do Espírito com bastante precisão) vir comunicar-se conosco; ou então: Em nome de Deus Todo-Poderoso peço ao Espírito de... que possa vir comunicar-se conosco.

Se puder vir, obtém-se geralmente como resposta: Sim, ou: Aqui estou ou ainda: Que querem de mim?

Surpreendemo-nos muitas vezes com a presteza com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo quando pela primeira vez. dir-se-ia que já estava e é isso que, com efeito, acontece, quando nos preocupamos previamente com a evocação. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e como temos sempre os nossos Espíritos familiares ou outros que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de um modo tal que, se nada se opuser, o Espírito que queremos evocar já se acha presente. Em caso contrário, é o Espírito familiar do médium ou daquele que interroga ou ainda o de um dos freqüentadores quem o vai procurar - para o que aliás não é preciso muito tempo.

Se o Espírito evocado não puder vir imediatamente, o mensageiro (o mercúrio, se o quiserem) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora ou até alguns dias; quando chega, diz: ele está aqui. Podemos então começar a fazer-lhe as perguntas que desejarmos.

Quando dizemos que a evocação deve ser feita em nome de Deus, entendemos que a nossa recomendação deve ser tomada a sério e não levemente; aqueles que vissem nisso uma fórmula sem consequência fariam melhor se, se abstivessem de qualquer evocação.

ESPÍRITOS QUE PODEM SER EVOCADOS

Todos os Espíritos, seja qual for o grau da escala a que pertençam, podem ser evocados: tanto os bons como os maus, tanto os que deixaram há pouco a vida como os mais obscuros, os nossos parentes e amigos, assim como aqueles que nos são indiferentes; mas não podemos dizer que eles queiram ou possam vir sempre ao nosso apelo; independentemente da sua vontade pessoal, ou da permissão que lhes pode ser recusada por uma força superior, podem eles, por motivos que nem sempre nos é dado conhecer, não ter permissão para se comunicarem.

Entre as causas que podem opor-se à manifestação de um Espírito, umas lhes são estranhas. Devem ser colocadas, entre as primeiras, as suas ocupações ou as missões que devem realizar e das quais não podem desviar-se para ceder aos nossos desejos; neste caso a visita é adiada,

Há ainda a considerar a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em dados momentos, principalmente quando a encarnação se verifica em mundos inferiores e quando o próprio Espírito é pouco desmaterializado.

Nos mundos superiores, naqueles onde os laços entre o Espírito e a matéria são muitos fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado de erraticidade; em todo o caso é mais fácil do que naqueles em que a matéria corporal é mais compacta.

As causas estranhas são devidas principalmente à natureza do médium, à da personalidade evocada, ao meio onde se dá a evocação 'e enfim ao objetivo que se tem em mira.

Determinados médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos adiantados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, o que depende do grau de afinidade ou não-afinidade entre o médium e o Espírito comunicante ou da atração ou repulsão que o Espírito do médium exerce no Espírito estranho que o tome por intérprete com satisfação ou com repugnância. Depende ainda, com abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da sua faculdade mediatrix.

Os Espíritos vêm com melhor vontade e sobretudo são mais explícitos com os médiuns que lhes não oferecem obstáculo material de nenhuma espécie. Sendo todas as coisas iguais relativamente às condições morais, quanto maior for a facilidade do médium para escrever ou falar, tanto mais se generalizarão as suas relações com o mundo espírita.

É preciso levar ainda em conta a facilidade que deve dar o hábito de comunicar-se com este ou aquele Espírito; o Espírito estranho se identifica, com o tempo, com o do médium e com o daquele que o chama. Pondo-se de lado a questão da afinidade, estabelecem-se entre eles relações semimateriais, que tornam as comunicações mais rápidas. É por isso que uma primeira conversa nem sempre é tão satisfatória quanto se poderia desejar; por isso também às vezes os Espíritos pedem que sejam chamados novamente. O Espírito que habitualmente vem se sente como que em casa: está familiarizado com os ouvintes e os intérpretes; fala e obra mais livremente.

Resulta, em resumo e do que acabamos de dizer, que a facilidade de evocar um Espírito qualquer não implica para este a obrigação de estar às nossas ordens; que ele poderá vir em dado momento e não em outro, pelo médium e com o evocador que lhe agrada e não com outros; que dirá o que quer e não será constrangido a dizer o que não quer; que irá embora quando lhe convier; enfim que, por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se haver mostrado assíduo durante algum tempo, poderá deixar de vir repentinamente.

Sabemos que da possibilidade de evocar os Espíritos encarnados resulta a de evocar o Espírito de uma pessoa viva.

Responderá ele então como Espírito e não como homem e freqüentem ente as suas idéias não serão as mesmas. Estas espécies de evocações requerem prudência, porque circunstâncias há em que poderiam apresentar inconvenientes.

A emancipação da alma, como se sabe, quase sempre se verifica durante o sono; ora a evocação o provoca se a pessoa não estiver dormindo ou ao menos produzirá um entorpecimento e uma suspensão momentânea das faculdades sensitivas. Haveria assim perigo se nesse momento a pessoa se achasse numa posição em que necessitasse inteiramente da sua consciência.

Outro inconveniente seria se estivesse doente, porque o mal poderia agravar-se. O perigo, ademais, é atenuado no sentido em que o Espírito conhece as necessidades do seu corpo e a isto se conforma, não ficando ausente mais do que o tempo necessário; assim por exemplo, quando vê que o corpo vai despertar, di-lo e anuncia que é forçado a se retirar. Acontece às vezes, como os Espíritos podem reencarnar na Terra, que evocamos pessoas vivas sem o suspeitarmos; nós mesmos podemos sê-lo sem nos apercebermos; porém então as circunstâncias não são as mesmas e disso nada resultaria de prejudicial.

Podemos ficar admirados por ver o Espírito dos mais ilustres homens, daqueles aos quais mal ousaríamos falar em vida, responder ao apelo das mais vulgares criaturas; isto não surpreenderá senão os que não conhecem a natureza do mundo espírita. Quem quer que o tenha estudado sabe que a posição ocupada na Terra não dá ali nenhuma supremacia e que lá o poderoso talvez esteja abaixo do que foi o seu servidor. este é o sentido das palavras de Jesus:

"Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados" e ainda: "Aquele que se humilha será exaltado e aquele que se eleva será humilhado". Assim um Espírito não pode ocupar entre os seus semelhantes a posição que lhe atribuímos; mas se for verdadeiramente superior deve ter-se despojado de todo orgulho e de toda vaidade e desde então passa a olhar o sentimento e não as exterioridades.

LINGUAGEM A MANTER COM OS ESPÍRITOS

O grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom que com eles devemos manter. É evidente que quanto mais elevados, tanto mais fazem jus ao nosso respeito, à nossa consideração e à nossa submissão. Não lhes devemos testemunhar menos deferência do que o faríamos em vida; devemos testemunhá-la por outros motivos. Se na Terra o considerávamos pela posição social, no mundo dos Espíritos o nosso respeito só se dirige à superioridade moral. A sua própria elevação os coloca acima das puerilidades das nossas formas de adulação. Não será pelas palavras que lhes captaremos a benevolência, porém pela sinceridade dos sentimentos. Seria pois ridículo darmos-lhes títulos que os nossos costumes consagram à distinção das classes e que, em vida, lhes teria talvez lisonjeado a vaidade. Se forem realmente superiores, não só não darão importância às nossas adulações, como nos demonstrarão o seu desgosto. Um bom pensamento lhes é mais agradável que os mais lisonjeiros epítetos; se assim não procedessem, não estariam acima da humanidade.

O Espírito de um venerável eclesiástico, que na Terra foi um príncipe da Igreja, homem de bem e praticante da lei de Jesus, respondeu um dia a alguém que, dando-lhe o título de monsenhor, o evocava. Devia você chamar-me ao menos de ex-monsenhor, porque aqui só Deus é Senhor;

fique sabendo que encontro aqui criaturas que na Terra se prosternavam ante mim e diante das quais eu próprio me inclino.

Referentemente à questão de saber se devemos tratar os Espíritos por tu é ela mui pouco importante. O respeito está no pensamento e não nas palavras; tudo depende da intenção ligada ao caso, pois a respeito do assunto não são Os mesmos os usos em todas as línguas. Podemos pois tratar ou não os Espíritos por tu, de acordo com a sua classe e o grau de intimidade que exista entre eles e nós, assim como o faríamos com os nossos semelhantes.

Se os Espíritos não dão importância às palavras, gostam entretanto que conheçamos o seu grau de condescendência tanto em vir quanto em nos responder. Devemos pois agradecer-lhes, como também aos que se ligam a nós e nos protegem, o que constitui um meio para que continuem. Grave erro seria supor que a forma imperativa pode ter sobre eles alguma influência: é um meio infalível de afastarmos os Espíritos. Façamos-lhes pedidos, mas não lhes ordenemos nada, uma vez que não se acham às nossas ordens e tudo quanto denota orgulho os repele. Os próprios Espíritos familiares abandonam aqueles que os desamparam e se lhes mostram ingratos.

Os Espíritos, mesmo quando não sejam de primeira categoria, nem por isso merecem menos a nossa consideração quando sobretudo revelam uma relativa superioridade. Relativamente aos Espíritos inferiores, o seu caráter nos marca a linguagem que convém para o nosso trato com eles. Entre estes alguns há que, se bem que inofensivos e até benevolentes, são levianos, ignorantes e estouvados; tratá-las como se fossem Espíritos sérios, como o fazem algumas pessoas, seria o mesmo que ajoelhar-mos ante um escolar ou de um jumento enfeitado com capelo (insígnia de doutor). O tom de familiaridade não lhes seria inadequado e eles não se formalizam: prestam-se ao contrário de boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores há os que são infelizes.

Sejam quais forem as faltas que expiam, os seus sofrimentos são títulos tanto maiores à nossa comiseração que ninguém se pode gabar de escapar àquelas palavras de Cristo: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado". A benevolência que lhes testemunhamos é para eles um alívio; na falta de simpatia, devem encontrar a indulgência que desejaríamos tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas mentiras e pela baixeza de sentimentos ou pela perfídia dos seus conselhos certamente são menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras denotam arrependimento.

Devemos-lhes ao menos a piedade que temos pelos maiores criminosos e o meio de os reduzir ao silêncio é mostrarmo-nos superiores, pois eles só se entregam às pessoas das quais pensam nada dever temer. É aqui o caso de falarmos com autoridade para os afastar, o que sempre se consegue por meio de uma vontade firme, intimando-os em nome de Deus e com o

auxílio dos bons Espíritos. Inclina-se eles perante a superioridade moral, como um culpado perante o juiz.

Em resumo, seria tanto irreverente tratar os Espíritos superiores de igual para igual, quanto ridículo seria ter para com todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos

veneração para com aqueles que o merecem, reconhecimento para com aqueles que nos assistem e protegem e para com todos uma benevolência de que um dia talvez nós mesmos tenhamos necessidade. Penetrando no mundo incorporeal, teremos aprendido a conhecê-lo e esse conhecimento nos deve orientar em as nossas relações com aqueles que o habitam.

Os Antigos, na sua ignorância, lhes levantaram altares; para nós são eles apenas criaturas mais ou menos perfeitas e não levantamos altares senão a Deus (Vede Politeísmo no vocabulário).

PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS AOS ESPÍRITOS

Se estivermos bem compenetrados dos princípios desenvolvidos até o presente momento, compreenderemos sem dificuldade a importância, sob o ponto de vista prático, do assunto de que vamos tratar; é a consequência e a aplicação e até certo ponto poderíamos prever-lhe a conclusão pelo conhecimento que nos dá a escala espírita do caráter dos Espíritos conforme a posição que ocupam. Essa escala nos oferece a medida do que lhes podemos perguntar e do que devemos esperar.

Um estrangeiro, que viesse ao nosso país na suposição de que todos os homens aqui são iguais em conhecimento e em moralidade, encontraria muitas anomalias. Tudo porém lhe estaria explicado desde o instante em que tivesse compreendido que cada um fala e escreve conforme as suas aptidões.

Dá-se o mesmo no mundo espírita. Desde que virmos os Espíritos tão distanciados entre si sob todos os pontos de vista, compreenderemos facilmente que nem todos estão aptos a resolver todas as dificuldades e que uma pergunta mal dirigida pode expor-nos a engano.

De acordo com esse princípio, convém dirigir perguntas aos Espíritos? Algumas pessoas acham que nos devemos abster e que lhes devemos deixar a iniciativa do que querem dizer. Baseiam-se em que, falando espontaneamente, o Espírito falará mais livremente, dirá apenas o que quer e assim teremos mais segurança de receber a expressão do seu próprio pensamento. Julgam elas até que é mais respeitoso esperar o ensinamento que achar conveniente dar-nos. A experiência contradiz a teoria, como tantas outras nascidas no início das manifestações.

O conhecimento das diversas categorias de Espíritos traça o limite do respeito que lhes é devido e prova que, a não ser que tenhamos a certeza de tratar com Espíritos superiores, o seu ensino espontâneo nem sempre seria muito edificante. Pondo de lado esta consideração e supondo o

Espírito suficientemente elevado para não dizer senão coisas boas, o seu ensino muitas vezes seria limitado, caso não fosse alimentado por perguntas.

Vimos inúmeras vezes sessões fracas ou nulas por falta de assunto de determinado interesse. Ora, como em definitivo os Espíritos não respondem senão aquilo que lhes convém, tomando uma atitude conveniente nós não faremos nenhuma violência ao seu livre arbítrio. Muitas vezes provocam eles próprios as perguntas, indagando: Que quer você?

Pergunte e lhe responderei. Vezes outras nos interrogam não para instruir-se, mas para nos porem à prova ou nos levar a tornar mais claro o nosso pensamento. Reduzir-nos na sua presença a um papel meramente passivo seria um excesso de submissão que eles não exigem: o que querem é a atenção e o recolhimento.

Quando, sem esperar pelas perguntas, tomam espontaneamente a palavra, como dissemos acima, ao falar das evocações, então é o caso de não os interromper e seguir a linha que eles traçam. Como porém nem sempre assim acontece, é bom a gente estar de posse, na falta de iniciativa dos Espíritos, de um tema previamente escolhido. Regra geral: quando um Espírito fala, não devemos interrompê-lo; quando manifesta por um sinal qualquer a intenção de falar, devemos esperar, e não falar senão quando temos a certeza de que ele nada mais tem a dizer.

Se, em princípio, as perguntas não desagradam aos Espíritos, algumas há que lhes são soberanamente antipáticas e das quais nos devemos abster completamente, sob pena de não obtermos resposta ou termos respostas más.

Quando dizemos que algumas perguntas são antipáticas, referimo-nos a Espíritos elevados; os inferiores não são tão escrupulosos; podemos perguntar-lhes tudo quanto quisermos sem os chocar, mesmo as coisas mais escabrosas e eles a tudo responderão como dizem eles próprios: A uma pergunta tola, uma resposta: tola. Louco seria quem os levasse a sério.

Podem os Espíritos, por vários motivos, abster-se de responder:

- 1.º A questão pode-lhes ser desagradável
- 2.º Nem sempre têm os necessários conhecimentos
- 3.º Coisas há que lhes é proibido revelar

Se, pois não satisfazem a um pedido é porque não querem, não podem ou não devem. Seja qual for o motivo, uma regra invariável é que toda vez que um Espírito recusa categoricamente responder, não devemos insistir; no caso

contrário a resposta será dada por um desses Espíritos levianos, sempre prontos a se meterem em tudo e que muito pouco se inquietam com a verdade.

Se a recusa não for absoluta, pode-se pedir ao Espírito que condescenda ao nosso desejo; às vezes ele o faz, porém nunca cede à exigência. Esta regra não se aplica aos desenvolvimentos que devemos até pedir sobre um

ponto que não estivesse suficientemente esclarecido. O Espírito, quando quer encerrar uma conversa, geralmente o indica por uma expressão assim como: adeus basta por hoje, é muito tarde, até à vista, etc. Quase sempre isto é sem apelo; a imobilidade do lápis é uma prova de que o Espírito já partiu e então é desnecessário insistir.

Dois pontos essenciais devem ser considerados nas perguntas: o fundo e a forma. Pela, se bem que sem fraseologia ridícula, devem testemunhar atenções e condescendências devidas ao Espírito que se comunica, se for superior, e nossa benevolência se for nosso igualou nosso inferior.

Sob outro ponto de vista, devem ser claras, precisas, sem ambigüidade; devemos evitar as que tenham um sentido complexo. Melhor será, se necessário, fazer duas perguntas.

Quando um assunto requer uma série de perguntas, importa que estas sejam postas em ordem, que se encadeiem e se sucedam metodicamente; por isso é sempre útil prepará-las previamente, o que aliás, como já dissemos, é uma espécie de evocação prévia, que prepara os caminhos; meditando sobre elas com a mente descansada, nós as formulamos e as classificamos melhor, obtendo assim respostas satisfatórias.

Isto não impede que, no decurso da palestra, ajuntemos perguntas complementares, nas quais nem havíamos pensado ou que podem ser sugeridas pelas respostas; mas o quadro ficará sempre traçado e é o essencial; o que devemos evitar é passar abruptamente de um a outro objetivo, por meio de perguntas que se não encadeiam, lançadas de permeio ao assunto principal. Acontece às vezes também que algumas perguntas preparadas antecipadamente, na previsão de determinadas respostas, se tornam inúteis e, neste caso, devemos passar adiante.

Um fato que se verifica muito freqüentemente é que por vezes a resposta se adianta à pergunta e que, apenas pronunciadas as primeiras palavras, o Espírito responde sem deixar que terminemos; às vezes mesmo ele responde a um pensamento expresso em voz baixa por algum dos assistentes, sem que tenha sido feita uma pergunta e à revelia do médium. Se não tivéssemos a cada instante a prova manifesta da absoluta neutralidade dê te último, fatos dessa natureza não poderiam deixar a mais leve sombra de dúvida acerca do assunto.

Em relação à essência, as perguntas merecem, conforme o objetivo, uma atenção especial. As perguntas frívolas, de pura curiosidade ou de provas, são as que desagradam aos Espíritos sérios: elas os afastam ou eles as respondem. Os Espíritos levianos se divertem com elas.

As perguntas de provas ordinariamente são feitas por aqueles que ainda não têm uma convicção adquirida e que procuram assim assegurar-se da existência dos Espíritos, da sua perspicácia e da sua identidade. Isto, sem dúvida, é natural da sua parte, porém foge inteiramente do seu objetivo e a insistência sobre o ponto é devida à sua própria ignorância das bases em que repousa a ciência espírita, bases inteiramente diferentes daquelas das ciências experimentais.

Aqueles pois que desejam instruir-se devem resignar-se a seguir uma via completamente diversa e a pôr de lado os nossos processos clássicos. Se acreditam não poder fazê-lo senão experimentando-os a seu modo, melhor seria que se abstivessem.

Que diria um professor a quem um aluno pretendesse impor o seu método, que quisesse ensiná-lo a agir dessa ou daquela maneira e fazer as experiências como bem lhe aprouvesse? Ainda uma vez a ciência espírita tem os seus princípios; os que querem conhecê-la devem conformar-se com ela; caso contrário, não se poderão dizer aptos para julgá-la. No que se refere à questão das provas, esses princípios são os seguintes:

1.º Os Espíritos não são máquinas que podemos usar a nosso bel-prazer: são seres inteligentes que não fazem nem dizem senão aquilo que querem e que não podemos sujeitar aos nossos caprichos.

2.º As provas que desejamos ter da sua existência, da sua perspicácia e da sua identidade, eles próprios as dão espontaneamente e de bom grado em muitas ocasiões; porém as dão quando o querem e de maneira por que o querem; a nós nos compete esperar, ver, observar e as provas não nos faltarão então: é necessário colhê-las de passagem; se quisermos provocá-las é então que nos escapam e nisto os Espíritos nos provam a 'sua independência e o seu livre arbítrio.

Esse princípio é o que, ademais, rege todas as ciências de observação. Que faz por exemplo o naturalista que estuda os costumes de um inseto? Acompanha-o em todas as manifestações da sua inteligência ou do seu instinto; observa o que se passa, mas espera que os fenômenos se apresentem; não pensa em os provocar nem em lhes desviar o curso; aliás sabe que se o fizesse não os teria mais na sua natural simplicidade. Dá-se o mesmo com relação às observações espíritas.

Conformem ente ao que agora sabemos, compreende-se que não basta que um Espírito seja sério para resolver ex-professo qualquer questão séria; também não basta, como já dissemos, que tenha sido um cientista na Terra para resolver todas as questões de ciência, uma vez que ainda pode estar imbuído de preconceitos terrestres; é preciso que seja suficientemente elevado ou que o seu desenvolvimento como Espírito se tenha realizado no âmbito das idéias que lhe queremos submeter e esse desenvolvimento por vezes é bem diverso daquele que lhe pudemos observar em vida; mas também muitas vezes acontece que outros Espíritos mais elevados venham em auxílio daquele que interrogamos e lhe supram a deficiência. Isto acontece sobretudo quando a intenção do interpelante é boa, pura e sem segunda intenção.

Em suma, a primeira coisa a fazer, quando nos dirigimos pela primeira vez a um Espírito é aprender a conhecê-lo, a fim de podermos julgar da natureza das perguntas que, com mais segurança, lhe possamos dirigir.

Os Espíritos em geral dão pouca importância às questões puramente de interesse material e às que se relacionam com as coisas da vida particular. Seria pois engano pensar que temos neles guias infalíveis aos quais podemos consultar a cada momento sobre o caminhar e o resultado dos

nossos negócios. Repetimo-lo mais uma vez: os Espíritos levianos respondem a tudo; predizem até, se o quisermos, a alta e a baixa da Bolsa, dirão se o marido esperado será louro ou moreno, etc. Tanto melhor será se o acaso lhes der razão.

Não incluímos, em o número das questões frívolas, todas as que têm cunho pessoal; o bom senso nos levará a uma apreciação. Porém os Espíritos, que melhor nos podem guiar nesse terreno, são os familiares, os encarregados de velar por nós e que, pelo hábito de nos acompanhar, estão identificados com as nossas necessidades e, sem contradita, conhecem os nossos negócios melhor do que nós próprios. É pois a eles que devemos perguntar essas coisas e ainda devemos fazê-lo com calma, recolhimento e por um apelo sério à sua benevolência e não levianamente. Fazer porém o pedido à queima-roupa e ao primeiro Espírito que se apresenta seria o mesmo que nos dirigirmos ao primeiro indivíduo que encontrássemos em o nosso caminho.

Os nossos Espíritos familiares podem pois esclarecer-nos e em muitas circunstâncias o fazem de maneira eficaz; porém a sua assistência nem sempre é patente e material; na maioria dos casos é oculta; ajudam-nos por uma porção de avisos indiretos que provocam e dos quais infelizmente nem sempre nos damos conta, do que resulta que muitas vezes só de nós mesmos nos devemos queixar por nossas tribulações.

Eles, quando os interrogamos em certos casos, podem dar-nos conselhos positivos; porém em geral se limitam a mostrar-nos o caminho e recomendar que não nos choquemos, para o que têm motivo duplo. Primeiro, porque as tribulações da vida, quando não resultam de faltas propriamente nossas, fazem parte das provas ,que devemos suportar; podem eles ajudar-nos a sofrê-las com coragem e resignação, mas não lhes cabe desviá-las; em segundo lugar se nos guiaram pela mão a fim de evitarem todos os escolhos, que faríamos do nosso livre arbítrio? Seríamos como crianças mantidas nos andadores até a idade adulta: "Aí está o caminho; siga a boa trilha: inspirar-lhe-ei o que deve preferir, porém sirva-se do seu raciocínio como a criança se serve das pernas para andar".

Podem os Espíritos predizer o futuro? É uma pergunta que não escapa a todo novato. Diremos apenas uma palavra.

A Providência foi sábia por ocultar-nos o futuro. Quantos tormentos nos são poupados por o não conhecermos! Se o conhecêssemos, abandonar-nos-íamos cegamente ao nosso destino e nos abdicaríamos de qualquer iniciativa. Os próprios

Espíritos não o conhecem a não ser em proporção da sua elevação e por isso os Espíritos inferiores, que sofrem, julgam sofrer sempre; quando o conhecem, não o devem revelar.

Entretanto às vezes podem levantar a ponta do véu que o cobre; mas então o fazem espontaneamente, por considerá-lo útil; nunca ao nosso pedido. bá-se o mesmo com o nosso passado. Insistir nesse ponto, como sobre outros, quando eles se recusam a responder, é tornar-se joguete dos mistificadores.

Não poderíamos passar revista a toda a variedade de perguntas que é possível fazer sem reproduzir aqui o que está contido em O LIVRO DOS ESPÍRITOS. A ele remetemos o leitor para o desenvolvimento de tudo quanto diz respeito ao futuro, às existências anteriores, às descobertas, aos tesouros ocultos, às ciências, à medicina, etc.

MÉDIUNS REMUNERADOS

Não conhecemos ainda médiuns escreventes dando consultas a tanto por sessão; como talvez isso aconteça, diremos algumas palavras a propósito do assunto. Começaremos por dizer que nada se prestaria mais à charlatanice e enganos

do que semelhante mister. Se vimos os falsos sonâmbulos, veremos em maior número os falsos médiuns e só isto basta como motivo para desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais categórica que se possa opor àqueles que nos fatos apenas vêem uma manobra hábil. Não há charlatanismo desinteressado. Qual seria o objetivo das pessoas que usassem a intrujice sem proveito? Assim com mais forte razão quando a sua reconhecida honorabilidade as coloca acima de suspeição. Se o ganho que um médium consegue da sua faculdade pode ser motivo de suspeição, não seria prova de que a suspeita tivesse fundamento; poderia pois ter uma aptidão real e agir de muito boa fé, se bem que fazendo com que lhe paguem. Vejamos se, neste caso, é possível esperar razoavelmente um resultado satisfatório.

Se foi bem compreendido o que dissemos acerca das condições necessárias para servir de intérprete aos bons Espíritos, das numerosas causas que os podem afastar, das circunstâncias independentes da sua vontade, que, às vezes constituem um obstáculo à vinda deles; enfim de todas as condições morais que podem exercer influência em a natureza das comunicações, como poderíamos supor que um Espírito, por menos elevado que fosse, estivesse continuamente às ordens de um vendedor de consultas e submetido às suas exigências para satisfazer a curiosidade do primeiro que chegasse?

Sabemos da aversão dos Espíritos por tudo quanto cheira a cupidez e a egoísmo, o pouco caso para com as coisas materiais e haveríamos de querer que eles nos ajudassem a traficar com a sua presença! Isto repugna ao pensamento e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para pensar que assim pudesse ser. Como porém os Espíritos levianos são menos escrupulosos e apenas procuram ocasião para divertir-se à nossa custa, o resultado é que se não formos mistificados por um falso médium, teremos toda oportunidade de o ser por alguns entre os médiuns.

Só estas reflexões nos dão a medida do grau de confiança que deveríamos depositar em comunicações desse gênero. Aliás para que serviriam hoje os médiuns remunerados se, em falta da nossa própria faculdade, poderemos

descobri-la o inconveniente que acabamos de assinalar não é o mesmo quando se trata de manifestações puramente físicas.

A natureza dos Espíritos comunicantes o torna, nessas circunstâncias, facilmente compreensível; contudo como a faculdade dos médiuns de influência física nem sempre está à sua disposição, às vezes poderia faltar àquele que a deveria exibir em hora certa para satisfazer ao público. A faculdade medianeira, mesmo dentro desse limite, não nos foi dada para exibição e quem quer que pretenda ter os Espíritos às suas ordens, ainda que os das mais baixas camadas, para os obrigar a agir a todo instante, pode razoavelmente ser suspeito de charlatanismo e de prestidigitação mais ou menos hábil. Tomemos como o sendo sempre que virmos anúncios de pretensas sessões de Espiritismo a tanto por cadeira.

CAPÍTULO 09

ASSUNTOS DE ESTUDO

Quando se evocam parentes e amigos ou algumas personagens célebres, com o objetivo de se compararem as suas opiniões de além-túmulo com as que tinham em vida, às vezes se fica atrapalhado para sustentar a conversação, a não ser que se caia na banalidade e nas coisas fúteis.

Pode pois ser útil indicar-se a fonte em que podemos tomar os temas de observação, ilimitados por assim dizer.

O mundo espírita, como se viu, apresenta tantas variedades, sob o ponto de vista intelectual e moral, quanto a humanidade. Devemos até dizer que é muito maior, uma vez que, seja qual for a distância que separa os homens na Terra, do primeiro ao último elo, há Espíritos aquém e além desses mesmos elos.

Para se conhecer um povo é necessário vê-lo da base ao topo, estudá-lo em todas as fases da vida, sondar as suas idéias, perquirir os seus hábitos particulares, numa palavra fazer-lhe, por assim dizer, a dissecação moral. Só podemos descobrir as analogias e as anomalias, e, por comparação, firmar um julgamento por comparação, multiplicando as observações. Quem poderá contar os volumes escritos acerca de etnografia, antropologia e do coração humano? Entretanto estamos ainda muito longe de tudo haver dito.

Aquilo que se fez com relação aos homens pode ser feito com relação aos Espíritos. É este o único meio de aprender a conhecer aquele mundo, que nos interessa tanto mais quanto a morte, a que todos estamos sujeitos, a ele nos conduz pela própria força das coisas. Ora, aquele mundo se nos revela pelas manifestações inteligentes dos Espíritos.

Podemos pois interrogar os habitantes deles, de todas as classes, não já somente acerca das generalidades, mas acerca das particularidades da sua existência de além-túmulo e por aí julgar o que nos espera conforme a nossa própria conduta na Terra. Até o presente o destino que nos estava reservado não era senão objeto de ensino teórico. As manifestações

espíritas no-lo mostram a nu, permitem-nos tocá-lo e vê-lo através das mais surpreendentes provas, cuja realidade não poderia ser posta em dúvida por quem quer que o encare com olhos perscrutadores. É a essa realidade que, pela direção dos estudos, queremos proporcionar os meios de verificação.

Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente útil pelos ensinamentos que nos trazem, a dos Espíritos vulgares não o é menos, posto sejam eles incapazes de resolver questões de maior alcance. Eles próprios, por sua inferioridade, se retratam, e, quanto menor for a distância que nos separa deles, tanto mais aí encontramos correspondência com a nossa própria situação. É, pois do mais alto interesse, sob o duplo ponto de vista psicológico e moral, estudar a posição daqueles que foram os possos contemporâneos, que palmilharam ao nosso lado o caminho da vida, cujo caráter, aptidões, vícios e virtudes conhecemos, ainda que fossem criaturas muito obscuras. Compreendemo-los melhor, porque estão em o nosso nível; às vezes nos oferecem traços característicos do mais alto interesse; diremos ainda que é nesse círculo, de algum modo íntimo, que a identidade dos Espíritos se revela, sobretudo de maneira menos contestável. É, como se vê, uma mina inesgotável de observação, ainda que considerando apenas os homens cuja vida apresenta alguma particularidade em relação ao gênero de morte, à ida, de, às boas ou más qualidades, à posição feliz ou infeliz na Terra, os hábitos, o estado mental, etc.

O quadro dos estudos se amplia com os Espíritos elevados; além das questões psicológicas que têm determinado limite, é possível propor-lhe uma porção de problemas morais que se estendem ao infinito sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a ter nesta ou naquela circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos, etc. O valor da instrução que se recebe acerca de um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; a nós compete julgá-lo.

Podemos solicitar dos Espíritos superiores, além das perguntas propriamente ditas, dissertações sobre determinados assuntos ou por eles escolhidos numa lista que lhes podemos apresentar. Podemos assim tomar para assunto as qualidades, os vícios e os desvios da sociedade, como a avareza, o orgulho, a preguiça, o ciúme, o ódio, a cólera, a caridade, a modéstia, etc. Espíritos um pouco menos elevados, mas inteligentes, podem tratar de maneira feliz assuntos menos sérios, mas não menos interessantes. Outros enfim podem, conforme a sua aptidão e a facilidade de execução que lhes ofereça o médium, ditar obras de fôlego.

A maneira de fazer perguntas e as coordenar é, como acabamos de ver, uma coisa essencial. Acerca disto se encontrarão numerosos ensinamentos nos artigos publicados na Revista Espírita, com o título de Palestras Familiares de Além-túmulo. Podem ser tomadas como exemplo do caminho a seguir nas relações que queiramos estabelecer com os Espíritos.

CAPÍTULO 10

CONSELHOS AOS PRINCIPIANTES

Repousa o conhecimento da ciência espírita numa convicção moral e numa convicção material; a primeira é adquirida pelo raciocínio; a segunda, pela observação dos fatos. Para o principiante seria lógico primeiro ver e depois raciocinar; infelizmente nem sempre pode ser assim. Seria impossível fazer um curso prático de Espiritismo como se faz um curso prático de Física ou de Química. Podemos à vontade reproduzir os fenômenos que pertencem ao âmbito destas duas ciências: procedendo do simples ao complexo, podemos fazê-los passar por gradações aos olhos do aluno.

O mesmo não se dá com os fenômenos espíritas: não os manejamos como uma máquina elétrica; é preciso tomá-los como eles se apresentam, porque não depende de nós traçar-lhes uma ordem metódica. Resulta daí que muitas vezes são eles ininteligíveis ou pouco concludentes para os principiantes; podem espantar sem convencer ninguém.

É possível contornar esse inconveniente seguindo caminho contrário, isto é, começando pela teoria. É o que aconselhamos a todos quantos queiram seriamente esclarecer-se. Adquirimos, pelo estudo dos princípios da ciência, perfeitamente compreensíveis sem experimentação prática, uma primeira convicção moral, que necessita apenas de corroboração pelos fatos; ora, como nesse estudo preliminar todos os fatos foram passados em revista e comentados, daí provém que, quando os vemos, os compreendemos, seja qual for a ordem na qual as circunstâncias nos permitam observá-los.

Em as nossas três publicações procuramos reunir todos os elementos necessários para esse efeito, encarando a ciência sob todos os aspectos e dando a propósito dos vários pontos as explicações que comporta o estado atual dos conhecimentos. Uma leitura atenta dessas obras seria pois uma primeira iniciação que permitiria esperar os fatos ou daria os meios de os provocar com conhecimento de causa, desde que a isso nada se opusesse, sem que nos perdêssemos em ensaios que, por não terem sido conduzidos dentro dos limites do possível, poderiam ser infrutíferos.

Nesta Instrução Prática se encontram os princípios fundamentais necessários aos principiantes; na Revista Espírita, além de longos desenvolvimentos, há uma variedade considerável de fatos e de aplicações; enfim em o, O Livro dos Espíritos, há o próprio ensino dos Espíritos acerca das questões de metafísica e de moral que se ligam à doutrina espírita.

CAPÍTULO 11

INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO

Os adversários do Espiritismo a princípio empregaram contra ele as armas do ridículo e sem cerimônia taxaram como loucos todos os seus partidários. Essa arma não se embota apenas, começa ela própria a

tornar-se ridícula, tanto aumenta, em todos os países, o número de supostos loucos e porque seria necessário mandar aos hospícios os homens que, pelo saber e posição social, são os mais eminentes. Então trocaram as baterias: tomaram um tom humanidade por essa doutrina cujos perigos exaltaram, sem atentar que, proclamando o perigo de uma coisa, verificavam a realidade dela. Se o Espiritismo é uma quimera, por que tanta canseira? É combater moinhos de vento; deixai-o tranqüilo e ele morrerá por si mesmo. Eis porém que, em vez de morrer, se propaga com incrível rapidez e os seus adeptos se multiplicam em todos os pontos do globo de tal maneira que se isto continua haverá em breve mais loucos do que gente sã.

Ora, quem contribuiu para esse resultado? Foram os próprios adversários que, sem o querer, lhe fizeram a propaganda; as suas diatribes tiveram o efeito do fruto proibido. Cada disse de si para consigo: "Se, se encarniçam assim contra o monstro, é porque o monstro existe". É um raciocínio muito lógico. Levados pela curiosidade, quiseram vê-lo, nem que fosse a ponto de dedo e arregalando os olhos. Obrigaram assim muita gente a pensar que, sem isso e não tendo ouvido falar do assunto, nunca se teriam ocupado da matéria.

Se o Espiritismo é uma realidade, é porque está na natureza, não é uma teoria, uma opinião, um sistema: são os fatos. Se é perigoso, é necessário dar-se-lhe uma direção.

Não se suprime um rio - retifica -se -lhe o curso. Vejamos pois, em rápidas palavras, em que consistem esses supostos perigos.

Dizem que pode produzir uma impressão prejudicial às faculdades mentais. No decurso desta obra já nos explicamos suficientemente acerca da verdadeira fonte deste perigo, que vem precisamente daqueles que julgam combatê-lo inoculando nos cérebros fracos a idéia do diabo ou do demônio.

É verdade que a exaltação pode também vir em sentido oposto; mas, pondo-se de lado qualquer idéia de Espiritismo, não se vê nenhum cérebro desarranjado por falsa apreciação das mais santas das coisas? Os jornais relataram ultimamente o caso de uma jovem camponesa que, tomando o Evangelho ao pé da letra: Se a tua mão é causa de escândalo, corta-a, decepou o punho a machadadas. Devemos concluir daí que o Evangelho seja perigoso? O fato de a mãe matar os filhos para fazê-los entrar no Paraíso prova que seja perigosa a idéia de Paraíso?

Citam-se números para apoiar o preconceito contra o Espiritismo. Dizem por exemplo que nos Estados Unidos se contam, apenas numa região, quatro mil casos de loucura causada por essas idéias. Para começar perguntamos aos que divulgam fatos desse gênero em que fonte os colheram?

A estatística é autêntica? Cremos que os tiraram de jornais daquele país, os quais, como todos os adversários, julgando-se com o monopólio do bom senso, consideram como cérebros doentes todos aqueles que acreditam nas manifestações espíritas. Não é de admirar que, com semelhante

sistema, hajam encontrado quatro mil, número esse que até nos parece mui modesto, porque hoje eles se contam por centenas de milhares. Que se construam então hospícios para todo o mundo!

Há um ponto que não merece exame sério. Vejamos uma acusação muito mais grave.

Alegam algumas pessoas que o Espiritismo arruína a religião. Muita razão tem quem disser que não há nada mais perigoso do que um amigo desastrado. Aquelas pessoas não pensam que, fazendo uma afirmação assim, atacam elas próprias a religião nos seus fundamentos: a sua eternidade.

Como! uma religião estabelecida por Deus seria comprometida por alguns Espíritos batedores! Credes então no poder desses Espíritos que, segundo vós, em outras ocasiões, não passam de quimeras! Ao menos sejais coerentes convosco próprios: se esses Espíritos são mitos, por que os temeis? Se existem, de duas coisas, uma: ou os tende na conta de muito poderosos ou julgais que a religião é muito fraca. Escolhei.

Direis vós: mas não tememos os Espíritos, não cremos neles; só tememos as falsas doutrinas do que os preconizam.

Vá que assim seja; porém na vossa opinião são loucos aqueles que acreditam nos Espíritos. Então vós tendes medo de que os loucos destruam a Igreja! Escolhei ainda. Quanto a nós, diremos que os que assim falam não têm fé, porque é dar demonstração de não ter fé acreditar alguém que, por causas tão frágeis, seja vulnerável uma religião da qual disse Jesus: As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Vejamos entretanto em que a doutrina é contrária aos princípios religiosos. Que ensinam esses mesmos Espíritos havidos por perigosos? Ensinam isto: Amai a Deus acima de todas, as coisas e ao próximo como a si mesmo. Amai-vos

uns aos outros como irmãos. Perdoai os vossos inimigos.

Esquecei as ofensas. Fazei aos outros, o que quereríeis que vos fizessem. Não vos contenteis em não fazer o mal: fazei o bem. Suportai com paciência e resignação as penas da vida. Bani do vosso coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ódio, o ciúme. Ensinam ainda: Dá-vos Deus os bens da Terra para que deles façais bom uso e não para gozar deles como avaros. A sensualidade vos rebaixa ao nível dos brutos.

Mas Jesus ensinou também tudo isso que aí fica dito.

A sua moral é pois a do Evangelho. Ensinam eles o dogma da fatalidade? Não: proclamam que o homem é livre em todos os seus atos e responsável por suas obras. Ensinam que pouco nos há de importar a nossa conduta aqui na

Terra e que o destino é o mesmo depois da morte? Não, absolutamente: reconhecem eles as penas e as recompensas futuras. Vão mais adiante: tornam-nas patentes, porque são os próprios seres felizes ou infelizes que nos vêm pintar os seus sofrimentos ou as suas alegrias. É verdade que os não explicam exatamente como no vosso meio; não admitem um fogo

material para queimar eternamente as almas imateriais; porém que importa a forma, se a essência existe?

Se pretendem que a forma seja mais importante do que a essência e o sentido figurado superior ao sentido próprio isto então de nada valerá.

As crenças religiosas não passaram por muitas modificações acerca de muitos pontos das Escrituras, principalmente acerca dos seis dias da criação, que sabemos muito bem não serem mais seis vezes vinte e quatro horas, mas talvez seis vezes mil anos; acerca da ancianidade do globo terrestre; acerca do movimento da Terra em redor do Sol?

O que antigamente era considerado como uma heresia digna do fogo terreno e do fogo celeste e como que o aniquilamento da religião, já não é admitido pela Igreja desde que a ciência positiva nos veio demonstrar, não o erro do texto, mas a falsa interpretação que lhe haviam dado?

Processa-se o mesmo com relação ao inferno, que ela não mais coloca nos lugares baixos da Terra, já que os alcançamos com olhos investigadores: a alta teologia admite cabalmente a existência de um fogo moral; ela não assinala mais um lugar determinado ao purgatório, uma vez que foram sondadas as profundezas do espaço e penso que ele bem poderia estar por toda a parte, até ao nosso lado.

A religião não sofreu por isso; ao contrário, ganhou por não chocar-se contra a evidência dos fatos. É preciso não a julgar pelo que ainda ensinam nas escolas de aldeia, onde as doutrinas superiores não seriam compreendidas.

O alto clero está agora mais esclarecido do que geralmente se pensa e em muitas ocasiões provou que sabe, de acordo com as necessidades, transpor a rotina da tradição e dos preconceitos. Existem porém criaturas que querem ser mais religiosas do que a religião e a rebaixam pela estreiteza dos seus pontos de vista. Para estas a forma é tudo e até ultrapassa a moral do Evangelho, que praticam muito pouco: são estas as que lhe causam maiores males. Em que seria pois pernicioso a doutrina espírita? Ela explica aquilo que era inexplicável; demonstra a possibilidade do que se pensava ser impossível; prova a utilidade da prece; apenas diz que a prece do coração é a única eficaz e que as dos lábios não passam de simulacro.

Quem ousaria sustentar o contrário? A não eternidade das penas! A reencarnação! Eis a grande pedra de escândalo! Porém se nunca os fatos foram tão patentes e tão vulgares quanto o movimento da Terra em torno do Sol, será preciso torná-los evidentes, como se fez com o resto; certamente buscando desde já, seria menos difícil concordar que não se acredita. Não haja pois pressa em se pronunciar uma sentença que talvez fosse muito precipitada: aproveitemos as lições da História. o maior inimigo da religião é o materialismo e este não tem mais rude adversário do que a doutrina espírita.

O Espiritismo já trouxe ao Espiritualismo muitos materialistas obstinados, que até então haviam resistido a todos os argumentos teológicos. É que o Espiritismo faz mais do que argumentar: torna as coisas patentes. É ele

pois o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas, porque dá ao homem a convicção do seu destino futuro, e, neste sentido, deve ser acolhido como um benefício para a humanidade.

Reanimou em muitos corações a fé na Providência, fez nascer a esperança em substituição à dúvida. Fez mais: arrancou mais de uma vítima ao suicídio, restabeleceu a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios.. amorteceu paixões brutais, desarmou a vingança e levou a resignação às almas sofredoras.

É subversivo da ordem social e da moral pública? Uma doutrina que condena o ódio e o egoísmo, que prega o desinteresse, o amor do próximo sem exceção de seitas e de castas, não pode excitar as paixões hostis e seria desejável para o repouso do mundo e para a felicidade do gênero humano que todos os homens compreendessem e praticassem esses princípios: eles nada deveriam temer uns dos outros.

Eis a onde a loucura do Espiritismo conduz aqueles que, aprofundando-se nos mistérios, vêem nas manifestações alguma coisa mais do que mesas girantes e demônios que batem.